

ALESSANDRO
ELOY BRAGA

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

ALESSANDRO
ELOY BRAGA

RENATO RUSSO

lirismo e esclarecimento

Brasília-DF | 2024

Copyright © 2024 by Alessandro Eloy Braga

ASSISTENTE DE PESQUISA:

Tiago Nascimento de Carvalho

PROJETO GRÁFICO, DIAGRAMAÇÃO e CAPA:

UOW Mídias

REVISÃO TEXTUAL:

Gustavo Rodrigues Rabelo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Ficha catalográfica feita pelo autor)

Braga, Alessandro Eloy, 1973-

Renato Russo: lirismo e esclarecimento [recurso eletrônico] /

Alessandro Eloy Braga – Brasília: Edição do autor, 2024.

Dados eletrônicos (1 arquivo)

[200] páginas. : il ; 14cm. 220 p. ; 21cm

Modo de acesso: World Wide Web

Arquivo de texto formato PDF.

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions.

ISBN 978-65-01-00925-4

1. Renato Russo 2. Ensaio 3. Crítica literária

I. Braga, Alessandro Eloy II. Título

CDD B869.939

CDU 82.09

Índice para catálogo sistemático:

1. Renato Russo : Ensaio : Crítica literária brasileira B869.939

2024

Todos os direitos desta edição reservados ao autor.

SUMÁRIO

Apresentação / 4

Pressupostos do esclarecimento / 10

Pressupostos do lirismo / 40

O lirismo de Renato Russo
e o percurso do esclarecimento / 59

“Luz e sentido e palavra” / 135

Um poema à parte:
“A canção do senhor da guerra” / 147

Olhares sobre
a poética de Renato Russo / 154

“E depois do começo,
o que vier vai começar a ser o fim” / 179

Referências Bibliográficas / 187

Fragmentos / 193

APRESENTAÇÃO

Inicialmente, quero esclarecer que, nos ensaios e nos capítulos que se seguirão, me referirei à *poesia* e ao *lirismo* como sendo a mesma coisa. Da mesma forma, chamarei de *poema* cada uma das letras de canção de Renato Russo. Isto porque, além de ver, em seus textos, todos os requisitos artísticos literários que os identifiquem com outros textos do século XX, já historicamente considerados como poesia, desconsiderarei suas relações com as melodias dos arranjos musicais que a eles se somam e que podem fazer destes letras feitas para integrarem canções.

Na leitura dos poemas, não considerarei aspectos da vida de Renato Russo. Também não lerei os poemas relacionando-os com os contextos históricos de quando foram escritos. Farei uma leitura livre e abordando apenas o que os poemas me dizem e relacionando-os com o esclarecimento. Por isso, o que me proponho a fazer é diferente

de todos os estudos com que tenho me deparado sobre a obra poética de Renato Russo, pois estes sempre, de uma maneira ou de outros, buscam sentidos e significados para os poemas relacionando-os à biografia do poeta ou colocando-os como expressões de contextos históricos.

A abordagem que darei à poesia de Renato Russo se origina na tese de que os poemas compostos por ele estabelecem, na estrutura profunda, um eixo temático fundamentado no percurso pelo qual passa o eu-lírico em seu processo para atingir a maioridade intelectual e emocional: o pleno esclarecimento.

No pleno esclarecimento, o eu-lírico compreende completamente a submissão do mundo à manipulação de um ‘Sistema’ que se constitui como a força maior e quase imperceptível que rege os rumos individuais e coletivos da sociedade humana. No pleno esclarecimento, o eu-lírico se torna capaz de revelar o poder deste ‘Sistema’ sobre si mesmo e sobre todas as pessoas.

Em sua caminhada para o amadurecimento racional e emocional, o eu-lírico de Renato Russo realiza ponderações sobre inú-

meros temas relacionados, principalmente, com acontecimentos pessoais da vida deste eu-lírico e inquietações sobre aspectos do mundo coletivo.

Embora, à primeira vista, estas reflexões pareçam ter um caráter apenas pessoal, através do poder da especificidade da linguagem literária e do lirismo, tais reflexões e temas alcançam a universalidade e a atemporalidade, se caracterizando como questões essenciais e que podem estar presentes na vida de todos e a qualquer tempo. Basta lembrar que, como afirmou Octávio Paz,

o poema expressa realidades alheias à modernidade, mundos e estratos psíquicos que não só não são mais antigos como impermeáveis às mudanças históricas.¹

Leitor de Nietzsche, Renato Russo acaba por trazer o pensamento do “eterno retorno do mesmo” para o cerne de sua obra poética, explorando a ideia de que o processo da vida é formado por um devir, um repetitivo processo de controle que não cessa e se apre-

¹ PAZ (1993, p. 142).

senta em situações que se repetem de geração em geração sem que quaisquer mudanças significativas aconteçam na estrutura profunda das engrenagens deste Sistema.

Se o esclarecimento torna o eu-lírico capaz de ver as verdades que se escondem na escuridão e na cegueira que domina e subjuga a grande maioria das pessoas, são as consequências desta maturidade racional e emocional que vão, aos poucos, modificando este indivíduo esclarecido, fazendo-o passar por estágios que, cada vez mais, o conduzem a um crescente sofrimento marcado pela desilusão e a desesperança diante de sua impotência em transformar o mundo para bem, até a sua tristeza e a solidão tardias, processo este pelo qual o indivíduo esclarecido passa com plena consciência de tudo.

Isto mostra que o esclarecimento é algo ambíguo em sua essência: se *a priori* ele parece ser um prêmio, *a posteriori*, com o passar do tempo, ele se revela um fardo que poucos conseguem carregar durante a vida. Ocorre que o indivíduo esclarecido assisti a todas as mazelas e à maldade do mundo de olhos abertos, iluminados, sensíveis e conscientes, ten-

tando ajudar as demais pessoas a também se esclarecerem, enquanto a maioria das pessoas passa cegamente e tendo olhos voltados apenas para seus interesses pessoais e a mente voltada para o fluxo do Sistema.

O esclarecimento propicia sim um estado de liberdade, mas uma liberdade possível apenas na mente do indivíduo esclarecido e da qual, mesmo sofrendo, aquele que se esclarece não quer abrir mão.

É sobre este estado de esclarecimento e iluminação que Renato Russo constrói sua poesia publicada nos álbuns da banda Legião Urbana. De forma que o percurso de seus poemas leva o eu-lírico da resistência juvenil e a vontade de provocar uma revolução coletiva até a desesperança e à solidão experimentadas na certeza da imutabilidade do Sistema.

Não pretendo que leituras aqui serão feitas sejam tomadas como verdades definitivas ou única possibilidade de atribuição de sentido aos textos. Muito pelo contrário. Desejo que as relações de sentido que atribuo sejam tomadas apenas como mais uma possibilidade de leitura de uma poesia que sei estar muito além de apenas poemas isolados.

Vejo os poemas de Renato Russo como peças de uma estrutura maior que corresponde a uma obra complexa, como se fosse um projeto de expressão com o intuito de disseminar a importância e a urgente necessidade de seu público também se esclarecer. É certo que não é possível afirmar que ele fez isso de maneira deliberada, mas não cabe a nós dizer suas intenções. Cabe-nos apenas ler sua obra como nossos olhos e resignificá-la com nossa recepção.

Sei que Renato Russo não era apenas um simples compositor de rock como há muitos. Sei que sua poesia não pode ficar limitada ao datado estereótipo de porta voz de uma geração. Sua obra é muito maior que os protestos do Rock Brasília dos anos 1980. Ele era um grande poeta que dominou com excelência a tecitura de versos e fez deles instrumentos para contribuir para conscientização de seu público acerca das verdades escondidas da realidade do mundo.

Isto posto, iniciemos nosso trajeto de leitura pela presença do esclarecimento no lirismo de Renato Russo.

Alessandro Eloy Braga

1.

PRESSUPOSTOS DO ESCLARECIMENTO

*Ousa ser sábio.
Cabe à energia da coragem
combater os impedimentos que,
tanto a inércia da natureza,
quanto a covardia do coração,
opõem à instrução.*
Friedrich Schiller²

O esclarecimento é uma ação que não necessita ser prática, não precisa resultar em um produto concreto, manufaturado e palpável. Ele é, em essência, uma ação existente no mundo das ideias. Consiste, a priori, na tomada de consciência das coisas: usar a razão para conseguir retirar a si mesmo das profundezas da ignorância para emergir, enfim, para o questionamento que leva ao entendimento e à compreensão do arranjo das en-

² KANT et al (2011, p. 97).

grenagens do funcionamento do ser e do fazer social humano.

Para Mendelssohn³, o esclarecimento está, irreversivelmente, entrelaçado à cultura e a junção destes dois, no consciente do indivíduo, leva à formação:

A formação subdivide-se em *cultura* e *esclarecimento*. A cultura parece mais orientada para o elemento *prático*: (objetivamente) para o bem, o refinamento e a beleza nos trabalhos manuais, para as artes e os costumes sociais; (subjetivamente) para a habilidade, a diligência e a astúcia nos trabalhos manuais e para as pulsões e hábitos nas artes e nos costumes sociais. [...] O esclarecimento, ao contrário, parece se relacionar mais com a dimensão teórica, com o conhecimento racional (objetivamente) e com a habilidade para a reflexão racional sobre as coisas da vida humana (subjetivamente), de acordo com a sua importância e influência para os propósitos humanos. [...]

O esclarecimento relaciona-se com a cultura, tal como a teoria se relaciona em geral com a práxis, o conhecimento com a moralidade e a crítica com o virtuosismo.

³ MENDELSSOHN, in KANT et al (2011, p. 16-17).

Destas reflexões de Mendelssohn, é possível inferir que a cultura pode ser vivida sem o esclarecimento, porque ela atua no âmbito da técnica a partir da acumulação de informações e experiências utilizadas diariamente sem que haja qualquer tipo de reflexão crítica ou moralidade lançada sobre elas. A cultura pode ser apenas replicada tal como uma receita, levando sempre a um mesmo produto, sem que haja intervenções criativas ou críticas sobre ela. É por isso que qualquer pessoa pode vivenciar a cultura em graus diferentes todos os dias no cotidiano, seja nos afazeres do trabalho, seja na audição de músicas, seja na mesa de bar, seja em casa, sem que quaisquer destes momentos culturais levem a algum lugar além do mero entretenimento ou a resultados rotineiros, repetidos e esperados.

Por outro lado, o esclarecimento abarca a cultura, porque faz uso dela como objeto de análise crítica, criação criativa e destrinchamento. O esclarecimento não é fazer as coisas, mas ver e compreender como as coisas funcionam, o que elas são verdadeiramente e aonde as ações práticas e os pro-

duto humano fruto da cultura levam os seres humanos. O esclarecimento consiste na ação reflexiva sobre a informação colhida por meio dos sentidos e destrinchada pela criticidade da racionalidade com a finalidade de construir o conhecimento autônomo, a moralidade e a ética com vistas ao bem.

É preciso compreender, então, que a formação é algo constante e sem-fim. Jamais alguém poderá atingir o grau máximo da formação, porque este simplesmente não existe. Não há como conhecer tudo, pensar sobre tudo, sentir tudo ou fazer de tudo. Dito isto, o que resta ao ser humano é buscar o amadurecimento racional, emocional, crítico e ético no grau mais alto possível, o que demanda uma contínua atitude esclarecida frente ao mundo.

Historicamente, a discussão sobre a tomada de consciência crítica e autônoma da realidade das coisas simbolizada na figura do “esclarecimento”, na figura do alcance da luz e do distanciamento da escuridão das sombras da ignorância, da alienação e da servidão da manipulação, não se inicia na oposição entre Iluminismo (era da razão) e Idade das Trevas (era da religião), quando ganha, enfim,

uma forma mais definida. É um conflito que já aparece na filosofia antiga.

A analogia entre luz e esclarecimento do pensamento já aparece, por exemplo, em *A República* de Platão, no Livro VII⁴, em uma alegoria⁵ do filósofo grego, conhecida como “Alegoria da Caverna” ou “Mito da Caverna”. Nesta narrativa, a maior fonte de luz, o sol, representa a luz libertadora para aqueles que, por vontade própria e por sua própria luta, decidem agir contra a ignorância das trevas em que habitam no cárcere de uma caverna onde estavam acorrentados e eram manipulados. Um destes presos à escuridão da caverna consegue se libertar dos grilhões e decide se virar para a luz e para a amplitude do mundo e encará-los com olhos próprios, em lugar de continuar se alimen-

⁴ Cf. PLATÃO (2014, 514a – 517c).

⁵ Segundo Moisés (2002, p.15), “a alegoria consiste num discurso que faz entender outro, numa linguagem que oculta outra. (...) podemos considerar alegoria toda concretização, por meio de imagens, figuras e pessoas, de ideias, qualidades ou entidades abstratas. O aspecto material funcional como disfarce, dissimulação, ou revestimento do aspecto moral, ideal ou ficcional”.

tando apenas de reflexos limitados projetados por outrem na parede da caverna. Esta libertação possibilitará que este que age em direção torne-se capaz de estabelecer um entendimento próprio em relação a tudo o que vê e apropriar-se da capacidade de compreender o mundo sem os disfarces impostos pelos interesses de seus manipuladores.

Neste sentido, Kant, no ensaio *Resposta à pergunta: o que é esclarecimento?*, afirma que,

para este esclarecimento, porém, nada mais se exige a não ser a *liberdade*; e, de fato, a mais inofensiva entre tudo aquilo que se possa efetivamente chamar de liberdade, a saber: a liberdade de fazer *uso público* de sua razão por toda a parte.⁶

É certo que, na realidade palpável, a liberdade plena é algo inalcançável, visto que o ser humano e o próprio universo estão presos a uma série de leis e limites artificiais ou naturais que sempre relativizam as possibilidades da liberdade. Por outro lado, na mente, no espaço infinito da mente e do imaginário onde se somam pensamento, razão,

⁶ KANT et al (2011, p. 26).

sentimento e emoção, o ser humano tem a possibilidade de experimentar a liberdade em sua plenitude, sendo limitado apenas por suas próprias incapacidades individuais. É a esta “liberdade” que se refere Kant.

Ao elevar o ser humano a esta posição de senhor de si mesmo e livrá-lo do medo que fundamenta qualquer forma de submissão, o esclarecimento também atribui ao ser humano esclarecido uma imensa carga de responsabilidade que pressupõe a prática da disciplina, da honestidade, da bondade e da fraternidade.

Esclarecer-se é reconhecer não apenas o lugar individual de si no mundo, mas também seu lugar coletivo e que a preservação da liberdade fornecida pelo esclarecimento só pode ser vivida se os demais indivíduos também conseguirem se esclarecer para que a coletividade não precise mais se submeter aos perigos da ignorância, mas sobrepujá-los. “Portanto, a superioridade do homem está no saber, disso não há dúvida”⁷. Por outro lado,

⁷ BACON (1825) *apud* ADORNO; HORKEIMER (1985, p. 17).

Adorno e Horkheimer, alertam para os perigos que acompanham a busca pelo esclarecimento:

O preço que os homens pagam pelo aumento de seu poder é a alienação daquilo sobre o que exercem o poder. O esclarecimento comporta-se com as coisas como o ditador se comporta com os homens.⁸

A dialética é algo inerente a tudo o que existe. Não por acaso o estado de esclarecimento exige uma atitude para ao bem e ações que façam com que todos possam atingir este estado também para ao bem. A liberdade esclarecida de apenas poucos continua sendo um aprisionamento à solidão para aos esclarecidos. O esclarecimento não é nem pode ser domínio sob a natureza ou sobre outras pessoas. Ele precisa, ao contrário, ser vivido como preservação da integridade das pessoas e das coisas, a partir da compreensão do direito destes à sua existência, à sua existencialidade e ao seu esclarecimento. Não é o esclarecimento que constitui um mal ou algo

⁸ BACON (1825) *apud* ADORNO; HORKHEIMER (1985, p. 21).

errático, mas a fraqueza e o sucumbir dos seres humanos aos interesses que podem transformá-lo em instrumento de dominação.

No ensaio *Seis perguntas sobre o esclarecimento*, o poeta Christoph Martin Wieland inicia suas reflexões respondendo a esta pergunta básica: o que é esclarecimento?

Isto [o esclarecimento] é algo que sabe todo aquele que aprendeu a reconhecer, por intermédio de um par de olhos capazes de ver, onde se encontra a diferença entre o claro e o escuro, a luz e a escuridão. No escuro, ou o homem não vê absolutamente nada, ou pelo menos não vê claramente, que é possível reconhecer corretamente os objetos e distingui-los uns dos outros: tão logo a luz é trazida, esclarecem-se as coisas, elas se tornam visíveis e podem ser distinguidas umas das outras – para isso, todavia, são requisitadas necessariamente duas coisas diferentes: 1) que a luz esteja suficientemente disponível; e 2) que aqueles que por meio dela devam ver não sejam cegos, não sofram de icterícia, nem sejam impedidos de poder ou querer ver por nenhuma outra causa.⁹

⁹ WIELAND in KANT et al (2011, p. 49-50). Extraído de ensaio, originalmente, publicado em 1789.

Não por acaso, a ideia de esclarecimento associa-se ao Iluminismo que provocou uma revolução da razão sobre a crença (a fé cega) no séc. XVIII e levou o ser humano ocidental a outro patamar de vislumbre do mundo. Esclarecimento e Iluminismo – referem-se ao pensamento racional livre e libertador como a única coisa capaz de possibilitar uma visão clara da realidade e o entendimento sobre as coisas, as relações e os fenômenos, sejam eles individuais, sociais ou naturais.

Iluminismo e esclarecimento referem-se a esta luz que somente o uso sábio sobre a razão própria seria capaz de propiciar. Iluminismo foi o movimento que usou o esclarecimento como essência para o fundamento de suas propostas. Para os iluministas,

a razão é uma força intelectual original cuja função maior é a de guiar o intelecto no caminho que o leva à verdade.

(...) a *razão iluminista* é concebida como energia ou fora intelectual, só compreensível e perceptível através da prática, isto é, do que é capaz de fazer e produzir.¹⁰

¹⁰ FALCON (1994, p. 36).

Vê-se que um princípio imprescindível da razão iluminista, assim como do esclarecimento, é a necessidade de que sua vivência seja prática e própria, ou seja, o esclarecimento só é possível mediante a experiência prática do pensamento crítico sobre o que se pretende entender, a fim de produzir um novo conhecimento e uma verdade.

Para Francisco José Calazans Falcon, o Iluminismo inaugurou “um processo que apenas estava começando – o processo de *esclarecimento* do homem”¹¹. A “luz” que precisa estar suficientemente disponível se divide em duas etapas: a primeira é a aquisição da informação, que precisa ser buscada pelos seus vários meios de veiculação e a partir da observação dos fenômenos em si; a segunda é a ação interna de enxergar e se apropriar da informação para ruminar e refletir sobre esta informação, fazendo perguntas, estabelecendo comparações, a fim de chegar a conclusões que correspondem ao conhecimento construído. A pessoa esclarecida é aquela que vê e entende o que pessoas não-esclarecidas não conseguem.

¹¹ FALCON (1994, p. 19).

Este estado de “não-ser-cego” é estar disposto – independentemente do sofrimento que isso possa vir a causar – a olhar para as coisas, a analisá-las para ver a realidade e a verdade, fundamentando-se sempre na lógica racional e crítica, na razoabilidade, na sensibilidade e na busca do bem-comum.

O esclarecimento usado para o bem é libertador e emancipador, quando vivido na soma entre racionalidade e sensibilidade. O esclarecimento, quando vivido apenas pelo aspecto da racionalidade, com vistas somente a alimentar o tecnicismo, passa a ser usado para o mal, tornando-se manipulador, escravizador e dominador e, assim, se converte, outra vez, em trevas e cegueira impostas.

Diante deste conflito, Vinicius Siqueira chama a atenção para o pensamento de Adorno e Horkheimer, que mostram que

a barbárie, com uma roupagem científica e racional, domina as esferas da vida e não é nem mesmo percebida. Chega a ser incentivada e apoiada pelas massas, incapazes de perceberem que o avanço científico trouxe consigo a permanente exploração de seus corpos e de suas almas.¹²

¹² SIQUEIRA, 2023.

De uma forma ou de outra, a pessoa que se mantém alheia ao esclarecimento está fadada à subserviência que, muitas vezes, é voluntária¹³.

Se o esclarecimento exige a liberdade e o aprendizado, há um critério essencial e determinante: o esclarecimento só pode ser experimentado e vivenciado por aqueles que se dispõem a isto. O esclarecimento não pode ser imposto, porque é libertador e exige uma ação autônoma e resulta na madureza do pensamento e dos sentimentos. É neste contexto que Immanuel Kant trata o esclarecimento como o atingir de uma maioridade:

Esclarecimento é a saída do ser humano de sua menoridade, menoridade essa na qual ele se inseriu por sua própria culpa. Menoridade é a incapacidade de se servir de seu próprio entendimento sem a condução de outrem.¹⁴

Mas quando e como se chega a esta maioridade apontada por Kant? Entendo

¹³ Esta perspectiva é muito bem desenvolvida na célebre obra de Étienne de La Boétie: *Discurso da servidão voluntária*, originalmente publicada em 1577.

¹⁴ KANT, et al 2011, p. 23.

que o esclarecimento é um percurso que se vai trilhando aos poucos enquanto o indivíduo passa por três estágios os quais eu chamo de *resistência*, *cautela* e *desilusão*. Pouquíssimos percorrem os três estágios. A maioria nem chega a começar o percurso, jamais se libertam da menoridade. Nem sempre o indivíduo que inicia consegue chegar ao último estágio. Na maioria das vezes, vivenciada a *resistência*, o indivíduo se entrega ao fluxo da vida e retorna à menoridade para de lá não mais sair. Porque o percurso é difícil, é doloroso, é inquietante, causa horror e as forças podem se esvair.

Carlos Drummond de Andrade, por exemplo, durante sua obra poética, principalmente, a partir de seu livro *Claro enigma* (1951), se refere a esta saída da menoridade como “tempo de madureza”⁷. É neste livro que seu eu-lírico compreende sua chegada ao pleno esclarecimento.

Não por acaso, a percepção e a expressão deste tempo de madureza acontecem após o momento em que o eu-lírico de Drummond vivencia, no livro anterior, *Rosa do Povo* (1945), seu exato momento de ruptura com sua ação

de *resistência* – segundo estágio do esclarecimento – para o estado de *cautela* frente ao mundo. Não há mais rebeldia, todavia a esperança ainda não se calou, embora agora esteja tímida.

É nesta obra que a esperança do eu-lírico por alguma mudança se torna apenas uma flor, solitária e frágil, mas que ainda consegue romper a dureza do rígido asfalto que insiste em recair sobre ela e a oprime, enquanto a cidade segue o fluxo do mundo sem perceber sua insólita resistência. Qualquer possibilidade de esclarecimento, libertação e mudança agora só é possível individualmente, ninguém mais segue de mãos dadas. É o segundo estágio do esclarecimento.

Já em *Claro Enigma* (1951) o eu-lírico de Drummond chega à tomada de consciência definitiva da impossibilidade de transformar a mundo por meio da ação de resistência coletiva, uma revolução das massas, nem por uma luta individual contra a “máquina do mundo”¹⁵.

¹⁵ Título do poema de Carlos Drummond de Andrade publicado no livro *Claro Enigma* (1951)

A partir dessas ruptura e desilusão, o eu-lírico de Drummond abre seus olhos e sente como se o mundo se expusesse para ele, revelando suas engrenagens internas, a lógica de seu funcionamento e seu poder irreversível de dominação e manipulação da coletividade representados por ele na alegoria da “a máquina do mundo”¹⁶.

O eu-lírico de Drummond enxerga, enfim, que o Sistema é uma máquina que lança uma espessa escuridão (em oposição ao esclarecimento) sobre tudo, como Drummond propõe em um outro poema seu: “Dissolução”¹⁷:

Escurece, e não me seduz
tatear sequer uma lâmpada.
Pois que aprouve ao dia findar,
aceito a noite.
E com ela aceito que brote
uma ordem outra de seres
e coisas não figuradas.
Braços cruzados.
Vazio de quanto amávamos,
mais vasto é o céu. Povações
surgem do vácuo.
Habito alguma?

¹⁶ Cf. ANDRADE (2001, p. 127).

¹⁷ Cf. ANDRADE (2001, p. 23).

E nem destaco minha pele
da confluyente escuridão.
Um fim unânime concentra-se
e pousa no ar. Hesitando.

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

Vai durar mil anos, ou
extinguir-se na cor do galo?
Esta rosa é definitiva,
ainda que pobre.

Imaginação, falsa demente,
já te desprezo. E tu, palavra.
No mundo, perene trânsito,
calamo-nos.
E sem alma, corpo, és suave.

A noite é a escuridão que chega para
esvaziar o ser humano de qualquer luz, de
qualquer imaginação, de qualquer altruísmo,
de qualquer autonomia, de qualquer perso-
nalidade, de qualquer sensibilidade e de qual-
quer razão, com a finalidade de tornar os in-
divíduos em cegos e submissos, à força des-
ta escuridão imposta e manipuladora, de on-
de brota “uma ordem outra de seres e coisas
não figuradas”, habitantes do vácuo.

Condicionados todos a este estado de coisas, o poeta conclui sobre esta ausência de luz: “já não oprime. Assim a paz, destroçada”. Sem identidade, sem mais pensamento, sem mais imaginação, sem mais voz e palavra, toda a inquietação e a subjetividade que antes habitavam o eu-lírico e que poderia haver em outras pessoas se dissiparam, e os indivíduos apenas desprezam a luz. Tudo se torna falsa calmaria: “E sem alma, corpo, és suave” no “Vazio de quanto amávamos”.

Ao compreender este agora claro enigma do mundo e que o ser humano vive em meio a um conflito, talvez, de fato, maniqueísta, entre luz (esclarecimento) e trevas (ignorância) e que, infelizmente, na história humana, a escuridão das trevas tem prevalecido sobre a luz, o eu-lírico de Drummond conclui que, envolto pela escuridão desta máquina que gira sem parar, a única coisa que resta ao ser humano esclarecido é amar¹⁸. Não a errônea ideia comum de amar como a satisfação individual e egoísta de prazeres vazios na qual, historicamente, insiste o ser

¹⁸ Cf. o poema “Amar”, em *Claro Enigma* (2001).

humano, visto que isto não é o amar. Mas o amar em seu significado esclarecido, consciente, puro e universal, entendido, tomado e experimentado como luz. Amar o deserto, “amar o inóspito, o áspero, um vaso sem flor, um chão de ferro” e amar o sonho e seu próprio algoz: amar a “ave de rapina”.

Para o eu-lírico de Drummond, “este o nosso destino: amor sem conta”. O amar como ação de “doação ilimitada a uma completa ingratidão”, de doação à busca incessante e à “procura medrosa, paciente, de mais e mais amor”¹⁹. Este é o amor esclarecido. O amor como o poder de ajudar os outros a se libertarem também da escuridão e da inconsciência, mesmo diante da ingratidão da violenta reação destes contra aquele que tenta ajudar os demais a alcançar o esclarecimento, como ocorre na “Alegoria da Caverna” de Platão. Porque, como entendeu Étienne de La Boétie:

Antes, é preciso supor que, ao conferir partes maiores a uns e menores a outros, [Deus; se ele existe] quis dar espaço à

¹⁹ Todos os trechos citados neste parágrafo estão no poema “Amar”. Cf. DRUMMOND, 2001, p. 55.

afeição fraterna para que ela tivesse onde ser praticada, pois uns têm o poder de prestar ajuda, enquanto outros necessitam recebê-la.²⁰

Mas por que a doação a uma completa ingratidão? Platão esclarece isto em sua “Alegoria da caverna”. Aquele que se libertou das correntes e da escuridão e vislumbrou a luz do esclarecimento decidiu, em um ato de amor, de “afeição fraterna”, retornar à caverna para propagar a boa nova e ajudar os outros acorrentados a se libertarem das sombras, em lugar de usar o esclarecimento apenas para si.

Contudo estes, mergulhados na ignorância da manipulação, julgaram que o homem livre estava louco ao negar aquele *status quo* e o mataram, a fim de conservar o estado de conformidade e conforto a que estavam submissos há tempos. O ato de amor do homem livre é retribuído com a ingratidão da ignorância e do medo de ser livre. Porque a liberdade esclarecida exige disciplina, responsabilidades, respeito ao próximo e pos-

²⁰ BOÉTIE (2017, p. 31).

tura crítica, coisas das quais a maioria das pessoas foge.

Esta mesma ideia de combate àquele que se propõe a disseminar o esclarecimento poderia se referir ao personagem Jesus Cristo no *Novo Testamento*. Em sua proposição, Cristo teria vindo ao mundo para libertar o ser humano da prisão de sua submissão ao vil poder dos homens e das coisas terrenas, indicando o amor puro e desinteressado como caminho para o esclarecimento e a consequente libertação, conclamando a todos para que amassem uns aos outros como ele, afirmou amar a todos. Há uma ação de doação consciente e esclarecida que pode ser entendida, por exemplo, no fragmento do “Sermão da montanha”, em Lucas 6:29:

Ao que te ferir numa face, oferece-lhe também a outra; e ao que te houver tirado a capa, não lhe negues também a túnica.

Como resposta ao seu altruísmo e sua abnegação, segundo a narrativa bíblica, Je-

sus, de maneira trágica²¹, recebeu a ingrati-
dão e a covardia, tendo sido humilhado, tor-
turado e condenado à morte por aqueles a
quem ele veio doar-se por amor e salvar da
escuridão da subserviência e do egoísmo.

Na narrativa do Novo Testamento, Je-
sus Cristo viveu o amor como doação a uma
completa ingratidão e, até hoje, tem sua luta
e sua representação subvertida em favor da
manutenção da ignorância, em detrimento do
esclarecimento, sendo diariamente, desde o
advento do Cristianismo, sacrificado em no-
me da continuidade do poder da dominação
de poucos por meio da ignorância de muitos.

O eu-lírico de Renato Russo faz um
percurso semelhante no conjunto da obra do
poeta. Se em poemas como “Geração Coca-
Cola”, “A dança”, “Fábrica”, “Música urbana”,
“Que país é este” o eu-lírico está preocupado
em denunciar as mazelas sociais, fala em

²¹ No entendimento de Braga (2015), “(...) o trágico con-
siste em uma ruptura com o esperado, é uma catás-
trofe aterradora que se sucede pelo desvelar da ma-
nifestação da verdade que não se imaginava”. Para
Braga, o trágico pode ser entendido ainda como “a
ação benéfica que resulta de maneira inconsciente
em infortúnio e sofrimento inesperados (...)”.

provocar revoluções, demonstrando sua *resistência* – primeiro estágio do esclarecimento – em outros poemas como “Quando o sol bater na janela do seu quarto”, “Tempo perdido”, “Pais e filhos”, por exemplo, ele abandona o grito de revolta e as denúncias pela calma, a *cautela* – segundo estágio do esclarecimento – e apenas convida outros para olharem o sol, para amarem uns aos outros e, assim, poderem também caminhar para o esclarecimento. Mas nem a *resistência* da juventude, nem a *cautela* da meia idade resultaram em quaisquer transformações positivas e o eu-lírico, enfim chega ao último estágio do esclarecimento: a *desilusão*, que pode ser lida em poemas como “Por enquanto”, “O livro dos dias”, “Há tempos”, “L’avventura”, “Teatro dos vampiros”, “Vento no litoral”, “Andrea Doria”.

A soma do pensamento de Kant, da reflexão de Wieland, da poesia de Drummond e de Renato Russo, da filosofia de Platão e do personagem Cristo apontam para a concepção de que, em uma sociedade onde apenas poucos conseguem ser esclarecidos, as sombras continuarão a dominar. Porque o escla-

recimento efetivo e pleno da humanidade só será possível quando todos decidirem, a um só tempo, se dispor a aprender, a se amar e a trabalhar para se esclarecer – situação que é apenas utópica. Enquanto o esclarecimento coletivo não ocorre, as palavras de Étienne de La Boétie resumem a questão:

É o próprio povo que se escraviza e se suicida quando, podendo escolher entre ser submisso ou ser livre, renuncia à liberdade e aceita o jugo; quando consente com seu sofrimento, ou melhor, o procura.²²
(...)

Então, que vício monstruoso é esse, que não merece sequer o título de covardia, que não encontra nome suficientemente indecoroso, que a natureza se nega a conhecer e a língua se recusa a pronunciar?²³

Esta insistência do povo em sua ignorância significa a morte daqueles que se dispuseram a enfrentar as dores para buscar o esclarecimento.

Por que morte? Porque o esclarecimento somente ganha vida quando experimenta-

²² BOÉTIE (2017, p. 28).

²³ BOÉTIE (2017, p. 26).

do por todos ou, ao menos, por muitos, do contrário, relegado a indivíduos, ele sempre será silenciado pela majoritária ignorância e ficará, assim, sem qualquer força para se revelar.

Por que dores? Porque a autonomia e a liberdade que acompanham o esclarecimento pressupõem responsabilidade sobre si e em relação a todos os demais. Porque a autonomia pressupõe compromissos, ausência de covardia para responder por suas escolhas. Porque a liberdade exige disciplina para não infringir o espaço da liberdade de outros e para não fazer algo danoso às demais pessoas.

Porque ser esclarecido significa altruísmo, abdicar do individualismo e dos falsos prazeres manipuladores e alienadores para enxergar o mundo com todo o seu sofrimento, suas injustiças, seus males, suas falsidades, seu despotismo para, enfim, agir contra todos estes males sombrios em favor da luz que emana do bem-comum.

É imprescindível compreender que o esclarecimento geralmente é um fardo, não um prêmio. Ele é uma ferida aberta, não um bálsamo. Tragicamente, embora nos liberte do controle do pensamento e da manipula-

ção das emoções, o esclarecimento traz consigo a consciência da nossa fatídica incapacidade de derrotar o sistema controlador do mundo, de derrotar “a máquina do mundo”.

A política do *panis et circense* – pão e circo –, oficializada pelo Império Romano na antiguidade, foi plenamente resgatada e ainda com mais força no século XX, a partir da Segunda Guerra Mundial, a partir do momento em que o Capitalismo e seus pensadores aprenderam que a mais poderosa, eficiente e lucrativa maneira de escravizar as pessoas não é pela força, pela opressão explícita, pelo medo e pela dor – como ocorreu em todos os sistemas despóticos durante a história; inclusive toda a Idade Média. Percebeu-se que a forma mais eficaz de manipulação, dominação e alienação somente é atingida por meio da experiência exacerbada, viciante e constante de prazeres individualizados e o conseqüente desejo de se alimentar de mais e mais prazeres rápidos e incessantes até o estado coletivo pleno de inconsciência e dependência. Porque o domínio pela opressão provoca uma reação, gera forças contrárias que emergem com o desejo de não

sentir dor, ao passo que o domínio pela oferta de prazeres gera comodidade, anestesiamento, conformidade e silêncio.

Assim a política do *panis et circenses* é retomada, repetida, reafirmada, repensada, continuada atualizada e aperfeiçoada diariamente, agora norteadas pela vazia busca de uma utópica felicidade. Hoje o pão pode ser representado pela busca faminta pela satisfação de prazeres efêmeros ligados ao consumo desenfreado e acrítico de produtos e experiências, em todas as áreas produtivas, que sejam fontes de prazeres: os prazeres gastronômicos; os prazeres alcoólicos; os prazeres farmacêuticos; os prazeres tecnológicos; os prazeres toxicológicos; os prazeres sexuais; as anestésicas manipulações religiosas. O circo, por sua vez, pode ser representado pelo divertimento e o entretenimento falsamente coletivos – e, na verdade, individualizadores – criados incessantemente por uma indústria manipuladora, que trabalha para fornecer meios de satisfação da fome de prazer do público, tais como: campeonatos de futebol e outros esportes de grande público que apenas se repetem ano após ano; todas

as mídias de comunicação de massa e seus programas de vazio entretenimento; as redes sociais e sua rolagem sem-fim de informações inúteis e narcisistas; a espetacularização das religiões em templos e mídias de comunicação; a pornografia em todas as suas formas de degradação; a cultura dos games; e tudo mais que transforma os costumes humanos em espetáculo para gerar lucro e poder pelo consumo, incessante e passivo, utilizado, como instrumento para desviar a atenção das verdades, do autoconhecimento, dos problemas sociais, da busca pelo bem comum, de todos os males da realidade e da própria dominação e seus mecanismos.

Desta forma, o esclarecimento não pode se resumir apenas a uma ação meramente racional construída a partir captação de informações externas ao ser humano, mas à construção de um caráter crítico e altruísta, de um estado de consciência do mundo que precisa se fazer presente e que, por isto, emana da conjunção entre o intelectual e emocional. Ou seja, um caráter esclarecido desenvolvido pela aquisição de informações as quais são repensadas, transformadas e uti-

lizadas a partir de ações que precisam também passar pelo filtro da sensibilidade emocional que dá sentido às coisas. Porque não é possível separar os aspectos racionais e emocionais naquilo que é o ‘ser humano’. Neste sentido, cabem bem as palavras de Friedrich Schiller:

Não basta, portanto, que todo o esclarecimento do entendimento só mereça respeito na medida em que reflua sobre o caráter, em certo sentido, ele provém do caráter, pois o caminho para a cabeça precisa ser aberto por meio do coração. A instrução da sensibilidade, portanto, é a necessidade mais urgente do momento, não apenas porque ela vem a ser um meio para tornar efetiva uma melhor compreensão para a vida, mas sim porque ela desperta a própria compreensão para uma melhoria.²⁴

Neste momento, a Filosofia, a Poesia e a Espiritualidade²⁵ (não a religião) se comple-

²⁴ KANT et al, 2011, p. 99.

²⁵ Segundo Jean Bartoli (2007, p. 74), “Na história do Ocidente, as palavras ‘espírito’ e ‘espiritualidade’ distanciaram-se de seu sentido filosófico. Para os gregos, espiritualidade referia-se a uma experiência contemplativa pela qual se alcançava o conhecimento

mentam e geram um caráter humano capaz compreender a amplitude do esclarecimento: primeiramente se libertar, ter coragem de se servir de seu próprio entendimento racional – como entende Kant –, abrir os olhos e ver a luz, as verdades e todas as suas cores com autonomia, mesmo diante de todas as dores iniciais e conseqüentes – como entende Platão –, para, enfim, por meio da vivência do amor pleno, se doar completamente ao bem comum, para ajudar os demais a também ver a luz e alcançar o esclarecimento – como entenderam, por exemplo, Drummond e Platão e como professou Jesus Cristo na narrativa do Novo Testamento.

verdadeiro das coisas. Similarmente, Nietzsche defende a contemplação filosófica e espiritual como forma de vencer a superficialidade do mundo moderno.

2.

PRESSUPOSTOS DO LIRISMO

Durante toda a história da poesia, os poetas sempre se mostraram como pessoas esclarecidas. No caso da poesia trágica, usavam seus personagens como representações da realidade para discutir, provocar reflexões e compartilhar revelações de aspectos individuais ou sociais da vida humana. No caso da poesia lírica, estas representação, provocação, discussão e revelação sempre foram feitas por meio do eu-lírico, o qual consiste na voz individual que se expressa na poesia lírica.

De acordo com o entendimento de professor e crítico literário Yves Stalloni²⁶, o lirismo é

²⁶ STALLONI (2001, p. 135).

essa tendência literária que negligencia a atitude de tomar o mundo como modelo, que ignora as expectativas do auditório, que parece traduzir, de maneira incontrolada, a interioridade do criador e reproduzir uma fala de que ele dirige a si mesmo.

Da proposição de Yves Stalloni, podemos começar a entender o lirismo como a expressão poética em que a voz do emissor do poema: o eu-lírico, não está interessado em expor ao seu receptor uma sequência de acontecimentos nem interpretações de terceiros sobre tais acontecimentos externos. O eu-lírico se interessa em falar de si mesmo e de como tudo o que ocorre ao seu redor o impacta, o influencia, como tudo o faz sentir, como ele interpreta o mundo e como ele se sente diante de tudo o que o envolve. O seu interlocutor sempre é alguém sem voz, representado apenas na invocação de uma segunda pessoa. Assim, o receptor da expressão do eu-lírico pode ser qualquer um(a).

A voz do eu-lírico não deve ser tomada como a voz da pessoa biográfica do poeta, porque o eu-lírico é todos nós e cada um de nós. Como disse Fernando Pessoa: “O poeta é

um fingidor. Finge tão completamente que chega a fingir que é dor a dor que deveras sente”. Nem sempre a dor do eu-lírico é a dor do poeta, mas pode ser a dor de outros revelada pela voz do poeta. Assim o eu-lírico pode ser a voz daqueles que não dizem. Uma voz que acalma, mas também, e principalmente, uma voz que inquieta e provoca.

Para Maria Lúcia Aragão²⁷, o eu biográfico do poeta é alguém real, limitado porque, assim como qualquer outra pessoa, “está comprometido com os fatos, com o mundo, com a lógica, com a expressão de si mesmo”. Por outro lado, o eu-lírico é uma persona irreal que

não se descreve porque não se compreende, não toma posição, apenas se deixa levar pela corrente da existência. Ser levado pela corrente da existência é não oferecer resistência ao que se passa fora de nós. É se deixar penetrar pelo mistério da vida. É abolir as distâncias temporais e espaciais para recordar os fatos em sua plenitude.

Das palavras de Maria Lúcia Aragão é possível inferir que – como os personagens do

²⁷ ARAGÃO (1985, p. 75).

drama ou da narrativa que são pessoas fictícias e não reais – o eu-lírico é uma pessoa imaginária, por meio da qual o poeta lírico nos provoca através de nossa autoidentificação com o texto pelo uso da primeira pessoa do discurso. Isto ocorre porque o eu-lírico é uma persona universal e atemporal, aberta para o mundo, para a reflexão de todos os mistérios da vida e para qualquer um que deseje incorporá-lo e viver suas experiências no poema.

O eu-lírico tem o poder de se tornar o próprio leitor quando este lê o poema. Torna-se a voz de cada um daqueles que leem o poema. Porque a voz do eu-lírico “é sua e é alheia, é de ninguém e é de todos”²⁸.

Nada distingue o poeta dos outros homens e mulheres, salvo esses momentos – raros, embora frequentes – em que, sendo ele mesmo, é outro.²⁹

Esta autoidentificação permite que, durante a recepção do texto lírico, possamos nos sentir como se nós mesmos estivéssemos

²⁸ PAZ (1993, p. 140).

²⁹ PAZ (1993, p. 140).

proferindo tais palavras, como se fosse nossa própria voz, e de nós emanassem as reflexões presentes no poema, resultando em uma intimidade ainda maior com o texto. Isto porque, no drama e na narrativa, onde há o uso de personagens, os quais configuram outras pessoas, o leitor se coloca como espectador e não como sujeito do texto, como ocorre em relação à poesia lírica.

Se a poesia lírica é este espaço de provocação de questionamentos e reflexões sobre a vida humana, partindo do contexto intrapessoal para o interpessoal, ela se configura como instrumento de disseminação do esclarecimento.

A poesia é algo muito maior que uma mera interpretação pessoal feita pelo poeta. Ela é um lançar de luz sobre a outra face da realidade das coisas para a esclarecer e a revelar. Um outra face que expõe as essências atemporais e universais, os verdadeiros interesses e intenções das ações, das estruturas, dos sentimentos e das palavras. Verdades que são impostas através de disfarces não percebidos pela cegueira coletiva.

Mas, embora seja revelação e esclarecimento, a poesia não é imposição. Ela oferece as verdades por meio de pequenos enigmas para aos quais a chave de acesso é o interesse em ler, sentir e pensar para converter os enigmas poéticos em conhecimento construído por cada um e por todos. Mesmo sendo plenamente fraterna, a poesia não é gratuita, porque ela cobra um preço do leitor: a fraterna vontade de ver, de saber, de sentir para se esclarecer e compartilhar. Octavio Paz resume bem esta questão em seu livro *A outra voz*:

Embora presa a um solo e a uma história, a poesia sempre se abriu, em cada uma de suas manifestações, a um mais além trans-histórico. Não me refiro a um mais além religioso: fala da percepção do *outro lado* da realidade.³⁰

A partir destas proposições, o lirismo precisa ser visto como um espaço onde a luz permanece fulgurante, onde o leitor pode encontrar o caminho para a libertação de sua

³⁰ PAZ (1993, p. 142).

consciência. Por ser espaço de liberdade para a expressão do poeta e, ao mesmo tempo, para o amadurecimento do leitor, a poesia lírica – bem como toda a arte literária – nada tem de impositiva. Ela não afirma verdades, ela propicia um abrir de olhos e provoca ações para a saída da inércia da alienação.

Esta perspectiva sobre a luz do esclarecimento que pode ser provocada nas pessoas pela poesia lírica é afirmada pelo poeta Ferreira Gullar, em seu livro de ensaios *Sobre arte sobre poesia: (uma luz do chão)*:

Sei que para o impasse da poesia e do homem não há soluções definitivas: pretendo que a poesia tenha a virtude de, em meio ao sofrimento e ao desamparo, acender uma luz qualquer. Uma luz que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens.³¹

Assim como já propus no capítulo anterior sobre o esclarecimento, Ferreira Gullar compreende que a luz que também caracteriza a poesia não pode ser dada, bem como

³¹ GULLAR (2006, p. 152).

não pode ser imposta. Alcançar a luz do esclarecimento só é possível mediante uma conquista individual, através de ações que nas-cem “das mãos e do espírito” de cada pessoa. Basta entender que ninguém aprende por outra pessoa, porque a aprendizagem, assim como esclarecer-se, exige um ação individual, a atitude, o interesse, a vontade, o querer e a pré-disposição do próprio indivíduo.

Para Ferreira Gullar:

A liberdade é condição primeira para o exercício da literatura. O autor é, até o ponto em que a própria matéria poética não o ultrapassa, o único árbitro das decisões.

[...]

O poeta fala dos outros homens e pelos outros homens, mas só na medida em que fala de si mesmo, só na medida em que se confunde com os demais. Depende, portanto, de sua personalidade – do grau de abertura dessa personalidade com respeito à sua época, com respeito à vida que se vive à sua volta, do modo como relaciona seus problemas e sentimentos aos problemas e sentimentos dos outros homens – o caráter de sua poesia.³²

³² GULLAR (2006, p. 158-159).

As palavras de Ferreira Gullar corroboram com a ideia de que a poesia tem uma ligação estreita ou mesmo equivale à expressão de um pensamento esclarecido. Ao falar “dos outros homens e pelos outros homens”, o poeta lírico demonstra seu estado de esclarecimento convertendo-o em provocações implícitas nos enigmas da linguagem poética para serem desvendados pelos leitores inquietando-os e os levando a sentir e pensar ao mesmo tempo que sua expressividade tem como uma das finalidades provocar as demais pessoas a também caminhar para a luz e conquistá-la.

Mas tudo isto só é possível, como também compreende Ferreira Gullar, quando o pensamento e os sentimentos que o poeta deseja provocar são livres, são frutos do livre pensar e do livre sentir do poeta e atingem o leitor com esta mesma força da liberdade, para que este também consiga tornar-se livre. O eu-lírico é o canal que permite que poeta e leitor se confundam e se tornem um só no espaço da poesia.

Ferreira Gullar vai mais além nesta relação aparente entre o poeta, a poesia e o

esclarecimento, ao afirmar que toda a carga significativa da poesia depende da capacidade que o poeta tem de abrir-se para receber e ruminar a vida que está ao seu redor, da forma como o poeta estabelece relações entre os seus próprios pensamentos e sentimentos com os das demais pessoas. Ou seja, se o poeta não buscar atingir o estado do esclarecimento e o constante amadurecer, de sua capacidade de ver e pensar o mundo, o lirismo não será, na mesma medida, a expressão do esclarecimento.

Pode-se inferir, então, que a poesia, para ser luz, necessita que o poeta que a escreve vivencie o estado de esclarecimento. Desta forma, a poesia passa a ser um constante o uso dos versos como meio para disseminar a leitura, o questionamento, a reflexão, a análise, a revelação, a transformação e o amadurecimento sobre as coisas da vida, inclusive sobre si mesmo. Não por acaso, Aristóteles, na *Poética*, afirmou que a poesia é capaz de promover a catarse – a purificação

emoções³³ – por meio da percepção esclarecida do sofrimento humano que provoca o terror e a piedade em nós leitores do texto. Podemos inferir, mais uma vez, então, que, além de provocar o pensar, a poesia também provoca o sentir. Basta lembrar que, o esclarecimento não é só pensamento, é também sensibilidade. Ele precisa ser realidade no pensar e no sentir do indivíduo para que ser usado para ao bem.

Para o poeta Octavio Paz³⁴, a poesia – e por extensão e especialmente a poesia lírica – constitui-se em uma *outra voz*. Uma voz que não é audível para ideólogos revolucionários e isto explicaria os seguidos fra-

³³ Cf. ARISTÓTELES (1449b, 25). À época em que escreveu *Poética*, o filósofo entendia que a catarse era um dos elementos essenciais que compunham apenas a Tragédia (ou poesia trágica). No entanto, com o desenvolvimento da literatura e seus desdobramentos em novos gêneros, formas de escrever, temas abordados, diálogos com outras áreas do conhecimento e o aprimoramento da capacidade artística do ser humano, percebeu-se que a catarse é uma mudança de estado da ignorância para o estado de esclarecimento e consciência também promovido por outras formas de literatura, entre elas e especialmente, a poesia lírica.

³⁴ PAZ (1993, p. 144).

cassos das já revoluções empreitadas. Octavio Paz compreende que esta *outra voz* da poesia tem como função fazer com que o ser humano não ignore as “realidades escondidas e enterradas pelo homem moderno”³⁵. Mas não cabe à poesia alimentar ideias e pensamentos com respostas prontas ou manipu-

³⁵ PAZ (1993, p. 144). É interessante perceber que, antes do advento do que se entende por Idade Moderna e se estendendo até os dias atuais, e nestes ainda mais fortemente, principalmente após a Segunda Guerra Mundial, o mecanismo de poder que regia a sociedade humana estava exposto e não escondido por máscaras que disfarçavam seus interesses e seu funcionamento, ou seja, a manipulação do ser humano se dava pela força, pela opressão violenta feita por atos de força extrema, seja pela Igreja seja pelo Absolutismo que marcaram a Idade Média ou mesmo os impérios da Idade Antiga. De maneira que, com o advento do homem moderno, foi criada uma nova estrutura sistemática de poder: o Sistema, que passou a manipular o ser humano e ditar seu comportamento e seu papel funcional nesta Idade do Lucro. Tal Sistema age desenfreadamente sob o disfarce de falsas democracias, falsos prazeres tecnológicos, falsas ideias de liberdade. Nesta nova realidade de poder, como afirma Octavio Paz, a poesia e o poeta lírico são outra voz que é proferida para retirar os disfarces que escondem este Sistema para ajudar a outros que também possam ter sua própria voz e não mais se deixar submissos, em meio a este mundo de falsas consciências.

lações, mas sim inquietar o ser humano, e provocar a necessidade de lembrar que é preciso ouvir esta *outra voz* que é a da consciência das coisas e a sensibilidade para percebê-las e que está dentro de cada um e, assim, está entre todos. É uma voz universal e atemporal, que fala todos os idiomas e que reside em todos os lugares. Estava viva no passado, vive no presente e estará viva no futuro, desde que alguém se disponha a trazê-la à luz e se iluminar, se esclarecer.

A poesia é a Memória feita imagem e esta convertida em voz. A *outra voz* não é a voz do além-túmulo: é a do homem que está dormindo no fundo de cada a homem. Tem mil anos e tem nossa idade e ainda não nasceu. É nosso avô, nosso irmão e nosso bisneto.³⁶

Ao contrário do que alguns possam supor, a poesia lírica não é utópica, mas consciente das possibilidades do caráter humano, enxergando-o tanto para no seu bem quando no seu mal. Ela não espera contrapartidas ou lucros. Não possui interesses próprios ou vaidades.

³⁶ PAZ (1993, p. 144-145).

des. Não anseia poderes nem subestima nada nem ninguém. Como afirma Octavio Paz, “espelho da fraternidade cósmica, o poema é um modelo do que poderia ser a sociedade humana”³⁷. Combatendo a conformidade e a uniformização causadas pela vivência tecnicista e econômica da cultura, a “poesia é o antídoto da técnica e do mercado”³⁸ que liberta o ser humano das amarras da servidão tácita. “A poesia exercita nossa imaginação e assim nos ensina a reconhecer as diferenças e a descobrir as semelhanças”³⁹.

O lirismo, embora desenvolvido a partir da primeira pessoa e a ela se referir gramaticalmente, semanticamente e artisticamente, não constitui uma ação intelectual e emocional egoísta e individualista. Ao contrário. O lirismo existe, unicamente, no universo da poesia, onde todos os elementos significativos ultrapassam os limites do mundo prático, ganham uma plurissignificação e assumem um valor e um sentido na atempora-

³⁷ PAZ (1993, p. 147).

³⁸ PAZ (1993, p. 147).

³⁹ PAZ (1993, p. 147).

lidade e na universalidade. Assim, o eu-lírico, centro do lirismo, não diz respeito ao interesse individual da(o) poeta, mas é a representação do ser humano em ambos os aspectos individual e coletivo a um só tempo. De tal maneira que a poesia, imbuída do lirismo, “exercita nossa imaginação e assim nos ensina a reconhecer as diferenças e a descobrir as semelhanças”⁴⁰.

A poesia é além de um espaço de esclarecimento, também um campo profícuo fornecer cultura e, por conseguinte, formação às pessoas para que estas, por meio da recepção interessada, sensível e aberta da poesia, possam, constantemente, se desenvolver e amadurecer culturalmente, a fim de chegar ao estado de esclarecimento, atingir uma outra condição pessoal e, assim, alçar, a outra condição social, sempre junto com aqueles que ajuda a também se tornarem esclarecidos. Afinal, “o poema é um modelo de sobrevivência fundada na fraternidade (...)”⁴¹.

⁴⁰ PAZ, 1993, p. 147.

⁴¹ PAZ, 1993, p. 148.

Formação, cultura e esclarecimento são modificações da vida social; efeitos da diligência e dos esforços dos seres humanos por melhorar sua condição social. Quanto mais a condição social de um povo for harmonizada com a determinação do homem, por meio da arte e diligência, mais *formação* terá este povo.⁴²

É essencial que fique claro que, embora o lirismo reflita o esclarecimento do poeta representado em seu eu-lírico, este não pretende jamais impor sua verdade a nós por meio de seu texto, não pretende pensar por nós. O poeta faz uso de sua poesia para nos instigar, nos provocar e nos inquietar para que possamos pensar por nós mesmos sobre a temática abordada pelo poema e, em nosso esclarecimento, consigamos formar nossa própria verdade. Destarte, o lirismo é o espaço que provoca o pensar racionalmente como ação individual sempre envolta pela sensibilidade e a sentimentalidade, a fim de que, ouvindo a *outra voz*, possamos nos inquietar, nos questionar e desvendar os enigmas, possibilitando o ‘pensar diferente’.

⁴² MENDELSSOHN in KANT et al (2011, p. 15-16).

Para Octavio Paz, a poesia e o poeta lírico estão acima de qualquer força ideológica e física das revoluções e do braço forte e impositivo das religiões. Frente a estas manifestações que cegam e calam a subjetividade dos seres humanos, a poesia é a voz que faz estes que estavam em silêncio falarem e que estavam cegos verem novamente.

Entre a revolução e a religião, a poesia é a *outra voz*. Sua voz é *outra* porque é a voz das paixões e das visões; é de outro mundo e é deste mundo, é antiga e é de hoje mesmo, antiguidade sem datas.

Alfredo Bosi, professor e crítico literário, no livro *Leitura de poesia*, considera que

a poesia não é discurso verificável, quer histórico, quer científico; que a poesia não é dogma nem ensinamento moral; nem, na outra ponta, é “sentimento na sua imediatidade”. Nem pura ideia, nem pura emoção, mas expressão de um conhecimento intuitivo cujo sentido é dado pelo *páthos* que o provocou e o sustém. Nada mais, mas nada menos.

Diante de todo este poder transformador do poema, do poeta e do lirismo, o esclarecimento só é possível pela ação de cada indivíduo, ele não é causado pela poesia, por ela sendo apenas provocado. Porque, como via Mario Quintana⁴³, os poemas são como pássaros que pousam em nossas mãos para se alimentarem do alimento que está em nós e de todos eles podem se alimentar. O poema está vazio e só ganha vida se soubermos olhar para ele e preenchê-lo com as emoções, os sentimentos, os questionamentos e os sentidos que há em nós. Os sentidos dados ao poema pelo poeta são apenas uma possibilidade da verdade do poema e muitas outras serão possíveis sempre que outra pessoa do poema se aproximar e a ele dar vida por meio do poder de sua imaginação. A poesia nasce

de uma faculdade humana por excelência: a imaginação; pode quebrar se a imaginação morre ou se corrompe. Se o homem se esquecesse da poesia, se esqueceria de si próprio. Voltaria ao caos original.⁴⁴

⁴³ QUINTANA in “Os poemas” (2005, p. 27).

⁴⁴ PAZ (1993, p. 148).

Sem a poesia e seu lirismo, o ser humano voltaria às trevas da escuridão imposta da qual muitos já conseguiram emergir. Além das religiões e das formas de governo e seus impérios, as ciências e suas tecnologias também já se mostraram aprisionadoras se dominadas pela técnica e pelos interesses financeiros e de mercado, porque estes, em essência, existem e agem sempre para dominar a coletividade e sobre exercer o poder que condiciona e uniformiza o mundo. A poesia e seu lirismo não querem dominar nada.

3.

O LIRISMO DE RENATO RUSSO E O PERCURSO DO ESCLARECIMENTO

*Não sou escravo de ninguém
Ninguém é senhor do meu domínio
Sei o que devo defender
E por valor eu tenho
E temo o que agora a se desfaz.*
Renato Russo

Renato Russo, quase que na totalidade de sua obra, segue o modelo socrático e platônico, construindo seus poemas na forma de diálogos. Diálogos estes ora travados pelo eu-lírico com ele mesmo, de forma intrapessoal; ora com um interlocutor amoroso; ora com a coletividade da juventude com a qual este eu-lírico se preocupa e se sente partícipe; ora com o sistema de poder e algoz o

qual o eu-lírico sente e sabe que controla a todos e tenta também o oprimir, controlá-lo e usá-lo por meio de suas mais diversas armas.

Renato Russo oferece a nós leitores e ouvintes uma obra poética em que diversos temas de ordem sentimental, política, sociológica, histórica, espiritual e metalinguística são abordados com profundidade de ideias e argumentos e por meio de uma linguagem que, embora baseada no pensamento filosófico, apresenta-se, seja pelos argumentos, seja pelas palavras escolhidas, sempre acessível ao receptor a que se destina.

Um receptor que o poeta entende ser uma juventude que tem sido manipulada por um Sistema de interesses e poder a que ela serve inconscientemente. Uma juventude imatura que vive dilemas, problemas e inseguranças e que, por isso, precisa de alguém que a ajude a abrir seus olhos, que provoque o esclarecimento das verdades mascaradas por formas de prazer vazias e de sonhos de celebração individualizados e egoístas. Uma juventude que se transformou na engrenagem mais importante para o funcionamento e para a disseminação de uma nova ordem de po-

der baseado no lucro e em uma estrutura de mercado, onde tudo e todos foram coisificados e se tornaram produtos a serem comercializados e consumidos desumanamente.

Nesta nova ordem, quanto mais precoce a conversão, por mais tempo os convertidos poderão ser explorados enquanto se deleitam nos falsos prazeres vazios. Tornam-se meros soldados controlados, manipulados e enganados pelos senhores da guerra.

Ou seja, os textos de Renato Russo, mesmo aqueles que se caracterizam como narrativas e não como poemas líricos, consistem em expressões de seu esclarecimento e a tentativa constante de disseminação desta consciência para uma libertação e para um amadurecimento racional e emocional entre o público que toma contato com sua obra poético-musical.

Parece não ser por acaso que a obra poética de Renato Russo com a Legião Urbana é inaugurada com a frase “Tire suas mãos de mim, eu não pertenço a você”, verso que inicia o poema *Será*¹⁷, e que explicita, desde o início, a liberdade inerente ao esclarecimento e reivindicada pelo sujeito esclarecido.

A afirmação da consciência do estado de liberdade que é trazida à tona pelo esclarecimento em *Será* é a afirmação que inaugura, diante do público, a larga obra poética que estava por vir e que serviria, posteriormente, como palco para reafirmar, constantemente, o estado de consciência esclarecida do eu-lírico de Renato Russo e que seria usado pelo poeta para celebrar o esclarecimento e fomentá-lo em meio àqueles que se dispusessem a tomar contato com a obra do cancioneiro da Legião Urbana.

É importante dizer que referências ao estado de esclarecimento não estão presentes em todos os seus poemas nem tampouco percorridos na completude do texto de cada poema, mas sim espalhados por seus versos, e entremeados nos contextos de vários de seus poemas por meio de representações metafóricas. Contudo, de qualquer maneira, mesmo que os poemas ou vários versos não façam alusões diretas ao esclarecimento, este emana como leituras de mundo feitas pelo poeta por meio de seu eu-lírico.

Diante disto, o que pretendo com os leituras de alguns dos poemas que se segui-

rão é apontar momentos em que Renato Russo usa seu eu-lírico para: fazer referências diretas ao esclarecimento em si; para expressar e refletir sobre seu estado de esclarecimento; usar seu estado de esclarecimento para discutir questões e problemas emocionais e sociais inerentes aos seres humanos.

A obra poética de Renato Russo percorre o mesmo percurso trilhado por aquele sujeito que alcança o esclarecimento. Percurso este que apresenta três estágios a que poderíamos chamar de: a *resistência*, a *cautela*, a *desilusão*.

A *resistência* compreende a juventude. É o momento da descoberta das primeiras verdades, gerando um estado de revolta mais passional que racional. É caracterizada pela defesa de ideologias, pela denúncia da desumanidade, pelo grito, pelo gesto brusco, pela resiliência. É marcada pela certeza da possibilidade em uma revolução coletiva e na superação do Sistema pelos indivíduos unidos. É o estágio em que, é preciso uma ideologia para viver; como cantava Cazuza.

A *cautela* se inicia com a entrada na vida adulta. Os sonhos vão sendo aos poucos

abandonados, frustrados um por um pelas derrotas que vão suplantando quaisquer possibilidades de revolução coletiva e transformação do *status quo* de maneira abrupta. As ideologias, frustradas, vão se esvaindo deixando de ser necessárias para se viver porque resultaram inúteis. Sentindo-se cada vez mais fraco, as ações se tornam mais tímidas, apesar de a esperança ainda resistir. Embora a certeza da constância do Sistema se agigante, a consciência do mundo e a sensibilidade em relação à servidão permanecem intocadas e imaculadas, mesmo se convertendo passo a passo em dor crescente. É o estágio de transição entre a energia da rebeldia e o cansaço da *desilusão* que há de vir.

A *desilusão* chega quando todos os sonhos e esperanças estão mortos e a única coisa restante ao sujeito esclarecido é se voltar para si, mergulhando em um processo de reflexão sobre sua própria existencialidade, resgatando lembranças, revalorizando as pequenas coisas de sua vida. A afirmação de seu estado de esclarecimento, de sua liberdade e de sua integridade permanecem. Inicia-se um estado permanente de resignação, em

oposição à resiliência dos tempos de *resistência* e a esperança da *caultela*. Calados, os gritos proferidos na juventude, ficam o silêncio e a vivência e a disseminação do Amor pleno e universal, seu bem mais precioso, torna-se a única ação possível.

Diante de todo este percurso e durante todos estes estágios, o eu-lírico de Renato Russo se mantém sempre de olhos abertos, de mente desperta e ativa e de coração condoído. A postura fraterna de também despertar as outras pessoas é uma constante, embora, frente à consciência da impossibilidade de uma mobilização coletiva, a vontade de abraçar o mundo vai dando lugar à mão estendida a um e a outro que se dispõem a ver e ouvir. Desta maneira, o eu-lírico jamais abandona a concepção expressa por Octavio Paz, fazendo do poema e da poesia um espaço de sobrevivência sempre fundamentado na incessante e incorruptível fraternidade.

Este processo experimentado pelo eu-lírico de Renato Russo se assemelha, àquele percorrido pelo eu-lírico do poeta Carlos Drummond de Andrade, e que se resume,

muito bem, nas etapas verificadas por Affonso Romano de Sant'Anna⁴⁵, pelas quais passa o eu-lírico do itabirano: o eu maior que o mundo [*resistência*]; o eu igual ao mundo [*cautela*]; o eu menor que mundo [*desilusão*].

Na obra poética de Drummond, segundo Affonso Romano de Sant'anna, este percurso do eu-lírico atinge seu auge quando há, enfim, o desvendar do enigma do mundo que se torna claro: o mundo é uma máquina invencível a que todas as pessoas estão presas e agindo apenas para que as engrenagens desta máquina nunca cessem. Este mesmo claro enigma é trazido à luz pelo eu-lírico de Renato Russo e por todas aquelas pessoas que, sendo sujeitos de sua existencialidade, se tornam esclarecidos.

Neste contexto, a presença do esclarecimento na poesia de Renato Russo se apresenta sempre na forma de expressões de consciência própria diante das coisas da vida, nos oferecendo constantes reflexões e revelações sobre os vários temas abordados em seus poemas e fazendo chamamentos para também buscarmos o esclarecimento.

⁴⁵ Cf. SANT'ANNA (1992).

Sobre estes temas, a poesia de Renato Russo é, a todo o tempo, a expressão de epifanias experimentadas pelo seu eu-lírico, o qual se dispõe a explicitar, no discurso do poema, a realidade que ele vê e a compartilhar com outras pessoas que ainda não conseguem ver a verdade das coisas. Epifania esta que é “um modo de descobrir o real e ao mesmo tempo um modo de defini-lo através de discurso”⁴⁶.

Esta característica de sua poética demonstra um lirismo em que impera o esclarecimento e indica que este poeta é alguém que emergiu da escuridão e passou a usar o estado de esclarecimento a seu favor e em favor de todos aqueles que se prestarem a manter um contato crítico com sua obra.

Se consideradas como obras isoladas, ou poemas, de Renato Russo expressam o esclarecimento de seu eu-lírico sobre aspectos isolados da vida emocional e/ou da vida social, majoritariamente, experimentada pelos jovens. Se tomadas como partes de um todo,

⁴⁶ UMBERTO ECO (1962) *apud* SANT’ANNA (1992, p. 244).

estes mesmos poemas são a expressão da capacidade do eu-lírico esclarecido de perceber e compreender o funcionamento de uma estrutura historicamente organizada a que podemos chamar de ‘Sistema’. Este Sistema dirige a vida e as escolhas dos jovens e de todas as sociedades, manipulando-os para aquilo que este Sistema deseja que eles sejam ou se tornem.

Em qualquer uma destas duas alternativas de abordagem da obra poética de Renato Russo, o que emana de seus poemas é a capacidade de enxergar o mundo sem as máscaras que falseiam, que escondem tudo o que parece dado ao acaso, mas é imposto especialmente aos jovens. Por que os jovens? Porque eles são o presente e o futuro da sociedade. Eles são os filhos e serão os pais. Eles são os pretensos rebeldes que se tornarão soldados da conformidade. Eles são consumidores e sobretudo os consumidos.

Isso posto, mostrarei como os poemas de Renato Russo, publicados nos álbuns da Legião Urbana, apresentam um caráter esclarecido, como fazem referências ao esclarecimento e como desenham os estágios do ca-

minho que a pessoa esclarecida vivencia no percurso de sua existencialidade. Mostrarei que, se tomados como um todo, os poemas de Renato Russo desenham uma estrutura complexa e madura que se organiza em torno de um eixo: o esclarecimento.

3.1

Uma síntese da presença do esclarecimento nos álbuns da Legião Urbana

Renato Russo criou um eu-lírico que, do primeiro ao último poema, se mostra em constante reflexão sobre a complexidade das relações intrapessoais e interpessoais e sobre a pluralidade de facetas das relações sociais.

Não raro, em seus poemas, ele usou um discurso fragmentado, não-linear, um vai e vem entre lembranças de uma juventude de *resistência* imediatamente seguidas por um postura ora de *cautela*, ora de *desilusão* em relação ao presente. Fragmentação que pode ocorrer dentro de um mesmo poema ou de um poema para outro dentro de um mesmo álbum da Legião Urbana.

Essa fragmentação do discurso sugere um fluxo argumentativo que, de forma singular, transita pelos três estágios do percurso do esclarecimento. Este fluxo sinuoso reflete o turbilhão de pensamentos e sentimentos que se misturam na mente e no coração de alguém que se relaciona muito intensamente com o mundo. Alguém que deseja criar uma revolução ao mesmo tempo se sente incapaz diante da desumanidade reinante.

Ao contrário do que se costuma afirmar, Renato Russo não foi porta-voz de ninguém. Ele foi porta-voz somente de suas próprias verdades. Ele criou seu eu-lírico para ser uma voz autônoma, livre e esclarecida que se comunica com seus receptores para sensibilizá-los e provocá-los a pensar sobre o mundo, sobre sua existencialidade. Ele criou um eu-lírico para externalizar suas ponderações, para pensar e revelar seu percurso de vida intelectual e emocional para, talvez, servir de inspiração para as pessoas que se interessarem em ter contato com sua obra.

A forma encontrada por ele para esta expressão foi um discurso centrado na primeira pessoa – característica do lirismo –, com

a predominância da função emotiva da linguagem em diálogos intrapessoais. Há também poemas cujo discurso apresenta a função apelativa da linguagem, estabelecendo um pseudo diálogo com uma segunda pessoa que nunca é identificada tampouco tem voz, mas que pode ser todos que ouvem sua voz. Há ainda poemas escritos usando a função referencial da linguagem, em que o eu-lírico faz denúncias e expõem problemas que o indignam ou para os quais busca respostas.

Há um eu-lírico a pensar sobre tudo ao mesmo tempo que sente e se condói. Ele compartilha sua interpretação de mundo ora por meio de afirmações, ora por de questionamentos inquietantes cujas respostas ficam no ar, para provocar e possibilitar o pensamento autônomo e livre de seus receptores.

Ele deseja que seus receptores se inquietem, que, ao serem provocados, busquem também a *luz*, palavra cujo uso nos poemas de Renato Russo sempre se refere a saber algo, descobrir, perceber, compreender, conhecer, abrir os olhos, ou seja, representa o esclarecimento, a iluminação para a saída da escuridão da alienação, da ignorância, da insen-

sibilidade, através do pensamento sensível, para iniciar a sua própria caminhada rumo ao esclarecimento que o eu-lírico já atingiu.

Mas o eu-lírico de Renato Russo revela que o percurso até o esclarecimento é um caminho árduo, repleto de sofrimentos e frustrações. Em muitos momentos o sujeito se sente fraco diante do mundo que se impõe a todos de forma desumana. Diante de todas as adversidades que lhe são impostas, para persistir no caminho, ele se agarra aos três tesouros que a iluminação lhe deu: a liberdade intelectual e emocional, a integridade, o amor fraterno e pleno. Nada é fácil para aquele que decide ser consciente e o eu-lírico de Renato Russo não poupa os receptores desta verdade.

Renato Russo fez da sua poesia um espaço de fraternidade e de fomento do poder da imaginação humana. Isto estabelece uma convergência entre sua poesia e o pensamento de Octavio Paz: “O poema é um modelo de sobrevivência fundada na fraternidade”⁴⁷. Ele fez da sua poesia uma luz que emanou do chão fértil de seu coração; o que vai ao encontro das proposições de Ferreira

⁴⁷ PAZ (1993, p. 148).

Gullar sobre o fazer poético: a poesia é uma luz, “que não nos é dada, que não desce dos céus, mas que nasce das mãos e do espírito dos homens”⁴⁸. A poesia de Renato Russo nasceu iluminada de suas mãos e de seu espírito.

Na abordagem que farei dos álbuns, escolherei alguns poemas para mostrar como o desenvolvimento dos três estágios do percurso do esclarecimento no lirismo de Renato Russo. Neste percurso, vejo um único eu-lírico que conta sua vida no decorrer dos álbuns e os costura como uma única obra o poética.

Os poemas escolhidos para as leituras pormenorizadas que se seguirão foram selecionados com o intuito de explicitar a presença de elementos textuais caracterizadores de uma atitude esclarecida diante dos temas abordados.

3.1.1 - O álbum *Legião Urbana* (1985)

O primeiro álbum da Legião Urbana mostra a representação de um eu-lírico que vai da intensidade da juventude rebelde à ma-

⁴⁸ GULLAR (2006, p. 152).

turidade da consciente resignação diante da imutabilidade e invencibilidade do poder do Sistema que rege a vida. Porque, como disse Renato Russo: “o sistema é mal”⁴⁹.

No conjunto dos poemas do primeiro álbum, há a predominância da *resistência*, embora haja também poemas ligados à *cautela* e à *desilusão*.

Enquanto *resistência*, o eu-lírico afirma sua liberdade, questiona acontecimentos, convoca revoltas coletivas dos jovens e denuncia violências sociais. Enquanto *cautela*, o eu-lírico sente-se desolado diante de sonhos frustrados, perdas afetivas e relações superficiais. Enquanto *desilusão*, o eu-lírico reconhece que todas as suas lutas e todos os seus sonhos de mudar o mundo e vencer o Sistema foram em vão, ficando a certeza de que, depois de tudo, nada mudou, restando-lhe apenas sua solidão, sua liberdade de amar plenamente e a resignação.

“Geração Coca-Cola” é o momento em que o eu-lírico de Renato Russo expressa mais fortemente o pensamento e os sentimentos

⁴⁹ Verso do poema “Vamos fazer um filme”, publicado no álbum *O descobrimento do Brasil* (1993).

que caracterizam o primeiro estágio do esclarecimento: a *resistência*.

- 1 Quando nascemos fomos programados
- 2 A receber o que vocês nos empurraram
- 3 Com os enlatados dos U.S.A., de nove às seis
- 4 Desde pequenos nós comemos lixo
- 5 Comercial e industrial
- 6 Mas agora chegou nossa vez
- 7 Vamos cuspir de volta o lixo
- 8 Em cima de vocês
- 9 Somos os filhos da revolução
- 10 Somos burgueses sem religião
- 11 Somos o futuro da nação
- 12 Geração Coca-Cola
- 13 Depois de vinte anos na escola
- 14 Não é difícil aprender
- 15 Todas as manhas do seu jogo sujo
- 16 Não é assim que tem que ser
- 17 Vamos fazer nosso dever de casa
- 18 E aí então, vocês vão ver
- 19 Suas crianças derrubando reis
- 20 Fazer comédia no cinema com as suas leis
- 21 Somos os filhos da revolução
- 22 Somos burgueses sem religião
- 23 Somos o futuro da nação
- 24 Geração Coca-Cola

Todo o poema parece um grito de protesto de um jovem que se assume como porta-voz do que poderia ser uma ira coletiva que desembocaria em uma revolução. Porém, o

poema é o grito de uma voz solitária, ainda ingênua em sua crença. Um porta-voz de si mesmo. Um jovem no início de seu esclarecimento, que se dispõe a conclamar outros jovens a também acordarem para a realidade acerca do domínio do pensamento, dos sentimentos e do comportamento que uma força maior e absoluta impõe sobre todos desde a infância em uma manipulação e opressão disfarçada de entretenimento e prazer. Esta força é o Sistema, para o qual o eu-lírico do poema dirige sua voz insurgente.

A partir desta proposição, o discurso do poema apresenta duas pessoas. A voz em primeira pessoa do plural corresponde ao eu-lírico se assumindo como voz de toda a juventude: “Quando nascemos fomos programados” (v.1). A voz direcionada à segunda pessoa representa o diálogo do eu-lírico com o Sistema multifacetado: “A receber o que vocês nos empurraram” (v.2).

Toda insurgência se fundamenta na tomada de consciência do eu-lírico de um processo de dominação sistemático que utiliza a indústria midiática como instrumento de alienação das pessoas desde a mais infância, a fim de satisfazer uma fome incessante por

prazer. Repete-se política do *pão e circo*: o *pão* é o prazer e o *circo* a indústria midiática. É um Sistema que faz uso de sua instrumentalização para programar o pensamento, os sentimentos e o comportamento das pessoas.

Nota-se que a revolta e a rebelião parte da juventude, não das pessoas com mais idade. É importante lembrar que, entre os três estágios do esclarecimento, o primeiro estágio da *resistência*, caracterizado por uma consciência do mundo, é comumente vivido na juventude e não na vida adulta, embora ainda imaturo e influenciado por ideologias várias.

“Geração Coca-Cola” é um grito sobre uma juventude que é resultado de um modelo de controle baseado na alienação pelos falsos e fugazes prazeres e do divertimento, em que eles passam a se interessar mais pela vida de personagens fictícios dos programas midáticos (“os enlatados dos U.S.A.”), tomando-os como modelos célebres. Distraída, esta juventude não se preocupa em se atentar para a estrutura de controle por trás de todo este processo sistemático e pseudo prazeroso, enquanto comem mais e mais do “lixo comercial e industrial” (v.1-8).

Da voz do eu-lírico ressoa o grito de revolta, o grito de alguém que não acredita mais nas mentiras contadas a ele pelo Sistema que visa o lucro, “burguesa” e que faz de seus filhos novos burgueses. Uma voz que também grita contra as religiões, que funcionam como instrumentos de doutrinação, ensinando, desde o nascimento das pessoas, no que acreditar, como sentir, o que é certo e errado e a se sentir culpados. É a voz de um jovem que vê em si e nos seus pares um novo comportamento que pode vir a ser o futuro.

Por outro lado, o eu-lírico é um jovem (entre poucos) que percebeu que todos os anos que passou no espaço da escola, tudo o que lá aprendeu com professores e os livros é o que fez dele uma pessoa consciente das “manhas” e do aparato do Sistema. Agora, tomando consciência das coisas e iniciando seu trajeto pelo esclarecimento, o jovem quer colocar em prática o que aprendeu e fazer o seu “dever de casa”. Neste momento, aquele jovem que foi alienado e controlado, que perdeu a inocência da infância, deixou de ser criança e ergue sua voz para derrubar os “reis” e “suas leis”, para rir e ridicularizar a estrutura de poder que antes o oprimia (v.13-20).

Para ilustrar o segundo estágio do percurso do esclarecimento no álbum *Legião Urbana*, escolhi o poema “Soldados”.

- 1 Nossas meninas estão longe daqui
- 2 Não temos com quem chorar
- 3 E nem pra onde ir
- 4 Se lembra quando era só brincadeira
- 5 Fingir ser soldado a tarde inteira?
- 6 Mas agora a coragem
- 7 Que temos no coração
- 8 Parece medo da morte mas não era então
- 9 Tenho medo de lhe dizer
- 10 O que eu quero tanto
- 11 Tenho medo e eu sei o porquê
- 12 Estamos esperando
- 13 Quem é o inimigo?
- 14 Quem é você?
- 15 Nos defendemos tanto, tanto sem saber
- 16 Porque lutar
- 17 Nossas meninas estão longe daqui
- 18 E de repente eu vi você cair
- 19 Não sei armar o que eu senti
- 20 Não sei dizer que vi você ali
- 21 Quem vai saber o que você sentiu?
- 22 Quem vai saber o que você pensou?
- 23 Quem vai dizer agora o que eu não fiz?
- 24 Como explicar pra você o que eu quis
- 25 Somos soldados
- 26 Pedindo esmola
- 27 A gente não queria lutar

Este poema mostra um momento de epifania vivido pelo eu-lírico. Ele se dá conta da inutilidade da rebeldia e sua luta. Usando a imagem de soldados em meio a uma guerra para representar os conflitos vividos por ele e seus pares, o eu-lírico explicita suas dúvidas, angústias e a necessidade de *cautela* diante do turbilhão de acontecimentos que passa a enfrentar. A *cautela* está representada no medo da morte, no medo da solidão, na espera para ver o que acontecerá, na mudança de pensamento da certeza da luta para a certeza de não querer mais lutar. Ao encarar a violenta realidade que antes se disfarçava atrás de brincadeiras quando não percebia a seriedade das coisas, a coragem de outrora se converte em medo e insegurança.

As relações afetivas festivas, apaixonadas ou descompromissadas ficam para trás: agora “nossas meninas estão longe daqui” (v.1), juntamente com todos aqueles que lhe serviam de apoio: “não temos com quem chorar e nem pra onde ir” (v.2-3). A solidão começa a ser a realidade e aquele sonho de coletividade se desfaz.

Tomarei o poema “Por enquanto”, que se segue, como exemplo para ilustrar, neste primeiro álbum da Legião, a presença do terceiro estágio do esclarecimento: a *desilusão*.

- 1 Mudaram as estações
- 2 E nada mudou
- 3 Mas eu sei
- 4 Que alguma coisa aconteceu
- 5 Está tudo assim tão diferente
- 6 Se lembra quando a gente
- 7 Chegou um dia a acreditar
- 8 Que tudo era pra sempre
- 9 Sem saber
- 10 Que o pra sempre
- 11 Sempre acaba
- 12 Mas nada vai
- 13 Conseguir mudar o que ficou
- 14 Quando penso em alguém
- 15 Só penso em você
- 16 E aí então estamos bem
- 17 Mesmo com tantos motivos
- 18 Pra deixar tudo como está
- 19 E nem desistir, nem tentar
- 20 Agora tanto faz
- 21 Estamos indo de volta pra casa

No poema “Por enquanto”, o eu-lírico se dedica a refletir sobre todo o processo de sua vida. Estabelecendo um diálogo com um receptor não identificado, o eu-lírico inicia o poema com a consciência de que, após a pas-

sagem de todo o tempo que viveu (a mudança das estações), ao final, nada muda, toda a estrutura do Sistema continua a mesma: “mudaram as estações e nada mudou”.

Ele relembra o tempo em que acreditava em ideologias e nas lutas e que a energia de sua juventude duraria para sempre: “se lembra quando a gente chegou um dia a acreditar que tudo era pra sempre” (v.6-7).

Com o passar do tempo, ele percebe que sua capacidade de lutar tem um fim. Que a força de suas crenças ideológicas tem um fim. Que as conquistas que achava que havia feito foram apenas ilusões: nada está diferente no mundo que o cerca. A única mudança foi em seu íntimo: seu amadurecimento com o passar das estações: “mas eu sei que alguma coisa aconteceu, está tudo assim tão diferente”. A *resistência* da juventude se transformou, por fim, na *desilusão* da maturidade tardia.

Assim, em seu íntimo, ele tem consciência e sente que nem mesmo a imutabilidade do Sistema que rege a vida é capaz de tirar dele os seus bem mais precisos e liber-

tadores: o Amor e seu esclarecimento, aquilo que ficou (v.12-16):

Mas nada vai conseguir mudar o que ficou.
Quando penso em alguém só penso em
você aí então estamos bem.

Neste final da linha da vida, o eu-lírico conclui que não há sentido nem frutos que resultaram das lutas coletivas ou individuais como soldados, com os pares da Geração Coca-Cola, com as denúncias de violência em “Baader Meinhof Blues”, de sexismo em “A dança”, de marginalização em “O Reggae”, ou na tentativa de entender o comportamento humano em “Será”, “Teorema”, “Perdidos no espaço”. Foram todas ações movidas pela crença em ideologias, pelos questionamentos a serem respondidos, pelas lutas que travou contra o Sistema na tentativa de mudar o fluxo das coisas da vida. Lutas frustradas que são “motivos para deixar tudo como está”.

Por fim, não há mais pelo que tentar lutar. Também não pode renunciar a sua consciência das coisas: “Nem desistir, nem tentar. Agora tanto faz” (v.19-20). Resta ao

eu-lírico apenas virar as costas para o Sistema – como fez o eu-lírico de Drummond em relação à “máquina do mundo” – e se refugir no seu mundo íntimo, “indo de volta para casa” (v.21), para seguir o fluxo da vida resignado.

3.1.2 - O álbum *Dois* (1986)

O álbum *Dois* (1986) apresenta um eu-lírico inquieto e indignado, questionador da realidade histórica, que assiste às mazelas do mundo e as denuncia. É o estágio da *resistência*.

Em outros momentos, há um eu-lírico que vê a escuridão chegar, se espalhar e ele já não tem forças para lutar, mas estende a mão a outros e tenta despertá-los para a necessidade de se esclarecer, a necessidade de ver o sol para que a luz fique acesa para revelar tudo que está escondido e para retomar a liberdade e o poder de ser dono de seu próprio tempo. É o estágio da *cautela*.

Revela-se ainda um eu-lírico resignado, consciente de que está sozinho como tivesse sido abandonado por todos os que ele acreditava estarem ao seu lado. Está só.

Olha para o passado e não compreende o mundo doente pelo qual passou. Torna-se quase insensível, para que ainda tenha forças e para se manter consciente. É o estágio da *desilusão*. Fecha-se o percurso do esclarecimento⁵⁰.

Do álbum *Dois*, como exemplo para ilustrar o estágio da *resistência*, tomarei o poema “Fábrica”.

- 1 Nosso dia vai chegar
- 2 Teremos nossa vez
- 3 Não é pedir demais
- 4 Quero justiça
- 5 Quero trabalhar em paz
- 6 Não é muito o que lhe peço
- 7 Eu quero o trabalho honesto
- 8 Em vez de escravidão
- 9 Deve haver algum lugar
- 10 Onde o mais forte não
- 11 Consegue escravizar
- 12 Quem não tem chance
- 13 De onde vem a indiferença

⁵⁰ Cabe aqui estabelecer uma relação com a equivalência destes estágios do esclarecimento com o conjunto da obra poética de Carlos Drummond de Andrade, em que, como percebeu Affonso Romano de Sant’anna (1992), o eu-lírico esclarecido passa por três estágios de vida: eu maior que o mundo; eu igual ao mundo; eu menor que o mundo.

14 Temperada a ferro e fogo?
15 Quem guarda os portões da fábrica?
16 O céu já foi azul, mas agora é cinza
17 E o que era verde aqui já não existe mais
18 Quem me dera acreditar
19 Que não acontece nada
20 De tanto brincar com fogo
21 Que venha o fogo então
22 Esse ar deixou minha vista cansada
23 Nada demais

“Fábrica” é mais um poema que visa denunciar uma série de problemas sócio-históricos: a exploração da mão de obra pelos patrões a ponto de situações análogas à escravidão. A destruição do meio ambiente pelas indústrias. E a resposta a tudo isto é apenas indiferença da sociedade, que permite que tudo continue acontecendo.

Mesmo diante de tudo o que o eu-lírico vê em seu estado de esclarecimento é revela a todos em voz alta, ele ainda nutre esperanças de uma mudança desta realidade: “Nosso dia vai chegar. Teremos nossa vez. Não é pedir demais. Quero justiça” (v.1-4). Ele ainda acredita que “deve a haver algum lugar, onde o mais forte não consegue escravizar quem não tem chance” (v.9-10).

Por fim, ele gostaria de acreditar que tudo o que revelou não acontece, mas ele não consegue desprezar sua consciência dos fatos. Diante de tudo ele se coloca pronto para lutar pelas mudanças: “Que venha o foto então” (v.21), embora revele, em suas últimas palavras, que seus olhos estão cansados de tudo a que assiste.

Para falar do estágio da *cautela*, usarei o poema “Tempo perdido”.

1 Todos os dias quando acordo
2 Não tenho mais
3 O tempo que passou
4 Mas tenho muito tempo
5 Temos todo o tempo do mundo
6 Todos os dias
7 Antes de dormir
8 Lembro e esqueço
9 Como foi o dia
10 Sempre em frente
11 Não temos tempo a perder
12 Nosso suor sagrado
13 É bem mais belo
14 Que esse sangue amargo
15 E tão sério
16 E selvagem!
17 Veja o sol
18 Dessa manhã tão cinza
19 A tempestade que chega
20 É da cor dos teus olhos castanhos

21 Então me abraça forte
22 E diz mais uma vez
23 Que já estamos
24 Distantes de tudo
25 Temos nosso próprio tempo
26 Não tenho medo do escuro
27 Mas deixe as luzes
28 Acesas agora
29 O que foi escondido
30 É o que se escondeu
31 E o que foi prometido
32 Ninguém prometeu
33 Nem foi tempo perdido
34 Somos tão jovens

“Tempo perdido” é um dos mais populares e emblemáticos poemas de Renato Russo. É um texto que, a princípio,

promove reflexões a respeito do decurso do tempo, no mesmo momento em que reconhece que o tempo decorrido é um instante que não volta mais (...).⁵¹

Esta promoção de reflexões já caracteriza, em si, uma ação própria de uma pessoa esclarecida, que demonstra consciência do problema sobre o qual se debruça e se presta a estabelecer um diálogo com seu re-

⁵¹ PIRES et al (2022, p. 337).

ceptor para compartilhar tais reflexões a fim de ajudar seu receptor a também ver a luz do esclarecimento.

A proposição central do poema é a necessidade da percepção e da permanência na claridade para atingir o esclarecimento. É o esclarecimento que possibilitará ao receptor a clareza de que precisa viver seu tempo de maneira mais significativa e própria. O convite para o esclarecimento está representado pela metáfora do “sol” que precisa ser visto em meio à escura tempestade que chega a cada manhã. Também está representado nas “luzes” que precisam ficar acesas para que seja possível ver tudo o que foi escondido.

A condição de cegueira imposta pela escuridão provoca a incapacidade de ver o tempo de vida perdido quando aprisionado pela rotina vazia imposta a todos.

Renato Russo, em seu lirismo, afirma que atingir e permanecer no esclarecimento é algo que exige um suor que resulta do sacrifício, trabalho e do sofrimento. Suor que é “sagrado” por resultar de algo que não poder ser retirado e roubado daquele que se dedicou e atingiu o esclarecimento e que não se dis-

sipa o cinza da tempestade. A recompensa pelo sofrimento de ser esclarecido é se tornar dono da própria vida, do próprio tempo e determinar o sentido de seus dias.

Para evitar a conformação, o eu-lírico acredita ser necessária uma união, para que juntos todos possam se distanciar de tudo que faz mal, para vencer o medo da escuridão, para manter a “luz” do esclarecimento acesa.

A “luz” que precisa ser deixada acesa para que, na união das pessoas envoltas pelo esclarecimento, seja possível ver o que foi escondido, perceber as promessas vazias que são feitas e compreender a urgência de que todos mantenham a consciência sobre o Sistema, esqueçam o tempo já perdido e sigam a vida agora sendo donos de si.

O eu-lírico não oferece sua própria verdade, mas tenta inquietar e provocar o receptor do poema a olhar para a luz, ver “o sol desta manhã tão cinza” (v.17-18), para conseguir enxergar através da escuridão espessa imposta pela “tempestade que chega” (v.19) todas as manhãs.

Em “Tempo perdido” há um eu-lírico comedido, que não grita mais por revolu-

ções, que não faz denúncias sobre horrores do mundo. Há um eu-lírico que ainda acredita poder ajudar a outros e para isso apenas se dedica a mostrar para outras pessoas que é possível se esclarecer e que cada um pode fazer sua própria revolução individual ao perceber como estava envolvido nas rotinas vazias do mundo e perdendo seus dias. Assim, na atitude do eu-lírico, predomina a *cautela*.

Como exemplo do terceiro estágio do esclarecimento: a *desilusão*, usarei o poema “Andrea Doria”.

- 1 Às vezes parecia que de tanto acreditar
- 2 Em tudo que achávamos tão certo
- 3 Teríamos o mundo inteiro
- 4 E até um pouco mais
- 5 Faríamos floresta do deserto
- 6 E diamantes de pedaços de vidro
- 7 Mas percebo agora
- 8 Que o teu sorriso vem diferente
- 9 Quase parecendo te ferir
- 10 Não queria te ver assim
- 11 Quero a tua força como era antes
- 12 O que tens é só teu
- 13 E de nada vale fugir
- 14 E não sentir mais nada
- 15 Às vezes parecia que era só improvisar
- 16 E o mundo então seria um livro aberto
- 17 Até chegar o dia
- 18 Em que tentamos ter demais

- 19 Vendendo fácil o que não tinha preço
20 Eu sei é tudo sem sentido
21 Quero ter alguém com quem conversar
22 Alguém que depois não use o que eu disse
23 Contra mim
24 Nada mais vai me ferir
25 É que eu já me acostumei
26 Com a estrada errada que eu segui
27 E com a minha própria lei
28 Tenho o que ficou
29 E tenho sorte até demais
30 Como sei que tens também

Este poema é a expressão do diálogo do eu-lírico com uma segunda pessoa que parece ser alguém próximo e querido.

O primeiro verso já anuncia que o poema tratará de frustrações, de introspecção e de solidão, explicitando o estágio da desilusão. A crença cega em algo leva a uma desolação, no momento que se descobre a fragilidade da crença e mesmo a sua falsidade. Quanto maior a crença, maior a desilusão.

Tudo parecia tão certo na utopia que se mostrou ingênua: fazer florestas do deserto, transformar pedaços de vidro em diamantes. Qual o preço dos sonhos? Vale a pena se vender a ponto de se perder para aquilo contra o qual ser lutava? Vale a pena desistir e se modificar até o ponto de não mais

ser reconhecido? A impossibilidade das realizações transforma a força de outrora em tristeza, fraqueza e desistência. E tudo que antes parecia certo, perde todo o sentido.

Vencido, abandonado pelos seus próximos e traído, o eu-lírico se vê sozinho, mas maduro, consciente de tudo o que se passou e do que resta ele. Já não a luta, nem sonhos, mas a certeza de que, experiente e consciente, nada mais poderá feri-lo. O caminho do esclarecimento é a contramão do fluxo do mundo, é “a estrada errada” (v.26) é ser o *gauche*⁵². Por fim, em meio a toda a *desilusão*, eu-lírico passa a viver apenas com o que é dele e que ninguém pode lhe tirar: sua iluminação, sua liberdade e sua “própria a lei” (v.27). Isto é o que a ele ficou.

⁵² Adjetivo que se tornou famoso na poesia brasileira, a partir de seu uso por Carlos Drummond de Andrade no “Poemas de sete faces”, publicado em *Alguma Poesia* (1930): “Quando nasci, um anjo desses que vivem nas sobras, disse: ‘Vai Carlos, ser *gauche* na vida’”. *Gauche* é uma palavra francesa que significa o esquerdo, aquele que não é direito, ou seja, aquilo que é torto. Mas o que significa não ser direito, ser errado, num mundo onde o direito, o certo, é o sofrimento humano?

3.3 O álbum *Que país é este* (1987)

No terceiro álbum da Legião Urbana: *Que país é esse* (1987), Renato Russo faz um apanhado de poemas feitos entre 1978 e 1987. Desta forma, há um eu-lírico que ora repete o jovem rebelde e dominado por ideologias e quer enfrentar a realidade do mundo (“Que país é este?” ou “Tédio com um T”) ora repete o eu-lírico em dúvida entre sua capacidade de provocar uma revolução e as dores de ter que se dobrar à irreversibilidade das mazelas da vida e do Sistema do mundo (“Mais do mesmo” ou “Angra dos Reis”).

É importante saber que o álbum *Que país é este* é o último em que Renato Russo publica poemas relacionados ao primeiro estágio do esclarecimento: a *resistência*. Por outro lado, não há poemas relacionados ao estágio da *cautela*. Neste caso, o eu-lírico vai diretamente de uma ponta a outra do percurso do esclarecimento. Não há meio termo.

Para exemplificar as referências ao estágio da *resistência* neste álbum, usarei o poema “Que país é este”.

- 1 Nas favelas, no senado
- 2 Sujeira pra todo lado
- 3 Ninguém respeita a constituição
- 4 Mas todos acreditam no futuro da nação
- 5 Que país é este
- 6 No Amazonas, no Araguaia
- 7 Na Baixada Fluminense
- 8 Mato Grosso, Minas Gerais
- 9 E no nordeste tudo em paz
- 10 Na morte eu descanso
- 11 Mas o sangue anda solto
- 12 Manchando os papéis
- 13 Documentos fiéis
- 14 O descanso do patrão
- 15 Que país é este
- 16 Terceiro mundo se for
- 17 Piada no exterior
- 18 Mas o Brasil vai ficar rico
- 19 Vamos faturar um milhão
- 20 Quando vendermos todas as almas
- 21 Dos nossos índios num leilão
- 22 Que país é este

Sim, o esclarecimento também pode se manifestar na forma de denúncias, porque, para saber o que denunciar, é preciso antes saber ver e analisar o que se pretende denunciar. “Que país é este” é um conjunto um listar de problemas históricos, sociais e políticos nos quais o Brasil está mergulhado. A matança de índios e o roubo de suas terras. A des-

truição da Amazônia. A impunidade, a criminalidade e todas as outras formas de ofender a Constituição. A exploração dos trabalhadores e os lucros exorbitantes do patrão.

Este é um os poemas em que o tema e as imagens poéticas estão mais evidentes, mais explícitas. Este é poema de *resistência*, porque, quem denuncia acredita que alguma mudança é possível. Denunciar é uma forma de lutar, de se rebelar contra o *status quo* do mundo, do Sistema.

Para falar do estágio da *desilusão* em *Que país é este*, escolhi o poema a “Angra dos Reis”.

- 1 Deixa, se fosse sempre assim: quente
- 2 Deita aqui perto de mim
- 3 Tem dias em que tudo está em paz
- 4 E agora todos os dias são iguais
- 5 Se fosse só sentir saudade
- 6 Mas tem sempre algo mais
- 7 Seja como for
- 8 É uma dor que dói no peito
- 9 Pode rir agora que estou sozinho
- 10 Mas não venha me roubar
- 11 Vamos brincar perto da usina
- 12 Deixa pra lá, a Angra é dos Reis
- 13 Porque se explicar se não existe perigo?
- 14 Senti teu coração perfeito batendo à toa

15 E isso dói
16 Seja como for
17 É uma dor que dói no peito
18 Pode rir agora que estou sozinho
19 Mas não venha me roubar
20 Vai ver que não é nada disso
21 Vai ver que já não sei quem sou
22 Vai ver que nunca fui o mesmo
23 A culpa e toda sua e nunca foi
24 Mesmo se as estrelas comessem a cair
25 E a luz queimasse tudo ao redor
26 E fosse o fim chegando cedo
27 E você visse nosso corpo em chamas
28 Deixa pra lá
29 Quando as estrelas comessem a cair

O poema se inicia com um lamento: “Deixa, se fosse sempre assim: quente” (v.1). Transparece, como em todo restante do poema, uma sensação de que o eu-lírico se sente conformado, resignado ao que lhe resta, sem mais forças para agir contra o fluxo que o leva ou pelo qual ele se permite ser levado. E assim, há uma certa paz: “Tem dias que tudo está em paz” (v.3), em meio aos dias que, agora, são todos iguais. Isso me faz lembrar a os versos de Drummond em “Dissolução”:

E aquele agressivo espírito
que o dia carrega consigo,
já não oprime. Assim a paz,
destroçada.

É o que parece sentir o eu-lírico de Renato Russo em “Angra dos Reis”: uma paz destroçada, há uma “dor que dói no peito” (v.17) e que outros não veem, continuam rindo, felizes, seguindo o fluxo de suas vidas, enquanto aquele que é esclarecido sofre com solitário com a dor do mundo. Só deseja que ninguém roube dele sua consciência.

No mundo que é dos reis, os inconscientes brincam perto do perigo sem perceber, enquanto se acham felizes, com o coração batendo em meio a toda a mentira. Consciente disso, o eu-lírico apenas sente dor por ele e por todos.

E se tudo que ele vê não for o que ele acha que é? E se ele não for o que ele pensa ser? E se seu sofrimento for culpa somente dele? E se tudo se acabasse em sofrimento sem que os outros nem percebessem? Se todas as estrelas caíssem do céu e ninguém percebesse? Se a luz do esclarecimento brilhasse tão fortemente a ponto de queimar tudo

com sua luminosidade? Eles conseguiriam ver a verdade? Provavelmente não. Diante de tudo isso, o eu-lírico apenas de resigna e “deixa pra lá” (v.28). É a *desilusão*.

3.4 O álbum *As Quatro Estações* (1989)

No quarto álbum da Legião Urbana, intitulado *As quatro estações* (1989), há um eu-lírico que atinge a maioridade do esclarecimento e abandona completamente a rebeldia ideológica da juventude e do estágio da *resistência*.

Ele acredita com mais força para manter sua liberdade racional e emocional. Tenta, mesmo que de forma tímida, ajudar outros a também verem a luz do esclarecimento, aconselhando e falando de sua experiência de vida, como lemos, por exemplo, em “Eu era um lobisomem juvenil”, “Pais e filhos” e em “Quando o sol bater na janela do teu quarto”, esta última se constituindo em uma ode ao esclarecimento e sobre a qual falarei mais adiante, no capítulo “Luz e sentido e palavra”.

O eu-lírico ainda acredita na possibilidade de esclarecimento das pessoas, mas

apenas por ações individuais, desde que estas desejem se esclarecer, mas não acredita mais e revoluções coletivas. Então este é o álbum em que o eu-lírico de Renato Russo definitivamente chega no auge do segundo estágio do esclarecimento: a *cautela*. É o momento do iluminação em que uma postura se impõe a todo sujeito que permanece no esclarecimento: a consciência das limitações impostas pelo mundo e de que as grandes lutas não são, não serão e nunca foram possíveis. No entanto é possível mudar a si mesmo, esclarecer a si mesmo e ajudar alguns poucos a também verem a luz e se banharem no sol.

Assim, ele finalmente compreende a irreversibilidade da maldade do mundo e a impossibilidade de qualquer salvação coletiva, como lemos em “Há tempos”.

Ao mesmo tempo, ele compreende que a única coisa que vale a pena e que pode dar algum sentido à existencialidade das pessoas é a vivência incondicional do Amor em sua plenitude e em todas as suas formas, como lemos em “Monte Castelo”, “Pais e filhos”, “Sete Cidades”, “Se fiquei esperando meu amor passar”.

Neste álbum, o estágio da *cautela* pode ser visto no poema que se segue: “Eu era um lobisomem juvenil”.

- 1 Luz e sentido e palavra
- 2 Palavra é o que o coração não pensa
- 3 Ontem faltou água
- 4 Anteontem faltou luz
- 5 Teve torcida gritando, quando a luz voltou
- 6 Não falo como você fala,
- 7 mas vejo bem o que você me diz
- 8 Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo
- 9 Prefiro acreditar no mundo do meu jeito
- 10 E você estava esperando voar
- 11 Mas, como chegar até as nuvens,
- 12 com os pés no chão?
- 13 O que sinto, muitas vezes faz sentido
- 14 E, outras vezes, não descubro o motivo
- 15 Que me explica por que é
- 16 que não consigo ver sentido
- 17 No que sinto, o que procuro,
- 18 O que desejo e o que faz parte do meu mundo
- 19 O arco-íris tem sete cores
- 20 E fui juiz supremo
- 21 Vai. Vem embora. Volta
- 22 Todos têm, todos têm suas próprias razões
- 23 Qual foi a semente que você plantou?
- 24 Tudo acontece ao mesmo tempo
- 25 Nem eu mesmo sei direito
- 26 o que está acontecendo
- 27 E daí? De hoje em diante,
- 28 todo dia vai ser o dia mais importante
- 29 Se você quiser alguém pra ser só seu
- 30 É só não se esquecer: estarei aqui

- 31 Não digo nada: espero o vendaval passar
32 Por enquanto, eu não sei
33 O que você me falou me fez rir e pensar
34 Por que estou tão preocupado
35 por estar tão preocupado assim
36 Mesmo se eu cantasse todas as canções
37 Todas as canções
38 Todas as canções do mundo
39 Sou bicho do mato
40 Mas...
41 Se você quiser alguém pra ser só seu
42 É só não se esquecer: estarei aqui
43 Ou então não terás
44 Jamais a chave pro meu coração

No poema “Eu era um lobisomem juvenil”, publicado no álbum *As Quatro Estações* (1989), a referência ao esclarecimento é representada na metáfora formada pela “luz” (v.1, 4, 5), que é colocada como fundamento de todo o discurso do eu-lírico, figurando na abertura do poema.

A frase de abertura “Luz e sentido e palavra” (v.1) representa a tríade que sintetiza o esclarecimento: a “luz” do esclarecimento revela o “sentido” verdadeiro das coisas e este é compartilhado pela pessoa esclarecida por meio da “palavra”, que é o instrumento para organizar o pensamento e expressar os sentimentos. “Palavra” que é a base da estrutu-

ração do pensamento, constitui o processo racional e não o sensorial, por isso a “palavra é o que o coração não pensa”, porque ela só pode só existir e só pode ser formulada pelo raciocínio, pelo pensamento. Não há pensamento sem palavra nem palavra sem o pensamento. Da mesma maneira que não é possível se esclarecer sem pensar nem pensar sem se esclarecer. Pensar não é repetir, reproduzir. Pensar é criar, é inovar, é construir.

Na segunda proposição do poema (v.3-5), os versos estabelecem uma sequência de acontecimentos na qual a ausência da luz, ocasiona a falta da água. A (re)conquista da luz desejada é motivo de celebração por aqueles que a valorizam: sua torcida. Repare que a ausência do esclarecimento (“luz”) gera a falta do bem mais puro e mais essencial para a vida: a água, a qual pode ser a representação do bem mais precioso para o indivíduo: a liberdade. Mas quando o esclarecimento é (re)conquistado, aqueles que dele se alimentam celebram a (re)conquista da liberdade.

A capacidade do sujeito esclarecido de compreender o sentido e a intenção das

coisas, seja das ações, seja das palavras, seja dos mecanismos do Sistema, seja das pessoas não esclarecidas também é abordada neste poema (v.6-7).

Mas o esclarecimento, embora possibilite a liberdade e a maturidade do pensamento e do sentir, por outro lado também faz com que o eu-lírico esclarecido seja capaz de enxergar toda a maldade e doença que habitam e que controlam o mundo e seu Sistema. E diante deste horror, mesmo aquele que se esclareceu deseja não ter visto tudo o que seus olhos lhe mostraram: “Se o mundo é mesmo parecido com o que vejo / Prefiro acreditar no mundo do meu jeito” (v.8-9).

“Eu era um lobisomem juvenil” é um poema que representa um diálogo do eu-lírico com ele mesmo. É uma reflexão sobre sua vida desde sua juventude, do primeiro ao segundo estágio do esclarecimento: da *resistência* juvenil até *cautela* da maioridade. Desta relação vem uma das conclusões do eu-lírico na frase que dá título ao poema. Já esclarecido, ele olha para seu passado e identifica as mutações pelas quais seu pensamento passou em seu percurso de esclarecimento. Daí a

expressão “lobisomem juvenil”, que representa as transformações de seu pensamento juvenil.

No início, jovem rebelde, desejava ser livre, voar até nuvens (v.10). Na confusão de seus sentimentos e suas paixões, muitas vezes não conseguia ver sentido em seus próprios sentimentos. Mas, diante de suas dúvidas juvenis sobre os significados das coisas e os sentidos da vida, não conseguia racionalizar o seus próprios anseios, não entendia o porquê não conseguia atribuir sentidos para sua vida. Mergulha, então, em uma crise existencial, sem saber quem é, o que procura, o que anseia e a que mundo ele pertence (v.13-18).

Já na cautela de sua maioridade, depois de todas as crises existenciais e de alcançar o esclarecimento, olha para aquele jovem que queria “voar” livre e inconsequente, como um Ícaro, e conclui que tudo aquilo era mera ilusão juvenil. Porque, ao atingir o esclarecimento, com “os pés no chão”, se tornando capaz de construir opiniões e raciocínios próprios e maduros, compreendendo o funcionamento do Sistema, da “máquina do mundo”,

entende que, no mundo real, não é possível voar (v.10-12).

Em sua transformação, o jovem que vai entrando na maioria do esclarecimento, começa a compreender que cada pessoa precisa ser livre para fazer suas escolhas e construir suas verdades. Para isso, o eu-lírico usa como metáfora o “arco-íris”, para representar a multiplicidade das pessoas, e as “sete cores”, para representar as múltiplas verdades (v.19). Por isso, ele se reconhece sua liberdade que o faz ser “juiz supremo” de suas escolhas nas idas e voltas da vida (v.21), ao mesmo tempo, único responsável pelas consequências de suas decisões, da mesma forma que cada um precisa ser o “juiz supremo” de si, porque “todos precisam ter “suas próprias razões (v.22). Afinal, como o mesmo eu-lírico de Renato Russo afirma no poema “Há tempos”: “disciplina é liberdade”.

Suas reflexões continuam e ele se pergunta sobre o que de significativo e de valor ele fez durante sua vida até aquele momento: que sementes ele plantou (v.23), o que ele fez de valor em seu passado. Por outro lado, ele compreende que a “máquina do mundo”

não para e que inúmeras coisas acontecem ao mesmo tempo, gerando inúmeras informações e relações e isso dificulta até mesmo a sua compreensão do mundo. Por isso, o eu-lírico decide que não há valor em que preocupar com o que virá, nem remoer o que já passou. O importante é viver cada dia como se fosse “o dia mais importante” (v.24-28).

Diante de todas as revelações que ele mesmo constrói sobre as verdades das transformações da vida, o eu-lírico compreende que, neste mundo de vidas individuais, com interesses e escolhas individuais, em que ninguém pode ser dono de ninguém, a única pessoa com quem ele pode contar plenamente para lhe pertencer é ele mesmo (v.29-30), pensamento que remete a outro poema de Renato Russo: “Mais uma vez”⁵³, em que seu eu-lírico revela conclusão semelhante: “Se você quiser alguém em quem confiar, / confie em si mesmo”.

⁵³ Este poema tornou-se a letra da canção homônima feita em parceria com Flávio Venturini e lançada, originalmente pela banda 14Bis. A versão cantada apenas por Renato Russo foi lançada, postumamente, no álbum *Renato Russo: presente* (2003).

Cauteloso diante do mundo, o eu-lírico se cala e se refugia dentro de si e espera, emquanto no mundo externo, o vendaval (ou a tempestade, como em outros poemas) continua sem que ele saiba até quando (v.31-33).

O eu-lírico conclui que isto que disse a si mesmo em sua conversa interna, o faz rir de suas próprias escolhas e ações e a se questionar por que ele está preocupado por ter se importado tanto com tudo que viveu e com o que virá (v.33-34).

Conclui ainda que, mesmo que ele tentasse cantar todas as canções, falar todas as línguas, se comportar como todas as pessoas para ser igual a todos os outros (v.36-38) ele não conseguiria se render à conformidade e à alienação do Sistema do mundo, porque, ele se sabe um sujeito esclarecido, juiz de si mesmo, livre: um “bicho do mato” (v.39). É este seu estado de esclarecimento que o faz ter certeza de algo que ele não pode esquecer: ele é o único dono de si. Do contrário ele jamais teria a chave de seu próprio coração (v.41-44).

O poema “Há tempos” pode exemplificar a desilusão no álbum *As Quatro Estações*.

1 Parece cocaína, mas é só tristeza
2 Talvez, tua cidade
3 Muitos temores nascem
4 Do cansaço e da solidão
5 Descompasso, desperdício
6 Herdeiros são agora
7 Da virtude que perdemos
8 Há tempos tive um sonho
9 Não me lembro
10 E hoje, o dia é tão bonito
11 Já estamos acostumados
12 A não termos mais nem isso
13 Os sonhos vêm e os sonhos vão
14 O resto é imperfeito
15 Disseste que se tua voz tivesse força igual
16 À imensa dor que sentes
17 Teu grito acordaria
18 Não só a tua casa
19 Mas a vizinhança inteira
20 E há tempos, nem os santos
21 Têm ao certo, a medida da maldade
22 E há tempos, são os jovens que adoecem
23 E há tempos, o encanto está ausente
24 E há ferrugem nos sorrisos
25 E só o acaso estende os braços
26 A quem procura abrigo e proteção
27 Meu amor
28 Disciplina, é liberdade
29 Compaixão, é fortaleza
30 Ter bondade, é ter coragem (e ela disse)
31 Lá em casa tem um poço
32 Mas a água é muito limpa (limpa)

“Há tempos” é o anúncio do reconhecimento das frustrações do eu-lírico e a chegada da *desilusão*. É o poema que abre o álbum *As Quatro Estações*. Simboliza a chegada definitiva do eu-lírico na plenitude de seu estado de esclarecimento.

Consciente de que os jovens abandonaram aquele vigor da “Geração Coca-Cola” para se resignar com a derrota dos sonhos, dos idealismos, da vontade de transformação. Resta o entorpecimento para disfarçar a tristeza individual e a coletiva, da cidade. Restam os temores, o cansaço e a solidão para aquele que antes lutava para que todos atingissem a consciência, o esclarecimento. Restam os sonhos de outrora agora esquecidos. Morreram a ingenuidade de que uns ajudam e abraçam os outros e a vontade de vencer a tempestade e ser dono do próprio tempo: embora o dia ser tão bonito, o dia não nos pertence mais: “já não temos mais nem isso”.

O esclarecimento do eu-lírico se faz perceber diante da consciência de que há tempos, inevitavelmente, os jovens sempre adoecem. E aqueles dias de resistência se fo-

ram juntamente com as ideologias e o encanto de outrora que se mostraram inúteis. Os jovens perderam, os sonhos que um dia vieram agora já se foram e o que resta é a imperfeição irreversível do mundo. Aquela voz que antes era tão forte quanto a imensa dor da frustração do presente, já não é mais capaz de acordar a si mesmo e a mais ninguém.

Tudo agora é escuridão e todos estão entregues à mercê do acaso, embora ainda expressem sorrisos enferrujados, sem vida. Já não há mais com quem se proteger do mundo adoecido e adoecedor. Nem aqueles “santos” que ainda insistem em manter a consciência para tentar fazer o bem conseguem vencer a maldade imposta. E a isto todos já se acostumaram.

O eu-lírico de Renato Russo agora expressa o mesmo sentimento de derrota e resignação que o eu-lírico de Carlos Drummond de Andrade em “Dissolução” e a “Máquina do mundo”, ambos do livro *Claro Enigma* (1951)..

Diante de toda esta realidade que há tempos impera, resta ao indivíduo esclarecido e solitário, se manter consciente, alimentando e vivenciando suas virtudes: a dis-

ciplina de manter o controle de sua própria vida e que o faz manter sua a liberdade intelectual e emocional inerentes à pessoa esclarecida; a compaixão diante de todos que precisam de ajuda, se fortalecendo com o amor que distribui entre aqueles vivem em dissolução e ignorância; a bondade que alimenta e fortalece sua coragem de estender a mão para aqueles poucos que se dispõem a se abrir para o esclarecimento, ao contrário daqueles que, diante da possibilidade de beber outra vez da pureza representada na água limpa do poço que está ao alcance das mãos, se negam, acostumados que estão de beber da maldade que a tudo domina.

Ademais, é possível inferir do poema que, embora o eu-lírico se mantenha como uma pessoa esclarecida e consciente da realidade vil que a todos envolve, ao contrário do que ele afirmava em “Tempo Perdido” do álbum *Dois*, aqui não há nenhuma referência e conclamação à possibilidade dos outros olharem para um sol, para uma luz, e reverter a maldade que há tempos a todos aliena e esvazia de vida na tristeza dos dias que se perdem.

3.5 O álbum V(1991)

O quinto álbum V(1991) dá continuidade à postura do eu-lírico que se vê em *As Quatro Estações*, transitando entre a *cautela* de uma esperança cada vez mais enfraquecida e a *desilusão*.

Há a reafirmação de seu esclarecimento e da luta íntima e individual por sua liberdade intelectual e emocional (“Metal contra as nuvens”, ou “A montanha mágica”), embora apresente momentos de dúvida entre o sofrimento da luta pela permanência no esclarecimento e o desejo por outras coisas que existem, como a serenidade que ele acha que pode haver na alienação e nas coisas simples do cotidiano (“Sereníssima”, ou “O mundo anda tão complicado”), pensando sobre se deixar levar pelo fluxo do mundo como se é levado pela ambiguidade do mar, que inspira tranquilidade e paz ao mesmo tempo que envolve com força e violência todos que nele mergulham (“Vento no litoral”).

A afirmação do Amor como sentido definitivo para a vida, mesmo que no silên-

cio das palavras (“Love song”, ou “Come share my life”). Ele continua a manter a percepção e a consciência da imensidade da maldade do mundo, que suga a vida das pessoas, e sua irreversibilidade (“Teatro dos Vampiros”).

Deste quinto álbum, comentarei “Metal contra as nuvens”.

- 1 Não sou escravo de ninguém
- 2 Ninguém é senhor do meu domínio
- 3 Sei o que devo defender
- 4 E por valor eu tenho
- 5 E temo o que agora se desfaz
- 6 Viajamos Sete léguas
- 7 Por entre abismos e florestas
- 8 Por Deus nunca me vi tão só
- 9 É a própria fé o que destrói
- 10 Estes são dias desleais
- 11 Eu sou metal
- 12 Raio, relâmpago e trovão
- 13 Eu sou metal
- 14 Eu sou o ouro em seu brasão
- 15 Eu sou metal
- 16 Me sabe o sopro do dragão
- 17 Reconheço o meu pesar
- 18 Quando tudo é traição
- 19 O que venho encontrar
- 20 É a virtude em outras mãos
- 21 Minha terra
- 22 É a terra que é minha
- 23 E sempre será
- 24 Minha terra

25 Tem a lua, tem estrelas
26 E sempre terá
27 Quase acreditei na sua promessa
28 E o que vejo é fome e destruição
29 Perdi a minha sela e a minha espada
30 Perdi o meu castelo e minha princesa
31 Quase acreditei, quase acreditei
32 E, por honra, se existir verdade
33 Existem os tolos e existe o ladrão
34 E há quem se alimente do que é roubo
35 Mas vou guardar o meu tesouro
36 Caso você esteja mentido
37 Olha o sopro do dragão
38 É a verdade o que assombra
39 O descaso que condena
40 A estupidez o que destrói
41 Eu vejo tudo o que se foi
42 E o que não existe mais
43 Tenho os sentidos já dormentes
44 O corpo quer, a alma entende
45 Esta é a terra de ninguém
46 E sei que devo resistir
47 Eu quero a espada em minhas mãos
48 Eu sou metal
49 Raio, relâmpago e trovão
50 Eu sou metal
51 Eu sou o ouro em seu brasão
52 Eu sou metal
53 Me sabe o sopro do dragão
54 Não me entrego sem lutar
55 Tenho ainda coração
56 Não aprendi a me render
57 Que caia o inimigo então
58 Tudo passa, tudo passará
59 E nossa estória, não estará

60 Pelo avesso assim
61 Sem final feliz
62 Teremos coisas bonitas pra contar
63 E até lá vamos viver
64 Temos muito ainda por fazer
65 Não olhe para trás
66 Apenas começamos
67 O mundo começa agora
68 Apenas começamos

O poema “Metal contra as nuvens”, publicado no álbum *V* (1991), é um bom exemplo do uso do discurso fragmentado que não segue um fluxo cronológico, mas que se estrutura na forma de um tempo psicológico. Nesta estruturação, referências ao passado e ao presente do eu-lírico se alternam divididas em grupos de versos. Para expressar as perdas e ganho do eu-lírico, Renato Russo elaborou um poema em que o eu-lírico se dirige ao Sistema para se autoafirmar diante dele.

No primeiro grupo de versos que inicia o poema, a exemplo de “Será”, o eu-lírico retoma seu grito de resistência e de autoafirmação de sua liberdade de pensamento: “Não sou escravo de ninguém / Ninguém é senhor do meu domínio / Sei o que devo defender” (v.1-3). Nestas palavras, ele também afirma

sua identidade e sua inadequação à conformação socialmente imposta pelo Sistema.

Estes primeiros versos remetem o eu-lírico ao primeiro estágio do esclarecimento: a *resistência*, e deles emanam a coragem e a resiliência próprias da juventude, como se ele ainda estivesse no início de sua jornada pelo esclarecimento.

No entanto, os versos seguintes reconstroem o eu-lírico em outro momento de sua vida e revelam uma mudança da coragem para o medo, da *resistência* para a consciência de que suas ideologias, ideais e certezas se frustraram e estão se desfazendo. Neste segundo grupo de versos o eu-lírico se vê no estágio da *cautela*. Ele sente temor diante da percepção da perda do que ele conquistou pelo mérito de seus esforços: a liberdade de seu esclarecimento (v.4-5). Este medo da perda justifica os versos anteriores em que ele faz questão de afirmar sua independência.

Em suas ponderações, no grupo de versos que se segue (v.6-10), ele relembra as dificuldades enfrentadas nas “sete léguas” de

seu caminho para a perfeição⁵⁴ do esclarecimento e sua conquista da liberdade. Enfrentando as adversidades, ele se percebe sozinho, em imensa solidão, porque atingir o esclarecimento é algo que ninguém pode fazer por outro. Tragicamente, o eu-lírico sabe a fé, a persistência na conquista da consciência libertadora do esclarecimento é também destruição das utopias, das ideologias, da esperança. Por isto, “é a própria fé o que destrói”. A confirmação de suas perdas diante das mazelas do mundo revela o quanto o mundo é desleal e injusto.

No refrão do poema (v.11-16), ao mesmo tempo em que reitera sua integridade, o eu-lírico também revela seu estado de esclarecimento. A força de sua integridade está representada pelas metáforas existentes no uso das palavras “metal”, “raio”, “relâmpago”, “trovão”, “ouro” e “dragão”. Estas mesmas metáforas, por emitirem luz e brilho, também representam sua iluminação, a luz que emana

⁵⁴ É necessário lembrar que, historicamente, o número 7 refere-se à perfeição, à plenitude, ao descanso, à completude, ao poder divino do Deus judaico-cristão.

de seu esclarecimento. Por meio do “ouro” ele afirma o valor de sua virtude, sua pureza, força e resistência e estas formariam o brasão que simboliza toda a nobreza do sujeito esclarecido. Por fim, a força da sabedoria, do conhecimento, da liberdade e da energia positiva do sujeito esclarecido estão representadas na metáfora do “sopro do dragão”⁵⁵.

⁵⁵ “Hermes Trismegisto, Três Vezes o Grande, caminhava por um estranho rochedo e decidiu meditar. Fechou seus olhos e, respondendo às leis divinas, viu-se dentro do mundo invisível. Uma vez lá deparou-se com o grande dragão da sabedoria”. (Trecho retirado do livro *A Tábuia de Esmeralda*, atribuído a Hermes Trismegisto que teria vivido por volta de 2,5 mil anos antes de Cristo. O dragão historicamente também é considerado fonte de sabedoria e força. Na cultura tibetana, o dragão é um ser dotado de sabedoria, liberdade e equanimidade e simboliza a energia positiva, a fertilidade, a abundância, a estabilidade e a prosperidade, ele segura a joia que tudo realiza e seu fogo repele as influências negativas, libertando a mente para uma percepção mais profunda e ampla das coisas. De acordo com a *Infopédia: Dicionários Porto Editora* (2024), “lutar e vencer o dragão traduz a iniciação e a evolução através da provação. Este animal mitológico é também símbolo da imortalidade, da união dos contrários e do poder divino. Nas mitologias de muitas tradições, o dragão é o guardião dos tesouros secretos que se deve vencer para ter acesso aos mesmos. (...) Na tradição hindu, o dragão está associado ao

O eu-lírico segue sofrendo com suas derrotas, sentindo-se traído, talvez por outros que não persistiram na luta pelo esclarecimento. Diante disto, resta a ele procurar outros que queiram aceitar o caminho esclarecido da virtude junto com ele (v.17-20).

Em outro grupo de versos, ele volta a afirmar sua consciência sobre seu estado de liberdade e sua autonomia, se declarando dono de sua “terra” onde brilham a lua e as estrelas, em uma representação de seu corpo, sua mente e seu coração, onde a sua luz resplandece sem cessar, fato que ele acredita jamais deixar de ser realidade.

elemento fogo e ao princípio criador que estabelece o universo através de uma ordem e de uma organização. Na sua ligação com a água, os dragões estão associados às nascentes e à chuva que fecunda a terra. A sua ligação com o elemento fogo faz com que o dragão seja também o senhor dos raios e dos trovões. O dragão é ao mesmo tempo Yin e água e Yang e fogo”. Além disso, o dragão figura em destaque em vários escudos e brasões, bem como foi historicamente adotado por personalidades históricas, tal como o imperador da China entre outros reis, para simbolizar força, independência, bravura e conquista.

No fragmento seguinte (v.27-37), o eu-lírico mergulha em outro contexto. Ele se volta para o Sistema e com ele inicia um diálogo, recordando sua juventude, num época em que ainda não havia encontrado o esclarecimento e se encontrava passível de manipulação. Ele que se julgava poderoso e destemido como um príncipe, por um tempo acreditou nas promessas do Sistema. Chegou a perder as coisas mais importantes que julgava possuir: seu direito de ir e vir (“sela”), suas armas (“espada), sua morada (“castelo”) e a pessoa amada (“princesa”), todas coisas passíveis de lhe serem tiradas (29-30).

Contudo, diante de suas perdas e antes de se entregar totalmente, ele conseguiu abrir e clarear seus olhos, vendo todas as mazelas e o horror (“fome” e “destruição”) escondidas por trás das falsas promessas (v.27-28).

Consciente das verdades, ele reconhece que, neste Sistema, existem as pessoas que roubam daqueles que são tolos, e aqueles se alimentam de tudo o que tiram de outros (v.32-34). Mas o eu-lírico, fortalecido em sua honra, sem se entregar à perversidade deste Sistema, manter-se-á íntegro e assim guardando o

seu único tesouro que não pode ser roubado: sua consciência, o sobro do dragão que o habita (v.32, 36-37).

Esta realidade é a verdade e ele agora se assombra diante de tudo. Ele vê o descaso de uns condenar outros aos sofrimentos impostos pelo Sistema. Ele vê o quanto a estupidéz daqueles seguidores do Sistema destrói o bem no mundo. Esclarecido, ele consegue perceber todo o bem que se foi e já não existe mais, tudo que foi roubado ou destruído pelo Sistema (v-38-42).

Frente a toda a dor que assiste, ele se começa a se sentir fraco e se tornando insensível. Ele sente seu corpo fraquejar e sua mente e seu coração compreendem o quanto é difícil se manter consciência da verdade do Sistema, a verdade do mundo. Porém, sabe que precisa resistir, precisa resgatar suas armas, manter-se esclarecido, e resistir a todo mal que vê (v-43-47).

Nesta constante necessidade de resgatar sua honra, sua consciência, sua integridade, ele reafirma seu esclarecimento, sua força, sua resistência, sua sabedoria (v.48-53). Ele é “metal, raio, relâmpago e trovão”, é “ouro”

e dotado do “sopro do dragão”: ainda encontra resiliência, é luz, é som, é força, é pureza e asbedoria. É consciente e tem sua própria voz (v.48-53).

Em um novo conjunto de versos, o eu-lírico continua sua autoafirmação, necessária para manter-se forte e resistente. Sua coragem o impede de entregar-se sem lutar contra o Sistema. A força de seu coração, que representa sua riqueza emocional, seu caráter, sua sensibilidade, mostram que ele aprendeu a se render. E nesta luta, é o seu inimigo que cairá, porque ele se acredita invencível armado com toda a sua consciência esclarecida v.(54-57).

Frente a toda esta luta incessante, nos dois últimos conjuntos de versos do poema, o eu-lírico explicita sua esperança de que todo este mal passará, porque tudo passa. E quando isto acontecer, a humanidade poderá ler uma nova estória, em que o bem prevalece e não o seu avesso: o mal, e poderá haver um final feliz e todos “teremos coisas bonitas pra contar (v-58-62).

Todavia, até que esta esperança se converta em realidade, muito ainda terá que ser feito e é necessário olhar para frente e

continuar, mesmo diante das perdas que virão. É preciso manter-se resistente, resiliente. O eu-lírico sabe que a luta empreitada por ele é só início de uma guerra. Mas é preciso sempre recomeçar após cada derrota. Que o mundo recomece sempre (v.63-68)

“Metal contra as nuvens” é um canto de resistência contra o Sistema perverso que rege o mundo. O Sistema é este inimigo que não tem um rosto definido, porque possui inúmeras faces. É um canto de consciência e de necessidade de resiliência. É um canto da solidão daquele que atinge o esclarecimento enquanto vê aqueles todos que ainda dormem sendo roubados e violentados por outros que comandam as engrenagens do Sistema. Renato Russo constrói um eu-lírico que compreende que o mundo é perverso, mas que é necessário alcançar a lucidez e nela persistir, não importa os sofrimentos e as feridas que resultem desta batalha.

3.6 O álbum *O descobrimento do Brasil* (1993)

No sexto álbum da Legião Urbana: *O descobrimento do Brasil* (1993), o eu-lírico de

Renato Russo começa a se assentar na desilusão e – a exemplo de Carlos Drummond depois de *Claro Enigma* (1951) e a partir de *Lição de coisas* (1964) – começa a se apresentar saudosista, se ocupando em fazer reflexões sobre pessoas, acontecimentos e sentimentos do passado, como se quisesse fazer um filme de sua vida, como se quisesse passar a vida a limpo: a infância, a escola, os amigos (“Vinte e nove” e “O descobrimento do Brasil”).

Mesmo transitando entre a pouca esperança e a frustração total, ele insiste em continuar vivenciando o “sol”, mesmo sabendo que o mundo tenta apagar “sol” e impedir a permanência da luz (“Giz”).

Ele reafirma e revive o sentimento de Amor, que “tem sempre a porta” para receber e para se doar, continuando a pensar com o coração (“O descobrimento do Brasil”), acreditando ainda, em meio a todas as mazelas que o cercam e que ele percebe (indiferença, difamação, preconceito, tristeza, vaidade, ganância, desunião, estupidez humana, morte de crianças, violência, falta de bom senso, inveja incompreensão, assassinos, es-

tupradores e ladrões entre outras), que só a verdade – o esclarecimento – liberta, e esta crença derradeira é que ainda o faz gritar que “chega de maldade e ilusão”, porque ainda “vem chegando a primavera / nosso futuro recomeça” e é preciso tentar ainda conclamar as pessoas a buscarem o esclarecimento: “venha que o que vem é perfeição.” Contudo, entre este misto de desesperança e esperança, a primeira prevalece, afinal, “está tudo morto e enterrado agora” e aquele que está esclarecido e vê a verdade é apenas um estúpido (“Perfeição”).

A perspectiva do esclarecimento neste álbum pode ser sintetizada na leitura do poema “Perfeição”.

- 1 Vamos celebrar a estupidez humana
- 2 A estupidez de todas as nações
- 3 O meu país e sua corja de assassinos
- 4 Covardes, estupradores e ladrões
- 5 Vamos celebrar a estupidez do povo
- 6 Nossa polícia e televisão
- 7 Vamos celebrar nosso governo
- 8 E nosso Estado, que não é nação
- 9 Celebrar a juventude sem escola
- 10 As crianças mortas
- 11 Celebrar nossa desunião
- 12 Vamos celebrar Eros e Thanatos
- 13 Persephone e Hades

- 14 Vamos celebrar nossa tristeza
15 Vamos celebrar nossa vaidade
16 Vamos comemorar como idiotas
17 A cada fevereiro e feriado
18 Todos os mortos nas estradas
19 Os mortos por falta de hospitais
20 Vamos celebrar nossa justiça
21 A ganância e a difamação
22 Vamos celebrar os preconceitos
23 O voto dos analfabetos
24 Comemorar a água podre
25 E todos os impostos
26 Queimadas, mentiras e sequestros
27 Nosso castelo de cartas marcadas
28 O trabalho escravo
29 Nosso pequeno universo
30 Toda hipocrisia e toda afetação
31 Todo roubo e toda a indiferença
32 Vamos celebrar epidemias
33 É a festa da torcida campeã
34 Vamos celebrar a fome
35 Não ter a quem ouvir
36 Não se ter a quem amar
37 Vamos alimentar o que é maldade
38 Vamos machucar um coração
39 Vamos celebrar nossa bandeira
40 Nosso passado de absurdos gloriosos
41 Tudo o que é gratuito e feio
42 Tudo que é normal
43 Vamos cantar juntos o Hino Nacional
44 A lágrima é verdadeira
45 Vamos celebrar nossa saudade
46 E comemorar a nossa solidão
47 Vamos festejar a inveja
48 A intolerância e a incompreensão

49 Vamos festejar a violência
50 E esquecer a nossa gente
51 Que trabalhou honestamente a vida inteira
52 E agora não tem mais direito a nada
53 Vamos celebrar a aberração
54 De toda a nossa falta de bom senso
55 Nosso descaso por educação
56 Vamos celebrar o horror
57 De tudo isso com festa, velório e caixão
58 Está tudo morto e enterrado agora
59 Já que também podemos celebrar
60 A estupidez de quem cantou esta canção
61 Venha, meu coração está com pressa
62 Quando a esperança está dispersa
63 Só a verdade me liberta
64 Chega de maldade e ilusão
65 Venha, o amor tem sempre a porta aberta
66 E vem chegando a primavera
67 Nosso futuro recomeça
68 Venha, que o que vem é perfeição

Em “Perfeição”, o discurso do eu-lírico aparenta ser uma denúncia de inúmeros aspectos de todas as mazelas que afligem o Brasil. Mas a sua ironia, convocando as pessoas a celebrar todo o mal da sociedade é, na verdade, sinal de que a esperança de mudar alguma destas coisas já não existe mais, não pulsa mais em seu coração. Isso faz com que este poema se identifique com o estágio da *desilusão*.

Qual é a diferença básica entre “Que país é esse” e o poema “Perfeição” que faz o primeiro ilustrar o estágio da *resistência* e o segundo o estágio da *desilusão*? Em “Que país é esse?”, o eu-lírico mantém-se forte e decidido frente ao que ele denuncia. Ele expressa força e certeza em sua ação. O poema “Perfeição”, ao final daquilo que parece um discurso de denúncia, o eu-lírico reconhece que não há mais esperança: ela se dispersou. Em seu lugar fica somente o coração aberto, exposto.

Em “Perfeição” o poema se inicia com o eu-lírico chamando seus receptores a celebrar, ironicamente, a “estupidez humana” (v.1). Ao final de seu chamamento, ele propõe uma última celebração: agora a da sua própria estupidez, “a estupidez de quem cantou esta canção” (v.60), porque ele já sabe que denunciar todo este mal, não provocará mudança alguma, revolução alguma. Ele sente estúpido por ter proferido todas aquelas palavras, ter apontado, racionalmente, as doenças que vê. Ele se sente em *desilusão*. Toda a esperança está agora morta, enterrada e sendo velada dentro de seu caixão em meio a uma festa.

3.7 O álbum *A tempestade ou o Livro dos Dias* (1996)

No último álbum *A tempestade ou o Livro dos Dias* (1996), o eu-lírico mergulha, por fim, no sentimento de completa *desilusão*: é o ápice do terceiro estágio do esclarecimento, quando, após toda uma vida de luta vã, ele compreende que o mundo é muito maior que ele.

É o término da vida, o término do que já foi juventude, força e resistência (“Dezesseis”). O término do amor, das paixões, (“Longe do meu lado”, ou “Mil pedaços”, ou “Quando você voltar”), entendendo que, no fim, apenas o pai e a mãe, antes objeto da rebeldia juvenil (“Pais e filhos), os amigos verdadeiro que tentou agastar por conta de sua arrogância (“Vinte e nove”) e seu filho, símbolo da inocência, permaneceram ao seu lado (“Esperando por mim”).

Mas diante de tantas perdas e desilusões, refletindo sobre a aventura que foi sua vida, ele mantém a consciência de seu esclarecimento, reafirmando que “quem pensa por si mesmo é livre / e ser livre é coisa

muito séria”, que “Não se pode fechar os olhos”, que “Não ser pode olhar para trás / Sem se aprender alguma coisa pro futuro”. Diante da certeza de que “Nada é fácil / Nada é certo”, ele continua a entender que não se pode fazer do amor “algo desonesto”.

Nesta certeza de seu esclarecimento ele reafirma sua busca pela virtude de caráter sempre querendo “ser prudente”, “ser correto”, “ser contente”, “ser sincero”. Todavia, na certeza de seu esclarecimento ele reconhece sua solidão, querendo fugir correndo para o seu esconderijo, para assistir ao mundo pela distância da janela, sabendo que seu “sol é um só”, mesmo que mais alguém acorde pela manhã (“L’Avventura”).

Sabendo do término de sua vida, depois de todas as batalhas em seu íntimo, envolvido pelo redemoinho de acontecimentos e sentimentos que formam a tempestade de sua vida, estando “ausente o encanto antes cultivado”, resta a este eu-lírico, passar sua vida a limpo, escrevendo o seu “livro dos dias”, o livro das flores que plantou, o livro de seu destino e de seus amores (“Livro dos Dias”).

O último poema do último álbum, “O Livro dos Dias” é o reflexo de todo este trajeto de vida do eu-lírico e sua chegada ao ponto final da desilusão e do percurso do esclarecimento.

- 1 Ausente o encanto antes cultivado
- 2 Percebo o mecanismo indiferente
- 3 Que teima em resgatar sem confiança
- 4 A essência do delito, então sagrado
- 5 Meu coração não quer deixar
- 6 Meu corpo descansar
- 7 E meu desejo inverso é velho amigo
- 8 Já que o tenho sempre a meu lado
- 9 Hoje, então, aceitas pelo nome
- 10 O que perfeito entregas, mas é tarde
- 11 Só daria certo aos dois que tentam
- 12 Se ainda embriagado pela fome
- 13 Exatos teu perdão e tua idade
- 14 O indulto a ti tomaste como bênção
- 15 Não esconda tristeza de mim
- 16 Todos se afastam
- 17 Quando o mundo está errado
- 18 Quando o que temos
- 19 É um catálogo de erros
- 20 Quando precisamos de carinho
- 21 Força e cuidado
- 22 Este é o livro das flores
- 23 Este é o livro do destino
- 24 Este é o livro de nossos dias
- 25 Este é o dia dos nossos amores

O eu-lírico deste último poema se revela solitário, refletindo sobre sua vida, pensando sobre os sentimentos que outrora já nutriu e que agora já não existem mais. O cansaço do corpo pesa sobre ele enquanto seu coração ainda pulsa e se emociona, embora desejasse o inverso.

Ele lamenta a covardia de outros tempos que não possibilitou que mudanças acontecessem, que os sonhos se realizassem quando havia energia e idade para isto. Agora é tarde. E o indulto final que ele concede a si e aos outros que não estão mais ao seu lado chega como uma falsa benção para apaziguar o coração.

Como é próprio do sujeito esclarecido, ele não aceita que nada seja dele escondida, nem a tristeza ou qualquer sofrimento. Ele sabe que, nesses momentos, em que a alegria falta, todos se afastam, por não desejarem encarar o que a vida é de fato ou ajudar a outro que sofre ou aquele que erra.

Ao final, o que ele tem e nós temos é um “catálogo de erros”, nos fazendo lembrar tudo que sonhamos fazer e erramos em não tentar, tudo o que fizemos pelos motivos er-

rados e não deveríamos ter feito. Neste momento o que se precisa é de carinho, apoio e amor. Este é momento do eu-lírico folhear e ler o livro de suas flores, da sua juventude, do que fez de belo. Este é momento de rever se ele realizou tudo o que ele sonhou para a si mesmo, o que seria o seu destino. Este é momento de perceber se ele viveu seus dias da melhor forma que poderia. Este é momento de ler o livro em que escreveu como o seu bem mais precioso: o amor habitou sua vida.

4. “LUZ E SENTIDO E PALAVRA”

*O poeta é aquele que,
num momento de graça,
descobre a alma
profunda das coisas*
Umberto Eco⁵⁶

Por que escolhi o verso “luz e sentido e palavra” para dar título a este quarto capítulo? Porque este verso sintetiza os três passos da construção do pensamento esclarecido. Na poesia de Renato Russo, a “luz” é a capacidade de ver, perceber, sentir. O “sentido” é o conhecimento e o significado construído mediante a reflexão. A “palavra” é a expressão e do fraterno compartilhamento das descobertas com as demais pessoas.

⁵⁶ UMBERTO ECO (1962) *apud* SANT’ANNA (1992, p. 244).

Estas representações resumem muito o que poderia ser o projeto poético de um poeta que usou sua arte como: (1) espaço para pensar e tentar compreender o funcionamento do mundo e suas relações; (2) canal para alcançar as pessoas a fim de incentivá-las a se entregar ao esclarecimento e à libertação pela consciência sensível das coisas do mundo.

Neste quarto capítulo, farei leituras comentadas de dois poemas o quais destaco na obra de Renato Russo como sendo verdadeiras odes ao esclarecimento: “Quando o sol bater na janela do teu quarto” e “Mais uma vez”⁵⁷. As leituras se destinam a explicitar a presença de elementos textuais que fazem referência direta ao esclarecimento.

⁵⁷ A versão cantada apenas por Renato Russo foi lançada, postumamente, no álbum *Renato Russo: presente* (2003).

“Quando o sol bater na janela do teu quarto”

- 1 Quando o sol bater
- 2 Na janela do teu quarto
- 3 Lembra e vê
- 4 Que o caminho é um só
- 5 Por que esperar
- 6 Se podemos começar
- 7 Tudo de novo
- 8 Agora mesmo
- 9 A humanidade é desumana
- 10 Mas ainda temos chance
- 11 O sol nasce pra todos
- 12 Só não sabe quem não quer
- 13 Quando o sol bater
- 14 Na janela do teu quarto
- 15 Lembra e vê
- 16 Que o caminho é um só
- 17 Até bem pouco tempo atrás
- 18 Poderíamos mudar o mundo
- 19 Quem roubou nossa coragem?
- 20 Tudo é dor
- 21 E toda dor vem do desejo
- 22 De não sentirmos dor
- 23 Quando o sol bater
- 24 Na janela do teu quarto
- 25 Lembra e vê
- 26 Que o caminho é um só

O álbum *As Quatro Estações* é um divisor de águas na poesia de Renato Russo. Se nos primeiros álbuns, embora já esboçando,

em alguns poemas, momentos de *cautela* e outros de *desilusão*, o poeta deu mais destaque ao estágio da *resistência*, fazendo questionamentos incisivos, externando indignações e revoltas, e propondo revoluções, no quarto álbum da Legião Urbana este espírito rebelde, que reflete o primeiro estágio do esclarecimento, é deixado de lado para, definitivamente, dar lugar ao estágio da *cautela*.

Isso quer dizer que o eu-lírico abandona totalmente seus anseios de revolução e libertação coletiva diante da certeza de que está possibilidade é impossível. A ideia de que ele pode ser maior que o mundo – relembrando Drummond – se desfaz e dá lugar à *cautela* – o eu igual ao mundo.

Ele sabe que o esclarecimento é uma escolha pessoal e, por isso, a única forma de ajudar outros a se esclarecerem é por meio de uma abordagem individualizada, se aproximando aos poucos e mostrando o caminho a se seguir para a liberdade de pensamento. Não mais “somos os filhos da revolução”, porque este ideal, este grito ideológico teve que ser substituído pela necessidade de cada um ter que abrir sua janela para aceitar o sol.

Nos versos dos poemas, raramente a palavra *esclarecimento* é empregada. Em seu lugar, os poetas lançam mão de metáforas⁵⁸, utilizando uma série de termos que fazem alusão à ideia de claridade e iluminação. Palavras como *luz*, *sol*, *lâmpada*, *amanhecer* e *dia* são frequentemente empregadas como metáfora para o estado de esclarecimento. Não diferentemente disto, a poesia de Renato Russo faz alusões à ideia de esclarecimento representada pelas palavras “luz” e “sol”.

O poema “Quando o sol bater na janela do seu quarto” possui uma imensa importância em relação à valorização do esclarecimento pelo eu-lírico de Renato Russo, porque todo o poema é dedicado à referência direta e ao apelo ao receptor para se abrir para receber o esclarecimento, reconhecendo-o como único caminho para a liberdade almejada recorrente na poesia de Renato Russo.

⁵⁸ Segundo Aristóteles (1993, 1457b), “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia”. No caso da relação entre os palavras “luz” e “sol” com esclarecimento ou iluminação, se estabelece um transporte de espécie para gênero.

Para compreender o poema é preciso desvendar as metáforas utilizadas pelo eu-lírico durante o diálogo com seu receptor. O “sol” (v.1, 11, 13, 23) representa o esclarecimento. A “janela” (v.2, 14, 24) representa os olhos, a mente e o coração. O “quarto” (v.2, 14, 24) representa o íntimo e o corpo.

O primeiro conjunto de versos (v.1-4), é núcleo do poema e corresponde ao refrão. É quando o eu-lírico faz o apelo chave ao receptor para que, quando ele se deparar com a oportunidade de se esclarecer, ele aproveite, percebendo que o esclarecimento é a única maneira de conquistar a maturidade e a liberdade de pensamento e dos sentimentos.

No segundo bloco de versos (v.5-12), o eu-lírico inicia sua argumentação sobre a importância de o receptor se permitir ao esclarecimento. Ele aponta que é urgente reverter a desumanidade que aflige a sociedade humana e que apenas o esclarecimento possibilitará isso. Insiste em evidenciar que o esclarecimento é algo possível a todos, mas somente acessível àqueles que querem atingi-lo por vontade própria.

No terceiro e último bloco de versos (v.17-22), o eu-lírico faz uma reflexão sobre a mudança de perspectiva da vida, evidenciando como o estágio da resistência ideológica que encorajava os jovens a empreitar revoluções acabou, tendo sido roubada. Quem roubou? O próprio eu-lírico não sabe apontar. Mas, ao considerar o contexto de toda a obra poética de Renato Russo, podemos inferir que esta coragem juvenil foi roubada pelos acontecimentos da vida, o passar do tempo, que impôs aos jovens uma conformação às necessidades da vida prática ou desilusões que enfraqueceram as ideologias e os sonhos. Diante disto, o eu-lírico constata: tudo que resta de outrora, tudo o que ficou foi a dor, “e toda dor vem do desejo de não sentirmos dor”. Toda a dor que nos assola vem, tragicamente, própria busca cega por mais se mais prazer e por uma forma de felicidade que é mais uma ilusão: nosso desejo de não sentir dor.

Por fim, com a última repetição do refrão, o eu-lírico reitera seu convite inicial, deixando claro que, para reverter esta realidade, “o caminho é um só”: seguir o sol do esclareci-

mento, para que se possa se iluminar e ver as verdades escondidas pelas conformações e manipulações sociais.

Neste poema, repara-se um eu-lírico que representa na íntegra o perfil da pessoa esclarecida. Ele é esclarecido, compreende que a liberdade verdadeira só é possível pelo esclarecimento que ele atingiu. Certo disto, ele analisa o mundo atual e tece apontamentos sobre como os comportamentos modificaram e pessoas que antes demonstravam um caráter rebelde e alimentavam a coragem para empreitar uma revolução acabaram sendo absorvidos pelo Sistema, pelas engrenagens da “máquina do mundo”. Vendo tudo isto, o eu-lírico compreende que todos estão imersos em uma dor constante causada, justamente, por uma busca errática por falsos bálsamos que apenas conduzem a mais e mais dor. Sabedor de sua responsabilidade como sujeito esclarecido, ele fraternalmente estende sua mão a outros e tenta mostrar a eles qual o único caminho possível a seguir para se libertar das amarras desta realidade desumana é aceitar o “sol”, aceitar o esclarecimento.

“Mais uma vez”

- 1 Mas é claro que o sol
- 2 Vai voltar amanhã
- 3 Mais uma vez, eu sei
- 4 Escuridão já vi pior
- 5 De endoidecer gente sã
- 6 Espera que o sol já vem
- 7 Tem gente que está do mesmo lado que você
- 8 Mas deveria estar do lado de lá
- 9 Tem gente que machuca os outros
- 10 Tem gente que não sabe amar
- 11 Tem gente enganando a gente
- 12 Veja nossa vida como está
- 13 Mas eu sei que um dia a gente aprende
- 14 Se você quiser alguém em quem confiar
- 15 Confie em si mesmo
- 16 Quem acredita sempre alcança
- 17 Mas é claro que o sol
- 18 Vai voltar amanhã
- 19 Mais uma vez, eu sei
- 20 Escuridão já vi pior
- 21 De endoidecer gente sã
- 22 Espera que o sol já vem
- 23 Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena
- 24 Acreditar no sonho que se tem
- 25 Ou que seus planos nunca vão dar certo
- 26 Ou que você nunca vai ser alguém
- 27 Tem gente que machuca os outros
- 28 Tem gente que não sabe amar
- 29 Mas eu sei que um dia a gente aprende
- 30 Se você quiser alguém em quem confiar
- 31 Confie em si mesmo
- 32 Quem acredita sempre alcança

Da mesma forma que “Quando o sol bater na janela do seu quarto”, “Mais uma vez” é um poema em que Renato Russo abordou diretamente o tema do esclarecimento, utilizando para isso o “sol” como representação outra vez.

Novamente dirigindo seu discurso a um receptor não identificado, o eu-lírico anuncia que o “sol” não se apagou e que sua luz continuará a brilhar no novo amanhecer do amanhã.

Ele sabe que momentos de “escuridão” de profunda maldade, suficiente para enfraquecer aqueles já esclarecidos (“gente sã”) já ocorrem continuarão a ocorrer, mas que o “sol”, a consciência esclarecida, voltará a emanar sua luz.

Feito este anúncio inicial, o eu-lírico inicia um discurso em que procura conscientizar seu receptor para que ele também veja a vida como ela está envolta na desumana realidade que se impõe: a traição (v.7-8), a crueldade (v.9), a insensibilidade e falta de amor (v.10), a falsidade (v.11). Esta tentativa de ajudar seu receptor a se esclarecer é

uma amostra da esperança de mudança que ainda é guardada pelo eu-lírico (v.13).

Nos versos que correspondem ao refrão do poema, o eu-lírico se põe a aconselhar seu receptor tornando claro para ele que a aquele que é esclarecido torna-se um solitário, porque passa a ter consciência de que não é possível confiar em ninguém, e a única forma de continuar esclarecido e nutrir alguma esperança é crer em si mesmo.

O pretenso diálogo prossegue, enquanto o eu-lírico continua a revelar ao seu receptor formas controle do pensamento pelo Sistema que age para fazer com que as pessoas desistam de seus verdadeiros sonhos, de seus planos pessoais para a ser mais um indivíduo conformado à sua fraqueza. Mas ele continua acreditar que a transformação deste realidade é possível por aqueles que, por meio da aprendizagem, conseguem se esclarecem e aprendem esclarecer.

“Mais uma vez”, assim como “Quando o sol bater na janela do seu quarto” configuram-se como um chamamento do eu-lírico de Renato Russo para ao seu público, um convite para que este busque o esclarecimento,

que abram seus olhos, coração e mente para se libertar ao encarar o Sistema do mundo e tentar torná-lo mais humano. Não sou poema sobre esperanças vazias, mas uma provocação para que as pessoas se abram para a iluminação do esclarecimento e passem a viver na luz da consciência em busca da maturidade do pensamento e dos sentimentos.

5.

UM POEMA À PARTE: “A canção do Senhor da Guerra”

- 1 Existe alguém esperando por você
- 2 Que vai comprar a sua juventude
- 3 E convencê-lo a vencer
- 4 Mais uma guerra sem razão
- 5 Já são tantas as crianças com armas na mão
- 6 Mas explicam novamente
- 7 que a guerra gera empregos
- 8 Aumenta a produção
- 9 Uma guerra sempre avança a tecnologia
- 10 Mesmo sendo guerra santa
- 11 Quente, morna ou fria
- 12 Pra que exportar comida?
- 13 Se as armas dão mais lucros na exportação
- 14 Existe alguém que está contando com você
- 15 Pra lutar em seu lugar já que nessa guerra
- 16 Não é ele quem vai morrer
- 17 E quando longe de casa
- 18 Ferido e com frio o inimigo você espera
- 19 Ele estará com outros velhos
- 20 Inventando novos jogos de guerra
- 21 Que belíssimas cenas de destruição
- 22 Não teremos mais problemas
- 23 Com a superpopulação
- 24 Veja que uniforme lindo fizemos pra você
- 25 E lembre-se sempre que Deus está
- 26 Do lado de quem vai vencer
- 27 O senhor da guerra não gosta de crianças

Como é próprio da poesia de Renato Russo no estágio da *resistência*, “A canção do senhor da guerra”, à primeira vista, é um poema de denúncia sobre o envio e jovens para a lutar em guerras que não lhe pertencem, mas para as quais são convencidos a ir para sacrificar suas vidas em nome de interesses de poder daqueles que fazem parte do controle do Sistema: “os generais de três estrelas que ficam atrás da mesa com o cú na mão”.

O poeta, mais uma vez, joga luz sobre o que estava oculto pela escuridão, promovendo uma multiplicação de seu esclarecimento pela tentativa de conscientização do seus receptores sobre a realidade que se impõe a eles.

Este é um poema antigo, ainda escrito no início da carreira de Renato Russo. Veio a público em uma primeira gravação que veio de um registro feito de forma amadora no show de lançamento do álbum *Dois*, na Sala Villa-Lobos do Teatro Nacional de Brasília. Mais tarde ela ganhou uma gravação definitiva em estúdio, lançada no álbum *Música para acampamentos* (1992).

O poema é, sem dúvida, uma das mais contundentes expressões do eu-lírico em relação ao controle e exploração da descartável vida humana, especialmente do jovens os quais, para aos senhores da guerra, não passam de peões mandados para morrer em um jogo perverso de forças em que os velhos que detém o controle do mundo assistem a tudo no conforto de seus palácios, quartéis e mansões.

Em poucos momentos, senão jamais, um poema de Renato Russo expressou aspectos da desumanidade de forma tão incisiva, com imagens nuas e cruas. Sem meias palavras, o eu-lírico começa a elencar todas as fases de um processo cruel e desumano de roubar a vida de jovens para que eles também roubem a vida de outros com os quais combateram longe de casa.

O discurso do texto é direcionado para um ouvinte receptor deliberadamente indeterminado, o que possibilita que qualquer pessoa que tenha contato com o poema possa assumir o papel de interlocutor, mas especialmente os jovens.

No primeiro conjunto de versos (v.1-8), o eu-lírico denuncia que há alguém sempre oculto, esperando para as crianças se tornem jovens a fim poder, desde cedo, transformá-los em produtos para serem comprados e consumidos. Esperando para, mediante argumentos ilusórios convencê-los de que podem ser vencedores se a ele servirem, entregando suas vidas atuando em guerras que não são suas para defender os interesses de outros que não se mostram. São pessoas tão jovens recrutadas desde cedo, ainda crianças que não tiveram a oportunidade de amadurecer intelectualmente e emocionalmente para que não pudessem se esclarecer e se opor à servidão do Sistema. Jovens manipulados por argumentos falaciosos fundamentados em promessas vazias e falsas de que a guerra é uma ação benéfica e necessária para gerar empregos e aumentar a riqueza econômica da sociedade (v.1-8). Eles vendem a guerra como algo que trará avanços tecnológicos, não importa o tipo de guerra: se movida por religiões (“guerra santa”), se movida por motivos de gabinete (“morna ou fria”) ou se vivida diretamente nos cam-

pos de batalha (“quente”). Afinal, para que investir na produção e exportação de alimentos, se o investimento em armas fornece mais lucros para saciar a ganância dos que incentivam a guerra para enriquecimento próprio. A vida humana é um objeto para os lucros e dispensável a qualquer momento (v.10-13).

O eu-lírico denuncia o fato de que os jovens são retirados da segurando de seus lares, para serem manipulados para se encaminharem para a morte, enquanto os senhores da guerra se resguardam e continuam planejando como repetir *ad aeternum* o processo (v.14-20), num devir.

No último bloco de versos, o eu-lírico abandona sua própria voz para assumir a voz do Senhor da Guerra. Neste momento, ele passa a pintar o cenário da guerra como se fosse algo belo. Que a guerra trará benefícios para a sociedade, principalmente o controle quantitativo da população, pela morte de inúmeras pessoas de ambos os lados, especialmente os mais socialmente desfavorecidos, como é de praxe, incluindo, e principalmente, os jovens soldados (v.21-24).

O eu-lírico dá atenção às promessas contadas aos jovens para ajudar no processo de convencimento. O Senhor da Guerra ape-la para a vaidade humana, afirmando que, ao se tornarem soldados, se tornarão belos, porque vestirão belos uniformes (v.24). Por fim, lança mão do convencimento pela fé religiosa, manipulando a imagem do Deus cristão e judaico, afirmando que Deus estará sempre ao seu lado, mas somente se eles foram vencedores: “E lembre-se sempre de que Deus está/ do lado de quem vai vencer” (v.25-27).

“Canção do Senhor da Guerra” é a denúncia de todo processo de manipulação da infância e da adolescência pelos dirigentes do Sistema para criar soldados cegos e desconhecem a luz do esclarecimento. São programados para receber deles, cumprir ordens e sem parar para pensar no valor moral de suas ações nem se sensibilizar e ter empatia com o sofrimento de todas as pessoas que sofrem com seus atos de violência.

No mais, este poema de Renato Russo estabelece uma estreita ligação de contexto com outro poema: “Soldados”, publicado no álbum *Legião Urbana* (1985). Nesse poema,

Renato Russo apresenta um eu-lírico que, acordando do seu sono alienado, começa um processo de esclarecimento mediante a construção de uma série de questionamentos sobre tudo que tem feito, sobre quem tem sido, sobre o que ele e seus pares fizeram, sobre o que os Senhores da Guerra fizeram com ele, sobre o sentido de sua vida. Lutaram sem saber o porquê lutavam. Sem saber quem eram verdadeiramente seus inimigos. Um jovem desprovido de empatia e sensibilidade que começa a acordar para as verdades da realidade, percebendo que foi usado. Neste processo de iluminação, começa a entender que perdeu tempo de vida, perdeu sua identidade, perdeu sua inocência, perdeu oportunidades, não viveu amores possíveis. Neste dolorosa processo de esclarecimento no qual ele adentra, começa a ver toda a desumanidade que impera e na qual estava imerso cegamente. Agora, em meio a esta dor, para reiniciar a vida e resgatar o “tempo perdido”, resta a ele e aos seus pares, ainda podres de espírito de consciências, pedir esmolas colher migalhas até alcançar a maioridade emocional e intelectual.

6.

OLHARES SOBRE A OBRA POÉTICA DE RENATO RUSSO

Vários estudos e pesquisas já foram realizados sobre a obra de Renato Russo em diversos níveis e formatos: reportagens, artigos científicos, livros, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Opiniões e abordagens temáticas plurais já foram pinçadas dos poemas escritos pelo poeta durante sua carreira na Legião Urbana. Múltiplas relações foram estabelecidas em diálogo com a história, a sociologia, a literatura, principalmente em interligações com o contexto cultural das décadas de 80 e do século XX em que muitas mudanças ocorreram no Brasil: anos finais e término da ditadura militar, início da redemocratização, ascensão dos movimentos em fa-

vor da liberdade de gênero, crescimento do hedonismo e da coisificação do capitalismo estrutural, ressignificação da juventude, entre outros. Seguem alguns destes olhares.

6.1 - MARIA YONAR MARINHO DOS SANTOS

Em 2016, a pesquisadora Maria Yonar Marinho dos Santos defendeu sua dissertação de mestrado intitulada *Leituras sobre amor e protesto nas letras de Renato Russo na Legião Urbana (1983-1997)*, no Instituto de Ciências Humanas e Letras da Universidade Federal do Amazonas (UFAM). Esta dissertação tornou-se livro no ano de 2020, sendo publicado pela editora Appris, sob o título *A poesia urbana na Legião de Renato Russo*.

Segundo a autora, no resumo da dissertação, sua pesquisa buscou,

através da literatura comparada, aproveitando-se também de aspectos da musicologia, ressaltar a relação entre poesia e música em algumas das canções de Renato Russo enquanto letrista e vocalista da Legião Urbana.

Percorrida sua jornada de estudo sobre a obra de Renato Russo e a Legião Urbana, analisando de forma pormenorizada vários dos poemas publicados nos álbuns da banda, a pesquisadora chegou a algumas considerações finais entre as quais se destacam duas.

Em primeiro lugar:

Ao realizar a audição completa dos discos de estúdio da Legião Urbana percebemos um dado interessante: eles formam um ciclo. Russo, Dado Villa Lobos e Marcelo Bonfá realizaram a sequência dos discos tal como os quatro períodos do tempo na cultura chinesa: juventude, maturidade, declínio e fim, ou o que para o budismo é as quatro montanhas ou simplesmente, as quatro estações.⁵⁹

Em segundo lugar:

Russo foi capaz de transmitir aquilo que para muitos, passaria despercebido, sendo revelado apenas, para quem atentasse para a letra (...).⁶⁰

⁵⁹ SANTOS, 2016, p. 125.

⁶⁰ SANTOS, 2016, Resumo.

Maria Yonar Marinho dos Santos comenta ainda:

Se fecharmos os olhos durante a audição da música [“Eu era um lobisomem juvenil”], ouvindo o soar de sinos, o ecoar do órgão, lembrando as premissas de um canto gregoriano, logo estas três palavras nos levarão a amplitude de uma catedral gótica, com seus vitrais por onde entram a luz do sol, e onde é possível ouvir a frase de um sacerdote que diz: “No princípio era a luz”. O verso seguinte confirma essa atmosfera, pois define *palavra* como irracional: “palavra é o que o coração não pensa”.⁶¹

(...)

A água e a luz são indispensáveis à vida, entretanto, em um nível simbólico, podem representar duas instâncias do ser humano: a luz representa o intelecto, e a água o sentimento. Por falta de um ou de outro, o ser humano acaba padecendo.⁶²

⁶¹ SANTOS, 2016, p. 118.

⁶² SANTOS, 2016, p. 119. Sobre o poema “Eu era um lobisomem juvenil”.

6.2 - EDILSON DOS SANTOS MONTEIRO

Em 2022, o pesquisador Edilson dos Santos Monteiro defendeu sua dissertação de mestrado intitulada *Legião Urbana: Conscientização crítica e ensino de história*, apresentada à Universidade Estadual do Piauí. Em suas considerações, o pesquisador afirma que:

Renato Russo se destacou na história cultural brasileira como um antifascista, um precursor brasileiro do movimento LGBTQIA+, defensor das causas indígenas e da democracia, e um grande crítico à ditadura militar, às políticas armamentistas e a todas as formas de violência e opressão. A sua arte é o seu grande legado e atestado disso.⁶³

6.3 – MARCOS CARVALHO LOPES

O livro *Canção, Estética e Política: ensaios legionários* (2011), de Marcos Carvalho Lopes, consiste na identificação aspectos históricos, biográficos e filosóficos nos poemas de Renato Russo. O pesquisador salienta:

⁶³ MONTEIRO, 2022, p. 78.

O álbum *As Quatro Estações*, de 1989, busca uma perspectiva ética-romântica para falar da sociedade: construindo uma grande utopia em torno do amor e do sentimento sagrado. Celebra-se ali não a vida como está, mas as coisas como são. *V* é a antítese desse discurso de que “o amor vai salvar o mundo”, não existe harmonia a ser celebrada, o surrealismo e o caos da Era Collor são a sua inspiração. O descobrimento do Brasil recolhe os cacos e sintetiza a idealização do amor de *As Quatro Estações* e as lições de *V* e fecha a procura por uma identidade do país (seja ela ideal ou real).⁶⁴

(...)

Interessante que os títulos dos álbuns e suas capas parecem indicar esse desenvolvimento dialético: os três primeiros álbuns mantêm uma crítica direta da sociedade e de seus valores, sendo que o retrato do terceiro álbum, que sintetizaria essa perspectiva mostra a banda em um visual urbano; já os três álbuns seguintes mantêm uma perspectiva mítica, em sua maior parte medieval, e é com uma fotografia da banda nesse visual mítico-medieval que a “trilogia” se fecha.⁶⁵

⁶⁴ LOPES, 2011, p. 145.

⁶⁵ LOPES, 2011, p. 145.

6.4 – JULLIANY ALVES MUCURY

Em seu ensaio intitulado “Das transmutações do amor e da dor em tempos d’água: Renato Russo diz adeus”⁶⁶, em seu resumo, Julliany Alves Mucury esclarece que seu ensaio tem como objetivo

verificar as características identitárias do vocalista da Legião Urbana, na hipótese de que: como sujeito criador inflige às suas canções uma carga intencionalmente complexa, mix das tensões vividas na cidade (Brasília), dos flagelos humanos, da existência em si e da indignação político-social, construindo as letras de canção tanto de forma passionalizada como figurativizada, perfazendo uma despedida.

Perpassando os álbuns da Legião Urbana e analisando diversos poemas de Renato Russo, a pesquisadora vê uma constante variação do poeta que vai da resistência e do protesto, passando pela atitude de es-

⁶⁶ Ensaio publicado nos anais do IV Simpósio e Crítica de Poesia Vivoverso, tendo como título *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*.

perança até a desilusão com o mundo. Estas variações acontecem constantemente em sua obra, em todos os álbuns, embora um momento emocional torne-se mais acentuado em um ou em outro álbum da Legião Urbana. Para Mucury,

Russo desenhou, ao longo de sua carreira, englobando aqui todas as suas letras de canção, um percurso também ideológico acerca da existência. Protesto, redenção, amor romântico, desilusão, drogas, sexo, sociedade burguesa e rock and roll.⁶⁷

(...)

inter-relações do compositor com a literatura, história, arte e filosofia surgiam em suas letras de canção, as quais Renato impregna com mitologia grega, filosofia oriental e literatura ocidental; podemos citar Marx, Freud, Byron, Drummond, Pessoa, Camões e a própria Bíblia. Tais referências imprimem à poética de Russo a intenção clara de fazer uma letra de canção crivada por detalhes que pediam atenção também aos encartes dos álbuns.⁶⁸

⁶⁷ MUCURY, 2017, p. 82.

⁶⁸ MUCURY, 2017, p. 82.

(...)

“Tempestade” contrasta com “As qua-tro estações”, por exemplo, em como te-mos um sujeito que ora crê na salvação e ora desiste da crença. Não temos uma mensagem niilista, mas não podemos deixar de notar que há um flerte com o fim, tal como os românticos e a presença sedutora da morte, tal como sopra em meus ouvidos a presença poética de Byron e de Baudelaire quando entramos neste corredor assombroso do dilema entre Eros e Tânatos.⁶⁹

(...)

O testamento poético e de sublimação do sétimo álbum – inevitável pensar no “Sétimo selo” de Bergman – é de serenidade, num entendimento que transcende, quase divino.⁷⁰

(...)

Sua arma foi a palavra, e o gênero que escolheu, o rock brasileiro, tornou-se pop; o que eclodiu dessa evolução foi batizado de pop-rock, pura arte pop, na qual o entretenimento e o consumo surgiram como principais objetivos, diluindo-se no lucro e na efemeridade do mercado altamente rotativo.⁷¹

⁶⁹ MUCURY, 2017, p. 85.

⁷⁰ MUCURY, 2017, p. 84

⁷¹ MUCURY, 2017, p. 89.

6.5 - GERALDO VICENTE MARTINS

O estudo de Geraldo Vicente Martins intitulado “Memória e afeto na letra da canção ‘Pais e filhos’”, também revela o quanto o poeta Renato Russo se encontrava imerso na maioridade do estado de esclarecimento.

Segundo Martins, há neste texto um narrador que, com o olhar no passado, se ocupa da reflexão sobre a morte de uma mulher causada por sua ação suicida. A intenção deste narrador é tentar compreender, a partir desta personagem os motivos que levam alguém a tirar a própria vida. Segundo Martins,

essa busca de saber revela-se difícil, mesmo porque todo processo de conhecimento é marcado pela adversidade, conforme a testa a continuidade do texto – *Nada é fácil de entender*. Se procurar o saber corresponde também a um deparar-se com a própria fragilidade, com os limites da capacidade humana de entendimento, nunca é demais lembrar que a consciência da falta de saber é o primeiro passo no trajeto que a ele conduz.⁷²

⁷² MARTINS, 2015, p. 63.

6.6 – ALINE ASSUMPÇÃO RIBEIRO

Os estudo de Aline Assunção Ribeiro, intitulado *Há tempos o encanto está ausente: Legião Urbana no ensino de geografia*, apresentado em forma monografia de trabalho final de curso de pós-graduação. Nas palavras da pesquisadora, seu trabalho teve

como objetivo propor maneiras de diversificar as aulas de Geografia, despertando no estudante o interesse e aguçando seu olhar geográfico, para tal se optou pela utilização da música enquanto recurso didático pedagógico que aproxime o estudante à disciplina, precisamente as músicas da banda de Rock Legião Urbana por sua familiaridade e identidade com público jovem, pois apesar de ser uma banda da década de 1980, sua linguagem e questionamentos são atuais, atravessando gerações e alcançando cada vez mais adeptos.⁷³

O estudo feito por Aline Assumpção Ribeiro insere Renato Russo e a Legião Urbana no cerne de movimento de jovens que já nasceram dentro do sistema da ditadura

⁷³ RIBEIRO, 2013, p. 6.

militar brasileira (1964-1985) e que se levantaram contra a opressão do Sistema estrutura para manter um *status quo* que refletisse os anseios de poder dos militares e dos grande empresários que os apoiavam.

A Legião Urbana surge no cenário de rebeldia que começa a nascer em Brasília e dá vazão a um rock brasiliense influenciado pela cena punk e pós-punk europeia, especialmente a britânica. Este movimento, diferentemente do restante do rock feito em cidades como Rio de Janeiro e São Paulo, não possuía letras engraçadas ou baladas românticas, mas sim uma poesia crítica, politizada refletindo a sede por mudanças políticas e socioculturais no Brasil pós-ditadura.

Para a autora,

A Legião urbana é de fato uma banda atemporal, pois suas críticas e indagações escritas na década de 1980 ainda fazem todo sentido e as pessoas continuam se identificando com suas letras, por isso é válida sua utilização como recurso didático em sala de aula e para facilitar essa utilização é importante conhecer sua discografia.⁷⁴

⁷⁴ RIBEIRO, 2013, p. 25.

6.7. FLÁVIA TEIXEIRA SILVA PIRES *et al*

O estudo desenvolvido por Pires *et al* é um artigo que lê a música “Tempo Perdido”, da Legião Urbana, em diálogo com teorias de Bauman sobre a Liquidez na sociedade contemporânea. Nas palavras dos autores,

A música “Tempo Perdido”, da banda Legião Urbana, relata a fugacidade e fragilidade do tempo, que passa de forma veloz, tema que merece especial atenção principalmente no atual contexto da sociedade em que o tempo está cada vez mais escasso devido ao excesso de afazeres e cobranças que a sociedade impõe ao ser humano. O objetivo do trabalho é analisar o pleonasma presente na canção em comparação da Liquidez da vida apresentada por Bauman, abordando algumas transversalidades oferecidas pelo tema.⁷⁵

(...)

“Tempo perdido” promove reflexões a respeito do decurso do tempo, no mesmo momento em que reconhece que o tempo decorrido é um instante que não volta mais.⁷⁶

⁷⁵ PIRES et al (2022, p.331).

⁷⁶ PIRES et al (2022, p. 337).

6.8 - KELLY FABÍOLA VIANA DOS SANTOS

Em seu artigo intitulado *A épica pós-moderna em “Metal contra as nuvens”*, de Renato Russo, a pesquisadora Kelly Fabíola Viana dos Santos procura estabelecer uma ligação entre a canção “Metal contra as nuvens” e a poesia épica de caráter narrativo, porque, segundo a autora, a canção apresenta dimensões histórica e mítica que emanam atributos épicos.

Ademais, ela infere que a canção apresenta traços de influência da literatura medieval, o que caracterizaria o eu-lírico como um cavaleiro medieval atualizado, que não e apresenta de forma idealizada com nas novelas de cavalaria, mas como um anti-herói, imerso no contexto do mundo pós-moderno, no mundo líquido.

No mais, a autora não dedica do seu trabalho à abordagem de elementos mais direcionados ao poeta Renato Russo, detendo-se, exclusivamente, a análise contextualizadas da canção “Metal contra as nuvens”.

6.9 HENRIQUE PINHEIRO COSTA GAIO

O artigo *Será que nada vai acontecer? Tempo e melancolia na poética da Legião Urbana*, escrito por Henrique Pinheiro Costa Gaio, teve o seguinte objetivo:

indicar certa sensibilidade sobre o tempo que ganha contorno na poética da banda Legião Urbana (1982-1996) entre 1985 e 1991. Trata-se, portanto, de uma tentativa de articulação entre experiência do tempo e uma estética melancólica, atendo-se aos afetos mobilizados e ao jogo entre esperança e frustração.⁷⁷

Para desenvolver seu estudo, Gaio se preocupa em relacionar a poesia de Renato Russo com o contexto sócio-histórico e político de sua época. A partir desta relação temporal, o estudioso analisa a presença da melancolia na poesia de Renato Russo, entendendo que este ambiente melancólico tem fortes relações com o aspecto temporal: “A sensação do tempo que se esvai sem anunciar a diferença garante a manutenção da melancolia”⁷⁸.

⁷⁷ GAIO 2017, p. 45.

⁷⁸ GAIO, 2017, p. 56.

A presença do passado garantia uma espécie de cruzamento de tempos distintos. A sincronia de temporalidades não derivava de um esforço de resgate nostálgico, mas do compartilhamento de uma atmosfera histórico-afetiva.⁷⁹

6.10 - MARIO LUIS GRANGEIA

O estudo *Redemocratização e desigualdades sociais segundo Cazuzu e Renato Russo*, de Mario Luis Grangeia tem como objetivo analisar a poesia de Renato Russo e as letras de canção de Cazuzu “refletem e incitam mudanças políticas e sociais na redemocratização do país”⁸⁰.

Nesta empreitada, Grangeia entende que Renato Russo é o porta voz de uma época em o Brasil vive inúmeros conflitos que vão desde fragilidade da recente democracia que ainda convivía com ranços da ditadura militar. Um Brasil assombrado pela grave instabilidade econômica, a violência ascendente e pelas profundas desigualdades sociais herdadas dos anos de opressão, problemas que

⁷⁹ GAIO, 2017, p. 57.

⁸⁰ GRANGEIA, 2011, p. 45.

provocavam indignação e tristeza entre os mais conscientes e empáticos.

Grangeia conclui que as letras das canções de Renato Russo “refletiram os dilemas do indivíduo e da sociedade em seu tempo (...)”⁸¹ e o discurso que elaborou se tornou uma importante ferramenta

para ampliar a compreensão da sociedade brasileira que abriu os braços para a volta da democracia, mas não fechou os olhos para a perenidade das desigualdades sociais.⁸²

6.11 - ELAINE CUNHA DE OLIVEIRA ALVES

Na dissertação de mestrado intitulada *Diálogos poéticos de um legionário: intertextualidade nas canções de Renato Russo*, Elaine Cunha de Oliveira Alves se dedica a estudar os processos intertextuais existentes na poesia de Renato Russo. Como se dariam os diálogos deste poeta com aqueles outros escritores e pensadores que faziam parte da biblioteca de Renato Russo, um leitor feroz.

⁸¹ GRANGEIA, 2011, p. 65.

⁸² GRANGEIA, 2011, p. 65.

Ao realizar uma pesquisa sobre a discografia de Renato Russo algumas questões nos chamaram a atenção: as letras, as referências registradas nos encartes, as imagens, o cuidado com a reprodução das letras, cuidados esses que revelam além de um projeto poético musical, um projeto gráfico e um engajamento com questões sociais.⁸³

(...)

(...) Renato Russo ao resgatar a tradição literária reforça a universalidade dos clássicos ao mesmo tempo em que dá universalidade às suas mensagens; outras vezes, dessacraliza as mensagens dos textos literários e subverte os valo- implícitos no texto com o qual dialoga, o que lhe permite reforçar a crítica à sociedade e a entidades consagradas e se apossar de procedimentos poéticos de construção de texto, às vezes, inclusive, para rejeitá-los.⁸⁴

(...)

O trabalho de criação e de reinvenção de Renato Russo, por seu caráter de novidade, de espanto e de encantamento permite a eterna (re)descoberta de um clássico.⁸⁵

⁸³ ALVES, 2012, p. 24.

⁸⁴ ALVES, 2012, p. 121.

⁸⁵ ALVES, 2012, p. 122.

6.12 - INGRIT JEAMPIETRI PAIVA & CARLOS EDUARDO CALVANI

No artigo “Renato Russo e o desencanto político-existencial dos anos 80”, Paiva e Calvani traçam um breve retrato da cena do rock brasileiro dos anos 80 e o espaço que a Legião Urbana ocupou nesse cenário, tendo como cerne as letras de Renato Russo.

O artigo sustenta que Renato Russo oferecia em suas letras um verdadeiro retrato de uma fatia da juventude de classe-média da época, principalmente jovens nascidos e/ou criados na Capital Federal (Brasília) que enfrentaram a situação contraditória de serem filhos de funcionários-públicos e estatais em pleno vigor da ditadura militar.⁸⁶

(...)

A voz de Renato Russo representou o brado de uma legião inquieta, tal como uma “confissão coletiva” que deixou impressa na história os suspiros e os brados de muitos. Sua poesia deu voz a muitos jovens e adolescentes, permitindo que anunciassem suas aflições ante o excesso de burocratização, repressão, co-

⁸⁶ PAIVA; CALVANI (2022, p. 76).

branças etc., ou seja, doou expressão artística à experiência de incerteza, desencantada e angustiada que rondava aquela geração de jovens urbanos.⁸⁷

(...)

Renato Russo traduz com bastante expressividade seu mundo e o de tantos jovens que vivenciaram com ele as mudanças na sociedade brasileira na passagem dos anos setenta e oitenta. Suas letras, mesmo longas e complexas, foram recebidas como uma grata novidade no cenário da indústria cultural brasileira. Elas mostravam que também entre os jovens crescidos durante a ditadura havia crítica, vitalidade, inconformismo e reflexão. São poesias que, embora alicerçadas em certa angústia e revolta próprias da adolescência, não deixam de revelar no próprio amadurecimento de Renato Russo, o concomitante e progressivo amadurecimento de uma geração.⁸⁸

⁸⁷ PAIVA; CALVANI (2022, p. 81).

⁸⁸ PAIVA; CALVANI (2022, p. 80).

6.13 – SYLVIA HELENA CYNTRÃO

O texto “A intenção do *autor* na *intenção do texto*: equivalências semiológicas na obra de Renato Russo”, Sylvia Helena Cyntrão se propõe a

investigar como as letras compostas por Renato Russo incorporam informações simbólicas presentes nos signos sociais e recuperam um ideário mitopoético historicamente tematizado.⁸⁹

Para a pesquisadora,

Vários dos versos de Renato são confessionais, e, situados no passado, explicam de uma canção a outra causas e consequências da dor existencial no presente.⁹⁰

(...)

“Será” nos permite identificar várias imagens recorrentes na poética de Renato Russo que nos revelam um ser ambíguo, que sofre com o contexto e que é questionador dos sentimentos presentes nas relações amorosas(...).⁹¹

⁸⁹ CYNTRÃO (2008, p. 187-188).

⁹⁰ CYNTRÃO (2008, p. 192).

⁹¹ CYNTRÃO (2008, p. 192).

6.14 – CRISTIANO VINICIUS DE OLIVEIRA GOMES

Em seu artigo “As letras de Renato Russo: do desespero, da desilusão à busca de um(s) sentido(s)”, Cristiano Vinicius de Oliveira Gomes faz os seguintes apontamentos:

As letras de Renato Russo contemplaram uma realidade experimentada pela geração dos anos oitenta e noventa do século vinte: a desilusão diante das instituições, dos projetos e a uma noção mais ampla que sua realidade individual. Esse individualismo fragmentário, característica forte do novo rearranjo identitário presenciado nessa fase da modernidade, projetou o indivíduo ao que se convencionou denominar tribalismo, todavia também produziu um sentimento muito salientado nas composições de Russo, a solidão.⁹²

(...)

A independência, ou pseudoindependência, das coisas que lhe cercam sustenta uma identidade que se constrói solitária, que se sente traída nos seus valores e no seu sentido de luta. A espada, indiciando

⁹² GOMES (2009, p. 107).

a luta pela vida, nos seus quadros de virtude, de justiça, de lealdade e respeito, denota a impotência perante as demandas da vida. Nesse espaço, o da construção de uma identidade solitária, a descrença, a fome, a deslealdade, a traição, o assombro ante o mundo que se anuncia, a ausência de virtude, dentre outros, são alguns componentes dessa configuração social e econômica, a qual se combina estreitamente com a identidade forjada no último quartel do século XX. Colocar no indivíduo solitário o ponto de convergência da sociedade e do próprio sentido de luta, fez parte da temática de Russo.⁹³

(...)

A revisão ética, nas letras de Russo, pressupõe uma fundamentação norteadora de um sentido que não se fechava somente aos limites da razão moderna. A temática recorrente às questões religiosas foi intensa nas composições. Sua preocupação com um alicerce moral capaz de dar sentido à existência humana, no contexto em que o autor escreveu suas canções, tendo em vista o público para o qual eram destinadas, projetou muitas de suas composições a um sentimento universal.⁹⁴

⁹³ GOMES (2009, p. 109).

⁹⁴ GOMES (2009, p. 114).

(...)

Assim, era necessário que houvesse, na proposta colocada em muitas composições do autor, uma inversão no exercício dos referenciais éticos, os quais buscavam nos seres humanos modernos um senso de justiça emancipador. A revisão individual, para Russo, internalizada pela geração que lhe fazia eco, constituía o pressuposto basilar de renovação da sociedade. Essa revisão passava pela afirmação de um conteúdo ético universal, dos quais valores universais, modernos ou pré-modernos, faziam parte.⁹⁵

(...)

Muitas composições de Russo trataram de uma temática deixada à deriva pelos anais da modernidade, considerando-se que esta constrói-se no alicerce que elenca a razão como o baluarte emancipador do ser humano, seja pelo trâmite de pensá-lo como politicamente universal, seja pelo de dinamizar o conhecimento científico e legitimá-lo nessa base, que o sustenta e o completa. Todavia, mesmo diante dessa premissa moderna, as letras de Russo indicam uma identidade que está atenta a um padrão ético que não é novo, mas revela-se nas suas composições em tom de desespero ou na esteira de uma solução utópica.⁹⁶

⁹⁵ GOMES (2009, p. 115).

⁹⁶ GOMES (2009, p. 116).

(...)

A contraposição com a realidade anunciada como imperfeita, possibilita um paralelismo entre um plano sensível, sombrio e imperfeito com um outro ideal, iluminado e perfeito⁹⁷

(...)

o amor é apresentado como alternativa ao ponto máximo de contradições da modernidade: a guerra. O conflito se estabelece de tal modo que numa batalha final entre o amor e a guerra, a vitória do amor seria inconteste. O teor absoluto do amor está eivado de uma conotação negadora da modernidade e suas instrumentalizações.⁹⁸

⁹⁷ GOMES (2009, p. 128).

⁹⁸ GOMES (2009, p. 132).

“E DEPOIS DO COMEÇO, O QUE VIER VAI COMEÇAR A SER O FIM”

A abordagem que dei aos poemas de Renato Russo no decorrer deste livro possibilitou atribuir à obra literária deste poeta um valor além daquele que outros estudos já deram porque ele representa a soma de várias leituras.

Ao relacionar seus poemas apenas com o contexto socio-político-cultural de sua época histórica, lendo apenas os sentidos que datam seus poemas e os aprisionam a uma época e a um lugar, ou que atribuem apenas sentidos biográficos aos seus textos, estes outros estudos fazem de Renato Russo um escritor preso ao seu tempo, limitado a ser o trovador da juventude revolucionária do rock Brasília dos anos 80 e 90.

Por outro lado, ao fazer uma leitura da estrutura profunda dos poemas e do todo de sua obra poética, atribuindo a seus textos vida própria, independentemente dos arranjos musicais, a abordagem que dei buscou elevar o poeta Renato Russo a um outro patamar além de seu momento histórico, além de sua vida particular, atribuindo à sua poesia a atemporalidade e a universalidade que lhe são inerentes.

Da mesma forma como a soma dos poemas de Carlos Drummond de Andrade se revelou como um projeto poético complexo, como teorizou Affonso Romano de Sant'anna⁹⁹, pensado desde seu início, em que o eu-lírico flui para um ápice em que o enigma da vida é por ele desvendado, também vejo na poesia de Renato Russo um projeto semelhante, construído sob o pilar de uma constante antítese entre “luz” x “escuridão”, “sol” x “noite”, na qual “luz” e “sol” são metáforas representando esclarecimento e “escuridão” e “noite” representando a ignorância.

⁹⁹ Cf. SANT'ANNA, 1992.

Uma obra poética como esta de Renato Russo é fruto de um poeta dotado de grande esclarecimento intelectual e emocional. Não há poemas sobre amenidades, apenas sobre temas complexos, essenciais e necessários. Temas que foram habilmente abordados e desenvolvidos com maturidade e sensibilidade desde o início de sua obra.

Renato Russo não apenas falou sobre o esclarecimento, ele o viveu intensamente no espaço de seus poemas e convidou todos a vivenciarem junto com ele.

A confluência entre o lirismo e o esclarecimento se dá de forma evidente e significativa, com o poeta lendo o mundo para traduzi-lo em voz por meio do seu eu-lírico. Sua voz lírica ora conversa com seus receptores, ora tece denúncias, ora confronta o Sistema, ora conversa consigo mesmo. Seja como for estruturado seu discurso, este eu-lírico sempre revela verdades sobre o ser humano e sobre o Sistema que rege o mundo.

O eu-lírico de Renato Russo se revela um sujeito em que mente e coração se equilibram e se fundem, como é necessário à pessoa esclarecida. É alguém viveu todas

as suas epifanias de forma intensa em seu percurso do esclarecimento, seja no estágio da *resistência*, seja na *cautela*, seja na *desilusão*.

Um eu-lírico que sofreu profundamente com as frustrações a que um sujeito esclarecido inevitavelmente experimentará e que o levarão à uma resultante resignação na solidão de seu esclarecimento.

Do grito de liberdade no início de tudo: “Tire suas mãos de mim”, à solidão de seu final: “Todos se afastam quando o mundo está errado”, da resiliência à resignação, o eu-lírico de Renato Russo iniciou e empreitou uma jornada da qual já sabia o final: “nada mudou”. Empreitou uma luta que já se sabia derrota. A única mudança foi dentro de si: “mas eu sei que alguma coisa aconteceu, está tudo assim tão diferente”. Ele conheceu. Ele amou. Ele sofreu. Ele amadureceu. Iniciou na *resistência* e terminou na *desilusão*.

No contexto desta realidade poética, as palavras de Affonso Romano de Sant’anna sobre o eu-lírico de Drummond e sua derrota frente à “máquina do mundo” podem ser entendidas à de Renato Russo:

Para merecer sua oferenda foi preciso decompor sua engrenagem com o único instrumento que se oferece: a consciência. Poesia como chave e caminho, como mapa e código, como um cofre que só se abre quando se lhe justapõe a imagem de seu segredo. Com as palavras este o poeta montando e recompondo os dados do enigma original.¹⁰⁰

A frustração e consequente desilusão do eu-lírico que vai se acentuando a cada novo álbum também poderia ser a desilusão do poeta ou de qualquer outro sujeito que se dedique ao esclarecimento. Depois de tantas denúncias, de revelar as mazelas do Brasil, de propor uma revolução, de expor as faces do Sistema, no final lhe restou a solidão. Porém restou-lhe também um coração puro, livre e valoroso em seu amor por tudo e por todos.

Mesmo que as mudanças não tenham vindo. Mesmo que a juventude tenha se calado e se deixado envolver pela escuridão e pelas artimanhas do Sistema, a vida valeu a pena, porque restou-lhe uma mente consciente e virtuosa.

¹⁰⁰ SANT'ANNA (1992, p. 248).

Mente e coração: a riqueza sagrada como foi sagrado o suor para construí-los, porque o fizeram não ser “escravo de ninguém”, ser senhor do seu domínio. Ele sabia o que devia defender e defendeu, usando a poesia como espada e amor como fogo do dragão.

Enquanto o eu-lírico de Renato Russo seguiu seu caminho olhando para o sol e deixando as luzes acesas, a maioria de seus interlocutores fechou os olhos para o “sol” em meio à tempestade. Para estes que ficaram pelo caminho do percurso do esclarecimento, a “luz” se apagou, por mais que o eu-lírico de Renato Russo tenha tentado provocá-los para a *resistência*, chamá-los com *cautela* para a luz, o que ficou ao inquieto iluminado foi sua *desilusão*.

No fim, as coisas continuam e não mudaram, não mudam e não mudarão: Brasil é uma falsa democracia comandada por ditadores escolhidos pelo povo; a corrupção apenas cresceu e se tornou legalizada; a pobreza, a fome e as diferenças sociais se mantêm; a criminalidade, o tráfico e os assassinatos só aumentam; os pretos continuam vivendo à margem da sociedade; os gays continuam

sendo mortos; os índios seguem perdendo suas terras e morrendo pelas mãos dos brancos e a Amazônia segue morrendo aos poucos pelas queimadas e o desmatamento. É “sempre mais do mesmo. Não era isso que você queria ouvir?”.

Renato Russo é mais que um poeta do amor romântico. É mais que um poeta do protesto. É mais que um poeta da política. Ele é o poeta do esclarecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes primárias:

LEGIÃO URBANA. *Legião Urbana*. EMI: Rio de Janeiro. 1985.

_____. *Dois*. EMI: Rio de Janeiro. 1986.

_____. *Que país é este: 1978 -1987*. EMI: Rio de Janeiro. 1987.

_____. *As Quatro Estações*. EMI: Rio de Janeiro. 1989.

_____. *V*. EMI: Rio de Janeiro. 1991.

_____. *Música para acampamentos*. EMI: Rio de Janeiro, 1992.

_____. *O descobrimento do Brasil*. EMI: Rio de Janeiro. 1993.

_____. *A Tempestade ou O Livro dos Dias*. EMI: Rio de Janeiro. 1996.

RUSSO, Renato. *Presente*. EMI: Rio de Janeiro, 2003.

Fontes secundárias:

ADORNO, Theodor W.; HORKEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Tradução Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ANDRADE, Carlos Drummond de. *Claro enigma*. 14. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

ARAGÃO, Maria Lúcia. “Gêneros literários”. In SAMUEL, Rogel (org.). *Manual de teoria literária*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução Eudoro de Souza. São Paulo: Ars Poética, 1993.

ALVES, Elaine Cunha de Oliveira. *Diálogos poéticos de um legionário: intertextualidade nas canções de Renato Russo*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Araraquara, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/server/api/core/bitstreams/c0e3d44a-bc2a-46dc-9a0f-db0c0abe0730/content>

BARTOLI, Jean. “Espiritualidade e conhecimento”. In: *GV executivo - Especial espiritualidade e gestão*, vol. 6, n. 6, nov./dez. 2007, p. 74-78. Disponível em <https://periodicos.fgv.br/gvexecutivo/article/download/34743/33545/66773>. Acesso em 22 mar. 2024.

BOÉTIE, Étienne de La. *Discurso da servidão voluntária*. Tradução de Casimiro Linarth. São Paulo: Marin Claret, 2017.

CYNTRÃO, Sylvia Helena. “A intenção do *autor* na *intenção do texto*: equivalências semiológicas na obra de Renato Russo”. In *Graphos*, vol. 10, n. 2, João Pessoa, dez./2008, p.188-195.

FALCON, Francisco José Calazans. *Iluminismo*. 4. ed. São Paulo: Ática, 1994.

GAIO, Henrique Pinheiro Costa. “Será que nada vai acontecer? Tempo e melancolia na poética da Legião Urbana”. In *Anos 90*, Porto Alegre, v. 24, n. 46, p. 45-70, dez. 2017. DOI: <http://dx.doi.org/10.22456/1983-201X.74148>

GOMES, Cristiano Vinicius de Oliveira. “As letras de Renato Russo: do desespero, da desilusão à busca de um(s) sentido(s)”. In *Revista Chrónidas - Revista Eletrônica da Graduação e Pós-Graduação em História Universidade Federal de Goiás*, ano II, n. 05, Goiânia, p. 106-136, dez. 2009.

GRANGEIA, Mario Luis. “Redemocratização e desigualdades sociais segundo Cazuza e Renato Russo”. In *Aurora: revista de arte, mídia e política*, n. 12, 2011, PUC, São Paulo. Disponível em <https://revistas.pucsp.br/index.php/aurora/article/view/5889>

GULLAR, Ferreira. *Sobre arte sobre poesia: (uma luz do chão)*. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

KANT, Immanuel et al. *O que é esclarecimento*. Tradução de Paulo César Gil Ferreira. Rio de Janeiro: Via Verita, 2011.

LOPES, Marcos Carvalho. *Canção, estética e política: ensaios legionários*. Campinas-SP: Mercado de Letras, 2011.

MARTINS, Geraldo Vicente. “Memória e afeto na letra da canção ‘Pais e filhos’”. In *Papéis – Revista do Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagens da UFMS*, vol. 19, nº 37, Campo Grande, 2015, p. 61 a 69.

MOISÉS, Massaud. *Dicionário de termos literários*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MONTEIRO, Edilson dos Santos. *Legião Urbana: Conscientização crítica e ensino de história*. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Piauí. Parnaíba, 2022.

MUCURY, Julliany Alves. “Das transmutações do amor e da dor em tempos d’água: Renato Russo diz adeus”. In CYNTRÃO, Sylvia (org.). *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*. Brasília: UnB, 2017, p. 77-92.

NIETZSCHE, Friedrich. *Gaia Ciência*. São Paulo: Martin Claret, 2003.

OZÓRIO Elisângela Maria. “Renato Russo e a cidade”. In *Opiniões: revista dos alunos de literatura brasileira*. Universidade de São Paulo, n. 9 (2016): Dossiê: Literatura e Cidade, 2016.

PAIVA, Ingrid Jeampietri; CALVANI, Carlos Eduardo. “Renato Russo e o desencanto político-existencial

dos anos 80". In *Teoliterária*, ISSN-e 2236-9937, vol. 12, n.º. 26, 2022, p. 76-102. DOI: <https://doi.org/10.23925/2236-9937.2022v26p76-102>

PAZ, Octavio. *A outra voz*. Tradução de Wladir Dupont. São Paulo: Siciliano, 1993.

PIRES, Flávia Teixeira Silva et al. "Análise literária da música 'Tempo perdido' e a liquidez de Bauman". In *Revista Philologus*, Ano 28, n. 84, Rio de Janeiro: CiFEFiL, set./dez. 2022, p. 331-340. Disponível em: <https://www.revistaphilologus.org.br/index.php/rph/article/view/1324/1388>. Acesso em 02 abr. 2024.

PORTO EDITORA – *dragão (simbologia)* na Infopédia [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2024-03-21 13:26:16]. Disponível em [https://www.infopedia.pt/\\$dragao-\(simbologia\)](https://www.infopedia.pt/$dragao-(simbologia)).

PLATÃO. *A República*. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 14. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2014.

QUINTANA, Mario. *Esconderijos do tempo*. São Paulo: Globo, 2005.

RIBEIRO, Aline Assumpção. "*Há tempos o encanto está ausente*". *Legião Urbana no ensino de geografia*. Monografia de Pós-graduação Lato Sensu. PUC. São Paulo, 2013.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.

SANTOS, Kelly Fabíola Viana dos . “A épica pós-moderna em ‘Metal contra as nuvens’, de Renato Russo”. In CYNTRÃO, Sylvia (org.). *Vivoverso encena: ensaios sobre literatura contemporânea*. Brasília: UnB, 2017, p. 93-102.

SANTOS, Maria Yonar Marinho dos. *A poesia urbana na Legião de Renato Russo*. Curitiba: Appris, 2020.

SIQUEIRA, Vinicius. “A Dialética do Esclarecimento – Adorno e Horkheimer: uma resenha”. In *Colunas Tortas*. Disponível em: <https://colunastortas.com.br/a-dialetica-do-esclarecimento-adorno-e-horkheimer-uma-resenha/#:~:text=A%20Dial%C3%A9tica%20do%20Esclarecimento%20mostra,corpos%20e%20de%20suas%20almas>. Acesso em: 10 abr. 2024.

STALLONI, Yves. *Os Gêneros Literários*. Tradução de Flávia Nascimento. Rio de Janeiro: Difel, 2001.

FRAGMENTOS

1.

A percepção de Maria Yonar Martinho dos Santos¹⁰¹ sobre a formação de um ciclo formado pelos álbuns da Legião Urbana, baseando-se, principalmente, nos poemas de Renato Russo como norteadores e identificadores das partes destes ciclos, revela também, “quase sem querer”, as relações do eu-lírico do poeta com a tese do esclarecimento. Ela relaciona os álbuns da Legião Urbana com os quatro períodos do tempo na cultura chinesa. Mas é possível também relacionar as fases da vida por ela percebidas na obra de Renato Russo com o percurso transcorrido por quem alcança o pleno esclarecimento.

Primeira estação: a *resistência*, caracterizada pelo estado pela idealização e rebeldia ideológica que marcam a adolescência e o início da vida adulta.

¹⁰¹ SANTOS, 2016, p. 125.

Segunda estação: a *cautela*, que se caracteriza pela tomada de consciência, o início do domínio dos processos de esclarecimento, o início da busca por aquilo que está além dos interesses individuais, o trabalho intelectual para o bem-comum, a percepção das verdades escondidas e do funcionamento do Sistema, esperança e compartilhamento.

Terceira e quarta estações: a *desilusão*, caracterizada pela desesperança, sensação de derrota diante da confirmação da impossibilidade de transformação da estrutura que rege o andamento da sociedade, resignação, redirecionamento da atenção para assuntos intrapessoais, certeza da impotência sobre o mundo, sentimento de inutilidade, reflexões sobre o passado, melancolia, solidão e certeza da falta de sentido na existência.

2.

A consciência da própria existência e suas fases, bem como a noção clara de si mesmo e a vontade de compartilhar a consciência com outras pessoas por meio da palavra, revelam que a poesia de Renato

Russo é, desde seu início, imbuída de um caráter esclarecido e busca a luz em todas estas quatro fases do ciclo apontado por Maria Yonar. Não importa o tema de cada um dos poemas que formam a obra poética de Renato Russo, em cada um deles a presença do esclarecimento emana nos questionamentos, nas reflexões, nas conclusões, nas representações e no compartilhamento de conhecimento em si.

3.

O estado de esclarecimento do poeta que o torna capaz de desvelar verdades e formular questionamentos, para muitos, passaria despercebido.

Para acessar tais revelações, é preciso que o receptor dos poemas se disponha a recebê-las, se interesse em ler, ouvir e refletir sobre o que o poeta diz, não acessar apenas como entretenimento, se deixar provocar e se inquietar, para formular seus próprios questionamentos e, assim se tornar capaz de construir seu conhecimento. Basta lembrar que o esclarecimento somente ocorre para aqueles que buscam o saber, enfrentan-

do todo o sofrimento inerente ao caminho que deve ser percorrido para alcançá-lo. Não há esclarecimento do pensamento sem sofrimento emocional.

4.

As conclusões a que chegou Edilson dos Santos Monteiro¹⁰², destacando toda a consciência do poeta Renato Russo como voz ativa contra o fascismo, como defensor dos movimentos pela liberdade de gênero, das causas dos povos originários e da democracia, bem como ferrenho opositor da opressão imposta por sistemas de governo como a ditadura militar brasileira, revelam constante postura esclarecida do poeta que se dedicou a fazer uma poesia fraterna; como concebia Octavio Paz.

Renato Russo foi um consciente e por amor tomou a atitude de usar a poesia para disseminar a importância do esclarecimento para que as verdades sociais venham à tona e possam ser discutidas e analisadas por todos de forma consciente e livre.

¹⁰² MONTEIRO, 2022.

5.

Em “Pais e filhos” Renato Russo usa sua poesia esclarecida como espaço de reflexão para compreender os motivos do suicídio a partir do olhar sobre acontecimentos do passado, numa atitude não apenas racional, mas sobretudo emocional e afetiva. O eu-lírico percebe as nuances das relações entre pais e filhos que teriam levado ao suicídio da filha. É um trajeto de esclarecimento não apenas dos motivos de outros e das de suas relações, mas também, como é muito próprio do sujeito esclarecido, um caminho também para o autoconhecimento.

É um processo de compartilhamento de suas conclusões com os receptores do texto. A primeira conclusão é que o essencial da vida é viver e conviver tendo o amor como base existencial: “É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã, porque se você pra pensar, na verdade não há”. A segunda conclusão é que o percurso da vida é sempre o mesmo para a maioria e, por isso, é necessário entender ambos os lados: “Você culpa seus pais por tudo, isso é absurdo. São crianças como você, o que você vai ser quando você crescer”.

6.

Não posso aceitar a leitura de Marcos Carvalho Lopes¹⁰³, sobre a poesia de Renato Russo nos álbuns *As Quatro Estações* e *V*.

A “perspectiva ética-romântica (...) construindo uma grande utopia em torno do amor e do sentimento sagrado” não é sinal utopia, ingenuidade e ausência de esclarecimento. É a marca da fase que corresponde ao auge do estado de esclarecimento. É o resultado da percepção de que a postura de resistência arrogante e inerente ao ímpeto da juventude faliu e começa a ser substituída pela noção de que a atitude rebelde não gera quaisquer mudanças no mundo, senão apenas ações violentas e desgastes emocionais.

É ainda, na verdade, o momento do auge da maturidade emocional e racional, em que a frustração com a inutilidade da resistência impetuosa e feroz é substituída pela noção de que não há possibilidade de transformação coletiva de grandes massas, mas, talvez, apenas transformações individuais, pessoa por pessoa, lentamente, por

¹⁰³ LOPES, 2011, p. 145.

meio do autoconhecimento, da fraternidade, do compartilhamento do saber, da vivência de valores virtuosos... todos aspectos próprios do amor. Não o amor passionai, mas o amor universal, o fazer o bem.

Ao contrário do sugerido por Lopes, não é utópica, mas o oposto. É o estágio caracterizado pela serenidade, a calma, a sobriedade, a bondade, a disciplina e a valorização das pequenas coisas da vida em detrimento das grandes ações de resistência.

É este o amor de que Renato Russo trata nos poemas de *As Quatro Estações*, à semelhança com que o poeta Carlos Drummond de Andrade propõe pelo seu eu-lírico em *Claro Enigma* (1951). Para o eu-lírico de Renato Russo, “É só o amor, é só o amor, que conhece o que é verdade”¹⁰⁴. Para o eu-lírico de Drummond, “Este o nosso destino: Amar sem conta”¹⁰⁵.

¹⁰⁴ Verso de “Monte Castelo”, publicado em *As Quatro Estações*. Neste poema, Renato Russo constrói um novo texto a partir da junção entre 1 Coríntios 13:1-8, de onde foi retirado o verso aqui citado, e o soneto de Camões *O amor é o fogo que arde sem se ver*.

¹⁰⁵ Verso retirado do poema “Amar”, in DRUMMOND (2001, p. 55).

7.

Sobre o eu-lírico de Carlos Drummond de Andrade, Affonso Romano de Sant'Anna concluiu:

Para merecer sua oferenda foi preciso decompor sua engrenagem com o único instrumento que se oferece: a consciência. Poesia como chave e caminho, como mapa e código, como um cofre que só se abre quando se lhe justapõe a imagem de seu segredo. Com as palavras este o poeta montando e recompondo os dados do enigma original.¹⁰⁶

Palavras que se estendem até o eu-lírico de Renato Russo, cujas semelhanças com o percurso da poesia de Carlos Drummond de Andrade são profundas. Renato Russo também soube revelar o enigma original, desvendando a “máquina do mundo”, o Sistema que mal. Feito isto, o seu eu-lírico, assim como o de Drummond, virou as costas para a mundo... e saiu cantando.

¹⁰⁶ SANT'ANNA (1992, p. 248).

Este livro foi composto na tipologia
Sagona ExtraLight, tamanho 12.

SOBRE O AUTOR:

ALESSANDRO ELOY BRAGA é Doutor – com distinção e louvor – em Estudos Clássicos pela Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (2015); Mestre em Educação pela Universidade Católica de Brasília (2001) e Licenciado em Letras-Português pela Universidade Católica de Brasília (1995). Foi bolsista CAPES. É poeta com dois livros publicados: "Conjugações do verbo amar" (2021) e "Alma Pública" (2016); ambos os livros realizados com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal. Como pesquisador e ensaísta publicou o livro "A poesia brasiliense em dez atos" (2023) e os seguintes artigos: "A mitologia Greco-romana e a natureza nas representações do amor e do erotismo em Glauro de Silva Alvarenga" (2019); "A negação da autoctonia como cura para o miasma" (2017); "Perspectivas da autoctonia e suas relações com o trágico nas tragédias tebanas de Sófocles" (2017); "Autoctonia e manipulação política na República de Platão 414B-415D" (2015); "A genealogia cadmeia em Tebas" (2015); "Avaliação do ensino de Literatura por professores e estudantes do Ensino Médio" (2003).

Este projeto foi realizado com recursos do Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal.